Microfilmado
3/4/98

TERPSICHORE
MVSA ACADEMICA

Na Aula dos Generosos de Lisboa.

OFFERECIDA.

A S.ra D. ISABEL FRAN.ca DA SYLVA
Dama da Rainha N. S.ra

Pello Doctor IOSEPH DE FARIA MANVEL
Capellão del Rey N. Senhor.
E Confessor da sua Capella, & Casa Real.

C.
2084

EM LISBOA.

Na Officina de IOAM DA COSTA,
Vendese em caza de Domingos Carneiro, na rua noua.

Anno M. DC. LXVI.

Com as Licenças necessarias.

A SENHORA

D. ISABEL FRCª DA SILVA

Dama da Rainha N. S.

Arece que o guardauapara eſta boa hora, a Eſtrella deſte Liurinho, pois eſtando para ſair a luz ha muitos dias, sò neſte acertou a mo-

ſtrarſe em publico na Corte, & apòr o pè em Palacio; mas que muito, ſe vai confiado em que ſe vè na mão de V.S. aonde a força do reſpeito, & o grande da opinião ha de julgar os criſtais por diamantes, & o doura- por ouro. Piquena he a offerta que delle faço a V.S. & improporcionada a tanta grandeza, mas ſe fora mayor, não luzira tanto ſua fidalguia. Tão alto penſamento diſculpe o breue das palauras, & o limitado da obra, que ſuppoſto que indigna de tanto fauor, o obſequio com que a offereço, & a confiança de hauer ſido V.S. a primeira das ſenhoras Damas, com quem exercitei meu Officio de Cõfeſſor da Caſa Real (primacia que muito eſtimo) me dão eſtas confianças. Guarde Deos a Voſſa Senhoria muitos Annos com tantos dotes da fortuna, quantos

tem da natureza. De casaquinza de Outubro de 1666.

Ioseph de Faria Manoel.

PRO-

PROLOGO.

Eitor amigo, ou curioso Leitor, ponho que o hes, pois les os Prólogos.

Ella Musa me naſceo aqui na Freguezia no Jardim da Academia dos Generosos, nos Palacios de Apolo, na Vniuerſidade das Sciencias, & foi das mimoſas da Corte do Parnazo, & a eſtimada do filho de Latona, & Inuentora da ſua Cithara, donde lhe chamáram Citharista; veo a meterſeme em caſa deſde minina por não ſei que pendencias diz que tiuera com as outras, ſobre o repartir da agoa da Fonte Cabalina, em hum Verão que houue grande ſeca de Poetas; outros dizem que ſobre guiar huma dança nas feſtas de Ioue em Helicon vizinho do Parnazo. (valha a verdade) Pareceolhe acerto acolherſe a ſagrado por fugir arruidos; fizlhe eu o agaſalho que pude, não o que ella merecia: & em ſatisfaçam deſte ſeruiço me fez Poeta (tal qual Deos melhore, & tu verás nas minhas obras) Deome confianças

fianças para ir a Academia com cartas de fauor de Apolo, de quem era o mimo; meteome na cabeça fazer verſos, & como o ſeu natural alegre, & muſico, era de minha inclinação, foi facil acommodarme a ſeu genio, donde a minha Poeſia ſempre inclinou àquella parte, mas nem por iſſo (dizia ella) deixaſſe os altos conceitos, & as Ideas ſubidas, que ſe acertaſſe com a meſcla de tecer huma, & outra couſa, acertaria com huma inuentiua agradauel que contem aquelle dificil ponto de ajuntar o vtil, & deleitoſo. Tanto fui continuando no exercicio, que ella obrigada de minha aſſiſtencia, por me adiantar nas honras, como era valia, & valedora do Secretario illuſtre da Aula dos Generoſos, me fez conſultar duas vezes em Preſidente da Academia, & me poz naquelle lugar por moſtrar o que podia.

Iſto aſſim feito, creſcendo com o tempo a Muſa, tendo jà gaſtado alguns annos em minha companhia, começou a requererme, que ſe não atreuia a eſtar encerrada tanto tempo, que a deixaſſe ſair a luz com os partos do engenho que em mim hauia criado; reſiſti o que pude, & não

não pude nada, pois contra o meu intento se quiz pôr em publico, leuando consigo quantos borroens achou, mal limados, & peor escritos, que escapàrão nesta casa, da mudança, & da perguiça, dous bichos bem peçonhentos contra papelinhos soltos: nelles acharàs ainda duas Oraçoens Academicas ao principio, & [illegible] entre ellas alguns Certamens em que assisti, donde me derão alguns premios, alguns assumptos Academicos em que me achei, outros varios, & hum Baile cantado, que por mostrar a Musa a sua inclinação quiz tambem leuàlo consigo.

A isto da inclinação da Musa, pôdes pôr huma instancia (se quizeres) dizendo que he mais de bailes, & musicas, que de versos, & obras Academicas. E como he razão que acuda por ella, respondo; que a esta Musa se assigna com singularidade toda aquella Poesia que se vincùla à musica da voz, & aos compaços, & medidas dos bailes armoniosos, & que as Oratorias, & os versos tambem constão de regras, medidas, methodo, & ar[illegible]onia; assim que não foi desacerto valer della, & demais, que o mesmo officio tem

todas

todas as outras oito, como introduz Homero na 1.p. da sua Iliada, lib. vlt. & cõforme a aduertencia de Atheneo, lib. 14. das suas Dipnosophistas, que diz, que ao som da lira de Apolo recreauão aos Deoses com sua musica depois daquella ambicioſa contenda, que os mesmos hauião tido por Achiles, & despois de Homero o mesmo affirma Hesiodo no principio da sua Theogonia, como quer Luciano, dizendo hauellas elle mesmo visto no Monte Helion, bailando juntas em roda da Ara de Iupiter, & às margens da fonte Castalia; com que igualmente a todas compete aquelle genero de musica Poesia, ainda que a cada huma se atribuão diuersas ſpecies Poeticas. Caliope he huma Musa toda Douta, & não he para todos; Clio he huma Real Musa, & he para poucos; Polymnia, he huma Musa moral, & nem todos a quererão ouuir; Melpomene he huma Musa triſte, & todos hão de fogir della; Eràto he toda amores, & toda serà canceira; Thalia não he muito honesta, & não serue; Euterpe he huma trombeteira, & estrugirà a gẽte; Vrania toda he do Ceo, & não quereà

rerà andar na terra com as minhas tróuas às costas. A nossa Terpsichore, he huma moça na figura elegante, no espirito alentada, no aspecto formosa, ayrosa nas acçoens, engraçada nos mouimentos com huma cithara nas mãos gouernando ao mesmo tempo, com o mesmo compaco a doçura da voz, & as mudanças dos passos, cantando, & dançando; & hauendo de escolher, porque não seria esta? de quem diz Plutarco, que a mayor parte da vida nos aliuia, & deleita, cujo nome significa deleitar a coros, que isso quer dizer Terpsichore; ahi a tens fazendote festa, alegrandote, & seruindote. Se ainda assim te não contentas, não sei que te diga, se não: *Vale*, que em Portuguez quer dizer, tenhas muita saude, & a Deos que ta dé como desejas. De casa, o anno dos effeitos do Cometa, em 5. de Nouembro de 1665.

I.O Academico Sinayta.

LI-

LICENCAS.

VIstas as informaçoens que se houuerão, pòdese imprimir este Liuro, cujo titulo he *Terpsichore Musa Academica*, Autor o Doctor Ioseph de Faria Manoel... depois de impresso tornarà ao Conselho para se conferir com o original, & se dar licença para correr, & sem ella não correrà. Lisboa 19. de Ianeiro de 1666.

Pacheco. Sousa. Fr. Pedro de Mag. Rocha. Magalhaẽs de Menezes D. Verissimo de Alencastro.

POdese imprimir. Lisboa 27. de Ianeiro de 1666.

F. Bispo de Targa.

POdese imprimir, vistas as licẽças do Ordinario, & S Officio & impresso tornarà a esta Mesa para se taxar, & sem isso não correrà.

Lis-

Liſboa vinte & oito de Ianeiro de 1666.

Velho. Magalhaẽs de Menezes.
Lemos. Miranda.

VIſto eſtar conforme cõ o original, pòde correr eſte liuro. Liſboa 10. de Dezembro de 1666.

Pacheco. Souſa. Fr. Pedro de Mag.
Rocha. Magalhaẽs de Menezes.
D. Veriſſimo de Alencaſtro.

TAxão eſte liuro em ſete vintẽs em papel. Liſboa 11. de Dezembro de 1666.

Monteiro. Souſa. Lemos.
Magalhaẽs de Menezes.
Miranda. Carneiro.

ERRATAS.

FOl. 62. verſ. 15. Com tanta fermoſura, ha de ſer Com tanta flor viſtoſa. Fol 73. Leys, ha de ſer Reys. Fol. 28. rjenta, ha de ſer, rienda. Fol. 177. arboles, ha de ſer, albòres. Fol. 189. mandera, ha de ſer mandadeta, & outros ſemelhãtes; *Corrige.*

ORAÇAM PANEGIRICA

NA ACADEMIA DOS

GENEROSOS DE LISBOA.

EM DOMINGO DEZANOVE

de Março de seiscentos & sessenta & dous.

SE da repugnancia, por tantas razoens grande, que o conhecimento de minha insuficiencia interiormente fez padecer a meu animo na eleiçam desta honra, pudera meu limitado talento formar seu parallelo para satisfazer aos encargos della, ninguem mais fecundamente que eu acudira a esta obrigaçam

(illustre, sabia, & generosa Academia) se da repugnancia (por tantas razoens grande) que o conhecimento de minha insuficiencia interiormente fez padecer a meu animo na eleiçam desta honra, pudera meu limitado talento formar seu paralelo para satisfazer aos encar- della, ninguem mais fecundamente que eu acudira a esta obrigaçam.

Cuidaua eu, que a honra deste lugar assi como resplandecia de fóra, era suauissima por dentro, & que não hauendo mais a que aspirar, que gozar della, não hauia mais que fazer que assẽtar nelle. Porém a experiẽcia de portas adẽtro ha oito dias me tem mostrado que

Não he assim quando lá vou.

Confesso que he honrado este lugar, & que faz honrados, lugar de sabedoria em fim. Confesso que he honrado pellos sogeitos que vi nelle de alguns annos a esta parte, taõ nobres, como doutos, taõ grandes como scientes, que puderão illustrar não só esta Cadeira, mas, sendo primos em tudo, honrar as de prima das Alexãdrias, das Athenas, das Romas, e de ambas as Espanhas em fim; saõ mui-

to conhecidos por isso não os repito, porque seus merecimentos não sofrem, nem ignorancia tam grande, nem estilo tam humilde. Confesso que faz honrados, & por nam ir mais longe temos de casa exẽplo. Aprended flores de mi. Pois aonde agora acabo de admirar os aquelles dias a tantos, & tão maiores, vos admirais vôs, & com razão, de me ver a mim agora tal, & tão humilde. Mas tambem confesso que se houuera hum Executor pellas diuidas que contrahe quem como eu sobe a elle com tão pouco cabedal para o desempenho, de nenhum modo me atreuera a esta honrada temeridade, aonde se o precipicio for igual ao atreuimento, sempre o nome se ha de conseruar ainda que seja na ruina, ou no intento.

Riscos ha de qualidade que perder nelles he honra, digao aquelle Barbaro, que supersticiosamente sacrilego, & baixamente ambicioso pegou fogo ao Templo da Deosa, & quiz, que nas cinzas delle voasse pello mundo sua fama. Digao Faetonte, que supposto que cahio, ninguem lhe tirou a gloria da causa, que

foi lograr tão de perto os rayos do mesmo Sol. Digao Icaro, que ainda que o mar de Creta foi oceano com as lagrimas de sua morte, nas agoas deixou seu nome eternamente escrito.

Icarus Icarias nomine fecit aquas.

E se a agoa sendo tão incõstante elemẽto sustenta huma fama, que muito que a terra a hum cahido conserue hum Epitafio, se a queda for de causa tão generosa? Emfim direi com o Principe da Poezia Espanhola:

Por estas asperezas se camina
A la immortalidad del alto asiento.

Na protecçaõ do senhor Dom Francisco de Melo, que me elegeo, busca o temor confianças, & com tão grande padrinho, centro de tantas virtudes naturaes, & politicas, me atreuo, qual outro Amiclas quando os outros calão a perder o silencio, como disse Catulo: Dum alij tacerent Amiclas perdidit silentium. *E acompanhãdome seu fauor, espero o melhor successo.*

Virtute duce, comite fortuna.

Bem conheço eu, & ingenuamente tambem confesso que a minha eleiçam foi

fortuna, & não merecimento. Vsemos pois da fortuna, assi como a Sibila aconselhaua, & animaua a Eneas.

Tu ne cede malis, sed contra audentior itô
Quà tua te fortuna sinet. (

He verdade que os Cezares, & os Alexandres de seus merecimentos formarão suas venturas.

Vnusquisq; est suæ sibi fortunæ faber

Mas quẽ se considera falto daquelles, valhase desta; artifice engenhosa he a necessidade, pedra de afiar aonde se aguça o engenho. (quemque

Et labor ingeniũ miseris dedit, & sua

Advigilare sibi jussit fortuna ferendo.

Nam sabeis que a fama de Xenofonte chamada Sabedoria, se infundio na alma sem mestre? Nam sabeis que de Plauto, & de Theocrito vem reconhecida a necessidade por mestra das Artes? Assim o canta Claudiano.

Rerumque remotas (egestas.

Ingeniosa vias paulatim explorat

Demais que aonde a moderaçam não basta, nem aproueita, he necessario o atreuimento, & a mesma necessidade que

tira o pejo ao rostr, lesculpa a operação.

Valhase da arte quem tem ruim causa, & tam grandes ouuintes, & com insinuaçoens faça pompa de huma mendicada modestia se do vso condenada por vaidade, aprouada por sincera da benevolencia de vossos juizos; que se dinjo em vossas luzes minhas sombras; conheço em vossos animos meus alentos; recebereis á boa parte minha necessaria temeridade, em quanto apelando da opiniam vulgar ao sentimento da vossa sabedoria diante de vosso tribunal represento as razoens da causa commua.

O Filosopho de Athenas, o homem mais sabio do mundo naquella idade acreditado neste nome por Oraculo de Apolo de quem se disse:

Mortaliũ vnus Socrates verè sapit.

O famoso Socrates, Autor primeiro da Philosophia moral, Mestre do diuino Platam, dizia de sy: que só huma cousa sabia. Vnum scio, me nihil scire. Que só sabia, que não sabia, & isto que nelle era modestia, & se podera tomar por ironia, em mim he verdade mais clara que a luz do Sol. Na boca de

Platam,

Platão sendo menino, laurárão humas abelhas hum fauo de mel, cujo caso foi prodigio que significaua a doçura á que hauia de igualar sua eloquencia; tanto que se Iupiter houuera de fallar em Grego (segundo diz̃ão os Philosophos) fallára em idioma, & estilo Platonico. Este lia aos Philosophos na Academia, lugar aprazivel, hum pouco apartado de Athenas, de quem seus discipulos se chamárão Academicos (como mais larga, & eruditamente ouui deste lugar ao Secretario desta Academia: o senhor Dom Antonio Aluarez da Cunha (então dignissimo Presidente) se este pois presidia á Academia de Athenas, & aquelle sendo tal, diz̃ia que ignoraua, quem se ha de atreuer a vincular a sy o nome de Presidente da Academia dos Generosos de Lisboa tanto, & mais illustre, & sabia que aquella, quanto esta logra em hum só tempo aquillo que ella alcançou, & ainda o mundo todo em dilatados annos, & prolongados seculos?

Porque admiro em huma Cadeira a sciencia de Socrates, Platam, Demosthenes,

sthenes, na explicação do Lypsio, em outra reconheço a doçura, & elegancia de Homero, Virgilio, & Camoens, nos Comentos de Tasso; em outra venero a sabedoria de Euclides, Ptholomeo, Tico-Brahe, & Archimedes nos Dictames de De-Ville, em outra vejo a inuentiua ou Poetica de Horacio, Iulio Cezar Scaligero, na doutrina de Aristoteles, & o que mais he, o fructo que logra em tantos filhos que della vemos sair para Vireys da India, para Gouernadores das Armas, para Generaes dos Exercitos, para Arbitros dos Conselhos, para Conselheiros dos Tribunaes.

Oh gloria! Oh immortal laurel!

O remedio que isto tem, he acolherme a sagrado, nam como delinquente, pois quem obedece naem pecca, se he licito o que se manda, que nunca a obediencia foi delicto, antes mais agradauel, quanto mais difficultoso o que se impera. Vt in dificilioribus quidem agendis obedientia gratior. *Diz Sam Bernardo; & assi mo ensina sua protecçam, mas como temeroso do encargo a que nam attendi por verdadeiro obediente.* Non atten-

attédit verus obediens quale sit quod præcipitur, hoc solum contentus quia præcipitur. *Quem de vèras obedece, nam repara na calidade do que se manda, só se contenta com que seja mandado, diz o mesmo Doutor. Nam de outra maneira me succedeo a mim, que ambicioso por obediente, não reparando no que aceitana, me achei impossibilitado a satisfazer o que aceitei.*

Quizera eu persuadir a vtilidade deste grande exercicio, que cuido que he o ponto deste negocio, mas creo que hei de aproueitarnos mais com as demonstraçoens, que com as methafisicas, quero antes apontar a quem o segue, do que dizernos que o sigais, mais vos ha de valer o exemplo, que as razoens, porque se o que entra pellos ouuidos se crè voluntariamente, o que entra pellos olhos com força violencia necessita, & assim persuade mais a força do exemplo, que a efficacia da eloquencia.

Firme opinião foi esta dos mais sabios Philosophos dos seculos passados. Confessa Aristides na Theage de Platam, circa finem, que muitas cousas a-

prendera de Socrates, nam só de conuersar com elle, nem (disse Seneca) tiuera Cleante nos seus costumes tão impressa a idea dos de Zenon, se sómente o tiuesse ouuido ensinar, sem que fosse tambem testemunha, & obseruador de suas accoens. Grandes forão no mundo Menedoro, Hermaco, Pulieno, nam pello que aprenderam na Escola de Epicuro, mas pello que virão, & conuersarão ao mesmo Philosofo, porque como diz o Esthoico com Clemente Alexandrino, para imprimir nos animos o character da cõstãcia he de mais efficacia ver hũ barbaro que se lança no fogo, que ouuir os compridos, & dilatados discursos de hum Philosofo que nos conuida á tolerancia, & sofrimento dos trabalhos; & se nam advertise de huma parte vireis ao famoso Calano seguidor do grande Alexandre na Persia, que voluntariamente se arrojaua aos incendios de hũa pira, & a maneira de Phenis se queimaua, & do outro lado estiuereis ouuindo a hum fecundo Orador que discursaua do sofrimento, nam tiuereis piedade do infeliz Sofista? E nam admiraricis o

rieis o magnanimo Genoso sista? Na luz daquellas flamas, ô como se verião extinctos os lumes da retorica, como as mudas estrellas á vista & na presença do Sol! como no generoso silencio do moribundo Philosopho immudeceria o importuno arrezoar do mais eloquente Orador! Como no ardor daquel[illegible]dio fatalissimo se secarião os innuteis torrentes da eloquencia prolixa! & á vista daquelle animo inuicto, como pareceria fraco o lado do ostētāte, & como ao viuo daquellas crepitantes flammas se perderião as cores da retorica! E como finalmente todos accēsos no fogo da Pira de Calano vos gelarieis no frio da Oraçam do Orador! E eu, que por caso não opinado, sou obrigado a obedecer, arrezoando pouco menos que improuizo (pois nunca mereci, nem esperei esta honra) a que argumento me podia tam justamente encostar? de que razāo me podia valer que fosse mais ajustada que aquella, em que a primeira, & mais efficaz parte da proua me vem ministrada da authoridade de personagens tam grandes, & iminentes, tam sabios, tam illu-

illustres como vedes frequentar esta Academia?

Quizera eu (segunda vez digo) conforme minha limitaçam pudesse, mostraruos, senhores, que este exercicio das letras he a esta Corte não só conueniente, mas necessario. Todas as Cortes do mundo mais assinaladas tiuerão, & tem este louuauel exercicio, não em huma, mas em muitas Academias; & que hauendo na Corte de Portugal sogeitos que puderão instituir, & ensinar a muitas, apenas (ô pena grande) conhecemos esta! mas ô magnifica, & eterna gloria do seu Autor! Em que outra cousa tam vtil pudera occuparse a Fidalguia, a Nobreza, & a Curiosidade? Em que outra occupaçam mais honesta se puderão gastar as horas, & o tempo? mas, O tempora! ô mores! Com esta só vnica Academia nos achamos; disse vnica? bem disse, que sendo huma, val por muitas, & entre muitas he vnica. Para ser homem cortezam, & homem de Corte, nam basta viuer na Corte; he necessario aprender, & ouuir as materias politicas, & moraes, as militares, as poeti-

poeticas, as oratorias, & finalmente tudo aquillo que se communica, & de que se falla. Eu cuido que o homem que ouuir fallar a outro nestas cousas, & não tiuer dellas, se quer huma mediocre noticia, andará entre os Portuguezes tam estrangeiro, como se ouuira outra lingoa, & diremos delle: Linguam non nouerat, audiuit; como do vendido Ioseph disse, & verificou o Real Propheta. Supoſto que os homens todos sejão essencialmente racionaes, sejam capazes da razão, da verdade, da modestia, da prudencia, do engenho, & de todas as mais virtudes, com tudo se se nam cultiuar, em vez daquellas flores, darà abrolhos de ignorancia; que valerà o diamante, a pedra mais preciosa entre todas, enterrada na terra? Sendo diamante chamarlhehemos bruto; que valerà o homem, que he o mesmo que o Mundo abreuiado, sem a noticia das artes, & das sciencias? Sendo homem, chamarlhehemos pedra. Hum Conselheiro de Ptholomeo o moço Rey de Egypto (como diz Lucano no outauo da Pharsalia) estimulado a hum cortezão

que

que mataſſe perfidamente a Pompeo que occupaua fogitiuo aquellas prayas, rõpeo neſtas palauras : Exeat aulà qui vult eſſe pius *Quem quizer ſer fiel, ſer prudente, ſer verdadeiro, ſer ſabio, ſeja Academico ; & pello contrario, quem o não for, nao ſera ſabio, verdadeiro, prudente, nem fiel.*

He a Academia huma verdadeira Eſcola em a qual ſe afina o entendimẽto com a prudencia, & ſe cultiua a vontade com virtuoſos exercicios; & a vontade, & o entendimento ſaõ as potencias que nos deſtinguem das feras. Daqui, & deſtas liçoens nace a cautella com que ſe encaminhão os negocios da Corte, o ſegredo com que ſe tratão, a prudencia em diuiſar as conueniencias de quẽ conuerſa com voſco, a ſagacidade em penetrar os fins alheos, a brandura em ſe acõmodar com a alhea natureza, parte principaliſſima de hum cortezão. Lembrame de Tiramènes famoſo nas hiſtorias dos Gregos (chamado dos Athenienſes Coturno) o qual dizia : que nam tinha pè que lhe foſſe eſquerdo, ou direito; era eſte o perfeito ſimbolo de

hum

hum discreto Academista, que a todos os humores, a todos os genios virtuosamente se acommoda. Sem aprender, sem aplicar, sem estudar, sem trabalhar, sem ouuir as artes, as sciencias, as liçoens, as duuidas, os argumentos, que será hum cortezam por mais nobre que seja? Será hum Alexandre sem Asia, a Media, & a India, prezo nos confins da Macedonia; hum Scipião sem Cartago, hum Pompeo sem Cossarios, hum Methello sem Numidia, hum Mario sem Iugurta, & hum Socrates sem Xantippe.

Andaua Diogenes a horas de meo dia na praça de Athenas com hũa vela acezа buscando hum homem, estando nella mais de mil, chegaua a cada hum aplicaualhe a luz, olhauao de pès a cabeça, & passaua a diante; perguntauãolhe que homem buscaua? respondeo, que hum que fosse verdadeiramente animal racional; em fim como Philosofo era conhecido, sofriãolhe estas demasias; se o Cinico entràra nesta Academia à luz desta sua tocha, descubrira nam só hum homem perfeito, mas muitos,

tos, & tantos quantos continuão estas liçoens, os menos sabios, para que o sejão de todo, & os sabios para que o sejam mais.

Depois de Platam ser o que era, perigrinou grande parte do Mundo, buscado os mais famosos Mestres das scic[illegible] & artes para aprender delles os primores da sua doutrina, cançado voltou a Athenas, & começou a ensinar de nouo a hum grande numero dos mais floridos engenhos, & nunca perdia occasião de perguntar, & aprender com toda a circunspecção, & humildade. Murmurauão lhe todos isto (que o Mundo atè disto murmura) & em sua cara o reprendeo huma vez hum, dizendolhe: atè quando, ô illustre Mestre has de ser discipulo? Respondeo elle: atè que se me acabe o desejo de ser melhor, & mais sabio. Digna reposta de tam grande homem!

Nam digo eu aos senhores cortezãos que sejão Platoens, nem Mestres, mas de ser discipulo quem se póde liurar, se quizer ser sabio? Dizia o mesmo Platam, & maraui lhauase muito que des-

nelan-

uelandoſe os homens naquelle tempo em fazer aos animaes ſemelhantes a ſy, nam puzeſſem algum cuidado em ſe fazer a ſy deſemelhantes delles. Hauia naquella Corte então demaſiada curioſidade, ou por goſto, ou por intereſſe de enſinar a fallar Aues, trabalhar Elefantes, brigar Vſſos, & dançar Caens, de modo que toda a canceira, & toda a fadiga tambem era a enſinar aos animaes acçoens humanas, & eſtes meſmos que niſto trabalhauão nenhum cuidado tinhão de ornar, & veſtir a alma de virtudes, & ſciencias diuinas.

Aſſi como os veſtidos, as galas, as roupas ſam ornato do corpo, aſſi as virtudes moraes ſam ornamento da alma; não ſeria eſpanto grande ver entrar neſta Aula a hum homem deſpido? qual ſeria nelle o pejo, qual em nós o rizo? nam o terião por louco? Pois he poſſiuel que ha de o Mundo pòr tanto cuidado por conſeruar a modeſtia em veſtir ao corpo; & nam ha de pòr nenhum por eternizar o nome em ornar a alma? Agora ſaberemos a rezão, porque o outro, ſem ella, ſe queixaua da natureza que

apro-

apropriando a si o nome de próuida, dèsse a todos os viuentes assim sensiueis, como insensiueis o que hauião mister para sua conseruaçam; & que ao mais perfeito que era o homem o criasse tão despido, & necessitado, que lhe seja forçoso buscar com arte, & trabalho o necessario vestido para não ser injuriado do tempo: mas assim o fez, porque deu ao homem entendimento, & industria para o buscar, & fazer, o que não fez às outras criaturas. Isto vimos no primeiro homem que não achando outra cousa mais à mão se valeo das folhas da figueira com que se cobrio. Pois se obrigou ao homem a necessidade a vestir o corpo, porque o não ha de obrigar a rezão a vestir a alma?

Ora eu começando este discurso armado dos exẽplos, porque mouião mais que as rezoens, vim a topar com as rezoens nos mesmos exemplos (que com exemplo não ha quem fuja à rezão) cuido que tenho cõ os que aponte de nossas portas a dentro authẽticada, & estauel minha opinião, que posso affirmar que tiro a conclusam da demostração

já

ja feita, & não esperar de minhas rezoens que prouem meu pensamento, seja como for, se os argumentos que apontei sam menos poderosos daquillo que pede a necessidade desta hora, apello ao exemplo de tão grandes sogeitos quantos vejo, venero, & sigo de quem aprendo, & de cuja sabedoria illustrado ja tiue confiança para louuar em limitada Oração o que douta, & suauemente pregoão tão grandes, tão dilatados volumes, nas lingoas da fama, nas vozes dos sabios, & nas azas do tempo, com felice, prospera, & merecida fortuna.

Dixi.

Por introducção da Academia, em quinta feira, segundo dia da Presidencia.

ROMANCE.

ACademicos illuſtres
Ouçãome voſſas merces,
E os que forem ſenhorias,
Façãome merce tambem.
Se houuer alguma Excellencia:
Porèm que digo ſe houuer,
Se todos ſaõ excellentes
Quantos a Academia tem?
Aguias generoſas voão
Ao Parnazo Portuguez,
Que à grande luz da Academia
Prouão que he real ſeu ſer.
Domingo fui Preſidente
(Sabe Deos como) & aſé
(Afirmo em toda a verdade)
Que de huma boa eſcapei.
Huma Oraçam fiz de cego,
Tal qual ella pode ſer,
E a voſſa benignidade
Deuoto me encomendei.

Ser

Ser Oração era força,
Pois que pedir intentei
Perdão da temeridade
Que me viſtes cometter.
Porque arrojado ao perigo,
Duuidoſo o mal, & o bem,
Não me reſtaua outra couſa,
Mais que pedir, & temer.
Ser de cego era forçado,
Que neſta grande altiuez
Se foi o lume dos olhos,
Sem viſta alguma fiquei.
Porèm valendome a tocha
(Empreza heroica) de quem,
E de cujo alto reflexo
Hum rayo participei.
Fui reparando os deſmayos,
Porque eſſa grandeza tem
A luz do Sol, que aſſim como
Cega a quem toda a quer ver.
Tambem a quem ſe contenta
Com pequena luz, ſe vê
Que lhe ſerue de que veja
Para acertar donde quer.
Foſtes tão ſenhores todos
Que diſſimulaſtes bem
Meus erros, mas o perdão

Mui-

Muito de senhores he.
Por cobrir minha ignorancia
Vi com grande gosto, que
Dourou minhas grandes faltas
Vossa grandeza cortez.
Não vi tão gr.. Auê ventura,
Nem culpa tão feliz, se
Em vez de se castigarem
Eu as vi engrandecer.
Isto tem quem a bons serue,
Pois que dà o premio, de
Vontades, como seruiços
Quem tem coração de Rey.
Dizemme agora que tenho
Obrigação de fazer
Hum Soneto, ou hum Romance,
Por ser da Academia ley.
Que os senhores Presidentes
Na quinta feira que vem,
Quando não tornem a orar,
Se tornem a offerecer.
Aun peor està que estaua,
Pobre de mim, que farei,
Que liure de hum sobresalto
Em outro me chego a ver.
Se desta me vejo fora
Em toda a vida terei

Que contar da tal batalha
Os ſuſtos com o prazer.
Suppoſto que me parece
Là nos ſeculos que vem,
Que de mim ſe não crerà
O que de mim ſe diſſer.
Porèm a pezar do tempo,
E das enuejas tambem,
No Catalogo da fama
Meu nome ſe ha de eſcreuer.
Porque com tal bizarria
Honra a virtude a quem quer
Chegarſe a ſeus reſplandores
Que logra de graça os bens.
Graças às luzes de tantos
Heròes, a cujos pes
Me reconheço obrigado,
E deuo tanto laurel.
Mas jà quero dar principio
A o Romance, & deſcreuer
Da Academia os Elogìos,
Como comece não ſei.
Tu ô Muſa a quem inuoco
Acompanhame fiel,
Dictàme agudos conceitos,
Que o ſoante agudo he.
Vem jà, que eſpero, não chegas?

Que

Que tardas? que te detens?
Nam me faltem teus fauores,
Porque os hei muito miſter.
Que he iſto? valhame Apolo!
Não me diràs o porque
Com que razão me negas
Quando me fazes merce?
Más ſenhores, diz a Muſa:
Que não póde agora ſer,
Que eſtà ſeruindo ao ſenhor
Luis Serrão Pimentel.
Que ha de ſer o Preſidente
Neſte Domingo que vem,
E ſe o for como coſtuma
Aſſaz tem em que entender.

CER-

CERTAMEN I.

EM DIA DE N. S. DAS CANdeas, à Dedicação da Aula nova, 1662.

PRIMEIRO ASSVMPTO.

Que a luz da tocha, empreza da nossa Academia, recebe a luz da Festividade das Candeas.

SONETO.

OY la diuina Aurora, luz materna
A Dios ofrece al Sol, que al mũdo alumbre,
Rayo maior es ya qualquier vislũbre
Vn Sol se boluerà la luz màs tierna:
Oy aquel que a la luz, y astros gouier-
Desde el asiẽto de la eterna cũbre (na
Recibe por ofrẽda al Verbo lumbre
Por dispensar al mundo luz eterna.
Si pues el dia en tantas luzes arde
La antorcha de las Musas rayos vibre
Que oy sale a luz en tã dichoso alarde;
Sea de la passion del ayre libre,
Pues en nubes de fuego no cobarde
Buelã sus luzes desde el Tajo al Tibre

Ao meſmo aſſumpto.

SONETO II.

QVãdo del Sol diuino, luz hermoſa
De aſſombros fertil, de eſplendores rica,
Con humano diſfraz ſe communica
Por manos de la Aurora màs precioſa;
Nueſtra Academia en todo vẽturoſa
Su ãtorcha a tãta lus, de ſuerte aplica,
Que los rayos que en ella multiplica,
Deuen hazerla al mundo prodigioſa.
Seràs al orbe lampara prudente,
Si te ampara el farol de alto deſtino,
O Aula generoſa! ô Acha ardiente!
Tanto dia te illuſtre peregrino,
Y viue eterna eſtrella refulgente
Si eres Centella de aquel Sol diuino.

SEGVNDO ASSVMPTO A EL-Rey N. S. excitandoo à guerra da Patria, & de Hyeruſalem.

CANÇAM.

ATi Alfõſo el VI. Ogrã Monarcha
El bizarro, el ſin miedo, el màs valiẽte,
A ti

A ti señor de Oriente aſtà Poniente
En quanto el ſerco de la luz abarca;
A ti el dueño de la miſma Parca,
A ti Iouen hermoſo, y flor màs bella
De Portugal Çentella,
De aquel cõ màs [illegible] Planeta quarto
Con ardimiento harto,
Llega mi Muſa reuerente en tan[illegible]
Que le concedes alma para el canto.
Y luego quãdo humilde, y reuerẽte
Tus plantas ciñe cõ accion hermoſa
Depueſto lo que tiene de medroſa
Con alientos de amante eſta preſente
Cobra la voz que tuuo intercadente,
Y le embargò tan candido reſpeto
En humilde conceto (millas
Te quiere hablar, ſi a oírla ya te hu-
Dòs razones ſenzillas,
Perdona que dizirlas no rezelo,
Porque ſon hijas del amor, y el zelo.
No eres, ſy, del valor caudillo fuerte,
Y tan ſeñor de todo que en la cuna
Te illuſtrò ſus enſayos la fortuna?
Y aplaudiendo tus manos, y ſu ſuerte
En vna ſola pertendiò ponerte
El Imperio del mundo dilatado?
O valor ſiempre armado

De sy mismo, en fortuna fauorable!
O golpe irreparable
El de tu mano pues harà tu intento
A un màs cõ ella, que el Titã cõ ciẽto!
Tãto tu Imperio ha sido afortunado,
Que la mismo fortuna le ha temido,
Pregonelo el Ibero ya vencido,
Que huyẽdo las vitorias se ha dexado,
Digalo el mundo todo de admirado,
Si a èl, y a ella quieres dominallos,
Armate tus Vassallos
Sean ellos tu peto reluziente,
Que si esso vè la gente
Al Tajo miraràn nuestros dezeos,
Como de arenas, ricos de troseos.
Si quieres ser Monarcha soberano,
Emprẽde altiuo nueuas Monarchias,
Dà complemiento a tantas profecias,
Arma de rayos la inuencible mano,
Sienta tu jugo el barbaro Ottomano,
Rescate tu valor, aun no bien visto
El Sepulchro de Christo,
Sugeta de la rienta con tu freno
Al cruel Agareno,
Eclypsa, si eres Sol, vna por vna
Todas las luzes de su corva luna.
Para Cãcion que a tu señor prometo
Con

Con verdad, y reſpeto
Si a tanta accion encaminares paſſos,
Que en Portugal le cantaran mil Taſſos.

TERCEIRO ASSVMPTO.

Glozar eſte Mote em louuor da Academia.

Tanto póde o Canto, que
Nada fez menos que quanto
Conta o Conto, & canta o Canto
De Thebas: que foi porque.

GLOSA.

O Canto que fez juntar
A pedra para cem muros,
O Canto que aos eſcuros
Reynos fez muito alegrar;
O Canto em que paſſa o mar
Arion não achando pé,
O Canto que a Vliſſes he
Tão docemente peruerſo,
Eſte he, por quem diz o Verſo:
Tanto pòde o Canto, que.

E ſe o Canto he tal portento
Por liſonja de hum ſentido,

Quanto será preferido
Por gloria do entendimento?
Viua pois de annos hum cento
Da nossa Academia o canto
Sendo mais que o outro canto
Supposto que muito fez,
Posso dizer que esta vez
Nada fez menos que quanto.
Escrita em bronze, ou diamante
Esta ventagem será
Bem o conto o contará,
E o canta o Canto constante:
Cada qual he hum Atlante
De huma acção que importa tanto,
E assim que prezandoa em quanto
Nola aualia a razão,
Fazem sua obrigaçam
Conta o conto, & canta o Canto.
Porque a nossa Academia
Tem canto de tal valor,
A gloria terà mayor
Do que Thebas presumia:
O seu Anfion se atrahia,
Porque foi, ja nada he,
E a nossa terà com que
Lograr sempre essa victoria;
Porèm acabouse a gloria

De Thebas que foi, porque.

QVARTO, E VLTIMO Assumpto.

Em louuor da Arte Poetica, a mais Excellente, & por isso digna dos melhores.

ROMANCE.

AQui de las nueue hermanas.
Ea muchachas que hazeis?
Venid que todas inuoco,
Y a todas é menester.
Venid, que la causa es vuestra
Al Parnazo Portuguez,
Y a la luz deste Certamen
Vuestra causa defended.
En alabança del arte
Que vòs mismas exerceis
En buen Romance quiziera
Cierto Romancito hazer.
La dificultad no dudo,
Però venid, y vereis
Quanto puede vn fauor vuestro
En quien necessita dél.

Sal-

Salga Clio la bizarra
Con Elogios al Rey,
Y a los grandes, que es su estilo
Muy grande en el proceder.
Venga Polymnia la bella
Muy preciada de lo que es
Moralidade en el mundo
En la vida, y en la ley.
Llegue Melpomene triste
Con el funebre Cyprez
De alguna persona insigne
Acordando lo que fue.
Salga Eràto de hermosura,
Y amores, jurando que
Ella sola que lo entiende
Puede hablar del querer bien.
Venga Terpsichore alegre
Con los bailes, y entremez,
Dando si gusto al oydo
Gloria con lo que se vè.
Llegue Thalia de burlas
Iocoza desde niñez
La sal de la discrecion,
Y lo picante tambien.
Salgan Caliope, y Euterpe,
Y Vrania de vna vez,
Que con ellas son las nueue,

Pues

Pues son nueue, tres, y seis.
Miren lo que son las Musas,
Ya tengo echo mi papel,
Mas diran que es mucha gente
Yo me acomodo con tres.
Serán las del Mantuano
De aquel Cysne Portugues,
Con cujas vozes el Tajo
Embidia del Nilo fue.
Estas me influyan aliento
Para que animado del
Satisfaga con las leyes
Del assumpto màs cortez.
Y diga que es la Poezia
En la nobleza, y el ser,
De todas las demàs artes
Solo corona y laurel.
Doi lo por dicho, esso es cierto,
Quien lo duda, si ella es
Hija del entendimiento,
Y de gentil parecer.
Aquella vsada en el Cielo
De sus cortezanos, que
Incessablemente cantan
Hymnos a su mayor bien.
A cuya imitacion haze
La nuestra Hyerusalem

Canciones al dulce Esposo
De las almas solo Rey
Aquella que con su sciencia
Sola pudo comprehender
El punto de vtile dulci...
Con gracias, y sin ofender.
Y pues ella alaba a todos
Quando alabarla no sé
De todos sea alabada
Por quien son, y por quien es.

SEGVNDO CERTAMEN

Na dedicação da Aula, anno 1663.

PRIMEIRO ASSVMPTO.

Em graça, & louuor de huns olhos pequenos, prouando que saõ mais fermosos que os grandes.

SONETO I.

HVns olhos, ó Cupido portentosos,
Que pellos teus trocaste mais sere-
São teus amor, por isso saõ piquenos (nos
Mas poisaõ teus, por isso mais fermosos:

Traça foi dos disignios poderosos
De tuas settas, & de seus venenos,
Porque donde a ferida se vè menos,
São todos os remedios duuidosos.
Astuto Caçador en laço breue
Por desmentir [illegible]dos, & cautelas
Nelle poz seu poder tu[illegible]o que teue:
Digão os grandes suas luzes be[illegible]as, (ue
Que os piquenos de Nize em Ceo de ne-
Influe como Sol, saõ como Estrellas.

Ao mesmo assumpto.

SONETO II.

DIuinos olhos dõde amor acẽde
O fogo cõ que abraza a fermosura,
Se sois piquenos, vossa graça pura
De amor vne a virtude, & tudo prende:
Quantos o amor Imperios cõprehẽde,
Todos lhe auassallou vossa ventura
Nessas luzes sutis, nessa ternura,
Que pella pequenhez em tudo entẽde.
A vossa vista os grandes saõ somenos,
Pois de todos leuais vitoria, & palma,
O mesmo amor assim vos solemnize:
Sois cifra da belleza por piquenos,
Sois as settas do amor, sois do amor alma
Sois mais fermosos, porque sois de Nize.

TER-

TERCEIRO ASSVMPTO.

Satirizando o ouro, prouar que he a cauſa de todos os trabalhos do mundo

CANÇAM.

Mvſa minha a mais bella deſſe Choro
Que no Parnaſo piſas flores bellas
Ià diſſe que eras pobre pois hes minha,
E mais quãdo em hõrarme te deſuellas;
Aſſiſteme com graça, & com decoro
Contra o ouro eſta Satira encantinha,
E o faràs bem azinha,
Pois te foge tyrano, & auarento,
Dizelhe logo hum cento
De injuriosas afrontas, & maldades,
Não cales as verdades,
E já que vſou tão mal ſempre contigo
Neſcia ſeràs ſe poupas o inimigo.
Dizelhe: Filho vil da baixa terra,
Ingrato à meſma may que o ſer te daũ,
Pois foſte cauſa que as entranhas duras
Lhe rõpeſſe a ambição que te buſcaua;
A cauſa de ſeu mal em ti ſe encerra
Por teu reſpeito viuem mal ſeguras

As

As toscas aberturas
Que para respirar sua grauеza
Lhe deu a natureza,
Pois apenas se sabe que te cria
Quando he a natomia
Ao duro ferro q[illegible] raſga as veas, (as.
Que de ti, que es seu sag[illegible] estauão che-
Este he teu nascimento a tua vida?
Logo que te diuisa a luz do mundo
Sem merito alcançaſte a môr ventura,
E ve agora se em razão o fundo,
Pois sem razão alguma conhecida
Os homens que tão mal o considerão
Tanto valor te derão.
Porém logo soberbo, & insolente
Te introduzes da gente
Senhor, tyranizando a liberdade,
Pereceo a verdade,
Profanaſte a razão mais abonada,
E foſte em todos tudo, sendo nada.
A cobiça de ti no humano peito
Atreuendose a casos, & a locuras,
Olha o que nauegou de varios climas,
Olha o que naufragou de desuenturas
A tantos males sô por ti sugeito:
Olha a que precipicios tu o animas,
O pouco que o estimas

De mais perigos que ondas combatida
Cada instante perdido
Fiando de huma taboa mal segura,
A vida, & a ventura,
De tal sorte que fica duuidoso,
Se he homé, ou se he [illegible] o cobiçoso.
Né sem ti [illegible] contigo o mundo viue
Olha com que razão de ti se queixa,
Pois ama hum inimigo tão forçoso
Por qué todo o descanço perde, & deixa
Sem que contigo nunca se adjetiue;
O pobre que te busca desejoso
Se occupa cuidadoso
Em te alcançar gastando noite, & dia
Na enganosa porfia
Roubandolhe os trabalhos a esperança,
E só penas alcança;
E a seu desejo tal lhe correspondes,
Que no cétro da terra então te escondes.
O teu fauorecido, o teu mimoso,
O rico cõ quem viues, cõ quem moras,
Nao tem vida contigo, nem sossego,
Perde do sono, na alta noite, as horas,
Por guardarte vigia temeroso
Em esconderte faz maior empreg[illegible]
E a resolnerme chego
Que o torméto maior, a dôr mais graue
Tem

Tem debaixo de chaue
Guardando sua pena, & teu engano;
O mil vezes tyrano
Com capa de riqueza fementida
Dourando a pena, mas roubando a vida.
Finalmente, tu causa a todos
Os trabalhos do mũdo, ô nostro insano,
Tu dèste a Midas o maior tormento,
A Iupiter fizeste mais profano,
A todos tratas mal por varios modos,
Causas hydropezia com o alento,
Sempre foi teu intento (culpas,
Negar o premio aos bõs, dar premio às
Toda a treição desculpas,
Facilitas o odio, & a vingança,
Mas na desconfiança
Logo pareces tímido, & culpado,
Que andas sẽpre escõdido, & descórado.
Musa, baste de Satira por hora,
Que cansados estamos
De dizer contra o ouro sete ramos,
Agora entre o remate
Daràs com hum conceito a tudo mate,
Dizẽdo (o que importou a muitos tãto)
Que quẽ mais o despreza, esse he mais santo.

QVAR-

QVARTO ASSVMPTO.

Prouar que se julgou bem em Athenas, ordenando que nos Prestitos fossem os Medicos atraz dos Aduogados.

ROMANCE.

ENtre dos sciencias màs grandes
Oy sale a la plaça vn pleito,
Que supuesto que juzgado,
Es necessario entenderlo.
Pleitearon en Athenas
Vniuersidad de ingenios,
Madre augusta de las sciencias
En el siglo de aquel tiempo.
La Medecina de vn lado
Mui señora proponiendo
Por màs noble, ò màs diuina
Soberanos priuilegios.
Las Leyes por la otra parte
Con sus parrafos, y textos
Por defensoras del mundo
Pertendian màs respeto.
Confundieronse las vozes,
Los Baldos con los Galenos,

Yen

Y en la confusion de todos
Pide justicias el pueblo.
La justicia con las Leyes
Hizo su razonamiento
Por parte de su justicia,
Y dixo con gran [illegible]
Que era la màs graue [illegible]das
Las demàs, porque su objecto
Era darle a cada vno
El suyo ni màs, ni menos.
Y que no pudiera el mundo
Desde el Cayado, hasta el Ceptro
Viuir en paz en la tierra,
Sino fueran sus preceptos.
Vna legion de Abogados
Lo mismo acclama, diziendo:
Viuan las Leyes por quien
Se conserua el mundo bueno.
Los Medicos pues, apenas
Aquella palabra oyeron
De estar bueno el mundo, quando
Ansi responde vno dellos.
Esto de estar bueno el mundo
Se dexe a los documentos
De la Medecina santa,
Del mundo el vnico aliento.

Por-

Porque el Autor de las cosas
Desde el Alcaçar del Cielo
Embiò la Medecina
Para vniuersal remedio.
Pusola en yeruas, y plantas,
Aguas, y piedras teniendo
Que en nuestras manos màs facil
Se hallarà el remedio presto.
El curar, y el procurar
Aunque parece lo mesmo,
Ay muy grande diferencia
En la materia, y sugeto.
El Abogado procura
La hazienda, y bienes del tiempo,
Y el Medico solicita
La vida, bien màs supremo.
Sin salud valieran poco,
Ni las riquezas de Cresso,
De Salomon las grandezas,
Ni de Alexandro el Imperio.
Que es la salud necessaria
Aun para ser santo, es cierto,
Pues sin ella no passaran
Las virtudes del deseo.
Oìdas pues ambas partes
Las razones, y el derecho
Iuzgando que era maior

La

La dignidad de los Medicos.
Mandò la Vniuerſidad
Darles el màs noble aſiento,
Y el lugar màs ſuperior
En el publico, [illegible] Preſtitos.
Eſte es del negocio [illegible] ſo,
Y el parecer màs diſcreto,
Como lo dixo el aſunto,
Y a ſu parecer me acueſto.

QVINTO ASSVMPTO.

Que as ſaudades ſaõ o maior goſto do amor com hum verſo Caſtelhano, outro Portuguez.

DECIMAS.

QVien es Phenix en amar
He ſeu goſto o padecer
El qual mayor ha de ſer
Quanto mais for o penar:
Es morir, y no acabar
Das ſaudades o rigor
Alli ſe apura el valor;
Logo ſaõ as ſaudades
En las maiores verdades
O maior goſto do amor.

Si

Si lo que ſe ama ſe vé
Goza a viſta do que adora,
Si no ſe vè lo atheſora
Dentro n'alma a melhor fé:
Luego la gloria ſe dè,
E leue do goſto nace,
Quando em dichoſa calma
Viue de mal repetido,
Si lo que niega a vn ſentido
O concede a toda huma alma.
En quanto tengo preſente
O bem que quero, & adoro
Lo mucho que quiero ignoro,
Porque a falta ſe não ſente:
Mas ſi llego a eſtar auſente
Neſta amante tempeſtade,
Porque al amor màs agrade,
E quando Phenix me acclamo
Veyo lo exceſſiuo que amo
Na pena da ſaudade.
En quanto con màs rigor
A ſaudade atormenta
El dulce eſperar me alienta
Que hei de lograr meu amor:
Y como tanto fauor
Auulta mais na Eſperança,
Que en la poſſeſſion, deſcança

Na

Na saudade o cuidado,
Y el mayor bien de lo amado
Na saudade se alcança.
Y si la razon pregona,
Que jà não he saudade
Aquella que persua[illegible]
Aliuios, isso me abona:
Porque el merito corona
Amor que sabe fazer
Laureles del padecer;
De sorte, que mais altiuo
De los males el motiuo
Gloria, & gosto venha a ser.
Finalmente son mi vida
As saudades, porque
Son creditos de la fé
A que viue a alma vnida:
Son de vna idea subida
As mais sentidas verdades,
Y del amor realidades
Se assim fino o considero,
Y porque son de quien quiero
Quero muito às saudades.

A. C.

SEX-

SEXTO ASSVMPTO.

Glosar este Quarteto em Quintilhas.

En vuestros ojos Leonor
Leo onor, y aunque onor leo,
Amor, Leonor, de letrèo,
Quando, Leonor, leo onor.

GLOSA.

LEonor en quanto no auia
Vuestra singular belleza
En el mundo, no sabia
(Porque objeto no tenia)
Amar la naturaleza:
Mas oy que os llega a lograr
Quiere triunfar el Amor,
Y para màs sugetar,
Puso la escuela de amar
En vuestros ojos, Leonor.
Yo que dichoso los vi
Onor de amor por tan bellos
A amar de suerte aprendi,

Que

Que no supe màs de mi
Despues que he leydo en ellos.
Pero como son de amor
El onor, y el dulce empleo,
Si amor quiere por favor
Que lea, sin ser error.
Leo onor, y aunque onor, sobre
Quando digo la lecion
Señora que amor pergunta
Luego dize el coraçon:
Leonor, que ansi mi aficion
Silabas, y letras junta:
Mas como apunta el amor
Al deletrear, el deseo
Sigue su impulso mayor,
Y en vez de dezir Leonor,
Amor, Leonor, de letrèo.
Este es todo mi saber,
Ser todo vuestros despojos,
Y como os supe querer
Amor tengo de leer
En vuestros diuinos ojos:
Y quando amor, Leonor, lea
Tambien leo onor de amor,
Que son ellos, porque sea
Lo mismo que amor dezea,
Quando, Leonor, leo onor.

TERCEIRO CERTAMEN.

Na occasião da celebre victoria do Canal no Anno de 1663.

SEGUNDO ASSVMPTO.

A purissima Conceição da Virgem Maria, o qual nome foi a melhor espada da victoria, & como Padroeira de Portugal se empenha a fazernos victoriosos, quantas vezes for em nossas batalhas inuocada.

OITAVAS.

AQuella de Iacob brilhãte Estrella.
Clara, fixa, luzente, Matutina,
Que sendo a mais purissima Donzella,
Foi a May mais fecũda, & mais diuina:
Do diuino Assuero a Esther bella
De todo priuilegio, & graça digna
Em sua Conceição immaculada
Goza a luz, vẽce a sõbra, a tudo agrada.
Esta Fenix bellissima Creatura
Engraçada, fermosa, pura, & santa,

Por-

Porque ha de ser da eterna fermosura
Palacio a donde Deos solar leuanta:
Da inimiga serpente a força dura
Com seu ayroso pè logo quebrãta, (ma
Porque no mesmo instãte em que té al-
Diz victor, foge *ao meu* leua a palma.

Aquella Flor do Empireo mais vistosa
Rara, bella, odorifera, excellente,
De Hyericò a sempre intacta Rosa
Plantada pella mão do Omnipotente:
Quando a ley do peccado he riguroſa,
He só a preseruada vnicamente,
E porque Deos mil graças lhe acrescẽta
Tem graça, cobra alentos, fica izenta.

Esta do Sol Deidade, bella Aurora,
Fermosa, rica, alegre, suspirada,
A que o Senhor de tudo fez Senhora
De tudo quanto ao Ceo, & terra agrada:
Aquella com que o mundo se melhora,
Porque ha de ser de Deos grãde morada
Quãdo no mundo estãpa as plãtas bellas
Veste o Sol, calça a Lua, touca Estrellas.

Desta pois Flor, Aurora, & Astro viuo
Feliz, radiante, bello, & portentoso
Inuocaõ General o nome altiuo
Quando o inimigo enueste valeroso:
Este foi o Canhão mais offensiuo,

Este ô Estoque foi mais riguroso
Com que de Portugal a eterna gloria
Clama Rey, segue paz, grita victoria.
Este foi o triunfo, & o portento
Maior, vnico, excelso, & mais temido
Que vio o Sol desde [illegible] larga ao vento
De seu cabello [illegible] esplandor luzido:
Dos Reynos Espanhoes em hũ momento
Alento nosso foi o seu gemido,
Porque do tal destroço que os infama
Ferma voz, soa o Eco, voa a fama.
Mas como a nossa guerra não seria
Valente, ouzada, experta, afortunada?
Se a Conceição jurada de MARIA
Em final do duetello lhe foi dada?
Iurou a Portugal serlhe valia,
Porque ella por Patrona a tem jurada,
E por darlhe a victoria em que se empe-
Dà nome, faz final, & toma a senha [nha
Serà daqui a diante o Luso braço
Forte, grande, inuictissimo, famoso,
Se à Conceição se vne em forte laço
Para sempre fazello venturoso:
Inuocando este nome em nada escaço,
Se ostentarà mil vezes victorioso.
Pois nesta protecção, que pode tudo
Ha valor, tem fortuna, embraça Escudo,
TER-

TERCEIRO ASSVMPTO.

Mostrasse a todos a certeza do patrocinio de S. Antonio, & que por mais que nossos Emulos julguem de todo perdida a nossa conseruação, por meo [illegible] grande Valedor, hauemos sempre de [illegible] far victoriosos.

LIRAS.

OCupe mis sentidos
(O de milagros fuente
Antonio de excelencias coronado)
El fauor màs valiente
Que tu fauor a Portugal ha dado,
Sepan los obligados, y ofendidos
En estas dulces Liras,
Que el pletro que las toca, tu lo inspiras.
Canten los Lusitanos,
Y ruxan los Leones
Aquellos tu fauor, estos sus penas
A todas las naciones
De admiraciones, y de gritos llenas;
Digan (si puede ser) los Paduanos
Si es Portuguez amigo
El que pudo vencer tanto inimigo?

Soberbio possehia
El Ibero tyrano
La Transtagana tierra, y su campaña,
Sin resistencia vfano
Se prometia la mayor hazaña,
Y a Lisboa sus pa[illegible]gia,
Quando tu [illegible]te Braço
Le aba[illegible] el buelo, y le corta el passo.
Aquellos treze dias
Que Portugal te inuoca,
Fueron para su bien intercessores,
Pues con razon, no poca,
Sus armas esperauan tus fauores,
En tantas, y tan grandes baterias,
Y aunque a Castilla pezé,
Tu patrocinio se ostentò en sus treze.
El dia llegò octauo,
Y obligò nuestro ruego
Tu coraçon, inuicto Lusitano,
Y desde el mismo luego
Tu fauor se ha luzido en nuestra mano,
Pues con esfuerço màs que nunca brauo
Obrò contra Castilla
De las armas la octaua marauilla.
Quien dudarà que ha sido
De Antonio fauor tanto
El Portuguez, el Santo, el de la fama,
Que

Que eternamente canto
A quien el mundo con razon aclamà
Interceſſor de todo lo perdido,
Si en tan grande victoria
Hallò de Portugal credito, y gloria.
Si quando ya perdido
Iuzgauan ſu Corona,
Sus Emulos, ſe mira bien hallada
A la luz que la abona
De Antonio en ſus fauores empeñada,
Que intenta la ſoberbia fementida?
Oh ſirua al deſengaño
El bié que embidian, y el que ſiété daño!
Sea notoria al mundo
De Portugal la ſuerte
En tu ſagrado, y grande valimento,
O Portuguez màs fuerte,
Teman ſus enemigos tanto aliento,
Que el amor de la Patria ſin ſegundo
Que en tu pecho ſe enciende
A todos los abraza, y le defiende.

EMPREZA DE D. IVAN DE Austria no seu estendarte Real.

Sino es Sol, serà Deidad.

NON ASSVMPTO.

Glosa em quatro Decimas, tirando da mesma empreza os motiuos de sua perdição.

DOn Iuan, tu Deidad no espanta,
Si altiua perdiò Castilla,
Pues que sube el que se humilla,
Y cae el que se leuanta:
En tanta disgracia, y tanta
Pena a tu temeridad
Ya te dize la verdad
En tan grandes accidentes
Que el que deposuit potentes
Sino es Sol sera Deidad.
Esse tu Sol, si es que es Sol
Fue para tu buelo altiuo
El precipicio màs viuo,
Pues te quemò su arrebol:
Eres Icaro Español,

Y tu

Y tu Alteza, y vanidad
Dize a la posteridad:
Yaze aqui Castilla, y ella
Que el que pudo ansi vencella,
Sino es Sol, serà Deidad.
Mentida Deidad hizisto
De Portugal en el trono
Ser Lucifer en tu abono,
Y de los Astros caiste:
Astro infeliz eligiste
Por soberuia, y ceguedad
Ya dirà tu necedad,
Que el suplicio escarmentò,
Que aquel que te derribò,
Sino es Sol, serà Deidad.
Si eres Sol en triste caso
Te llegaste a Portugal;
Ignorando por tu mal,
Que es Portugal el Ocaso:
Otro Sol te ha dado plaso
Occultando su beldad
Para que con libertad
Te pusieras en huyda,
Y quien te ha dado la vida,
Sino es Sol, serà Deidad.

ONZENO ASSVMPTO.

Ao dia em que foi a batalha, pois era o em que a Igreja memòra, & [illegible] Seuerins festejão o Transito de [illegible] Seuerino Bispo de Septem[illegible] da qual familia o Conde General descende por duas linhas.

REDONDILHAS.

HVm dia, ditoso canto
(Tenha eu nelle tal estrella)
Dia em que cae Castella,
Que he para nòs dia santo.
Dia foi por nosso bem
Com ser dia de somana
Da riqueza Castelhana
Dia de guarda tambem.
Fermoso dia do anno,
Feliz sem nenhum igual,
Fausto para Portugal,
Fatal para o Castelhano.
Dia em que o Leão se abrasa.
E a quartãa se lhe sacode,
Por este dizer se pòde:
Bom dia metello em casa.

Hum

Hum dia do Paraizo
Pois darnos victoria quiz,
Dia do Iuſto Iuiz,
Se não dia do Iuizo.
Dia em que Caſtella a pelle
Deſpio com tantos [illegible]mos,
Nòs a elle aguardarèmos,
Mas ella guardeſe delle.
Hum dia todo diuino.
Pois pode dar tal victoria,
Dia em que paſſou à gloria
Portugal, & Seuerino.
Delle nos conta Baronio,
Que era Santo Italiano,
E o traz a Folha do Anno
Nos dias de Santo Antonio.
O General Villa Flor
Do dito Santo deſcende
Por duas linhas, & entende,
Que nunca ſobe melhor.
Para que logre o que azz
Empenha o Santo no praſo,
E foi liberal no caſo,
Pois poem as linhas de caza.
Por nellas a bateria,
Pelejou rodando mortes
Com duas linhas tão fortes,

Que exercito temeria?
Porque a Portugal conuinha
Se poz fronteiro a Castella,
Mas o Santo foise a ella
Direito como huma linha.
Chora Castella, que [illegible]
Ventura a sua [illegible]deo,
Porque [illegible] occorro do Ceo
Veo de linha trauessa.
Tomàraõ logo a bagagem
Com duas linhas cercada,
Que era enxerto de estacada
As linhas desta linhagem.
Se bem fez quanto queria
O Austria tyrano Ibero,
O nosso Santo seuero
Lhe guardou para este dia.
Que fosse dispoz o Ceo
Neste dia mui feliz,
Pois nelle fez quanto quiz,
Dia mui seu pareceo.
Dia porque maior seja
A mais venturosos fins,
Aplaudemno os Seuerins,
Porque o celebra a Igreja.
E hoje por tão grande dia
Do Conde de Villa-Flor

A obrigação, & o amor
Dos Seuerins que faria?
Officio duples conuem
A Santo que com tal arte
Do Castelhano a o Deos Marte
Lhe fez o officio [illegible] bem.
Portugal nelle, & Ca[illegible]
Virão estremos iguais.
Não pode elle ganhar mais,
Nem pode perder mais ella.

Ao valor, & disposição com que os Generaes Portuguezes o Conde de Villa-Flor, & o Marquez de Marialua coroárão tão felice successo na recuperação de Euora, sendo premissa desta consequencia o dia que se apresentou (à vista da mesma Cidade no decantado campo de S. Bras) batalha ao General Castelhano.

DECIMAS.

AO campo sae huma flor,
E sae o luzeiro d'alua,
O Marquez de Marialua,
E o Conde de Villa-Flor.

Am-

Ambos infundem valor
Ao pelejar, & vencer,
Dos quaes bem pòdem dizer
As victorias nesta parte,
Que se Deos da guerra he Marte,
Deoses de Marte hão de ser.
Disposto [illegible] se via
Dos Generais na campanha,
A ser o terror de Espanha,
A ser do Luso alegria:
Quando em tão felice dia
Desta flor, ou desta estrella
Succedeo felice aquella
De Euora restauração,
Pois com tal disposição
Foi mal disposta Castella.
Hum Giraldo sem pauor,
E hum Sertorio valerosos,
De Euora forão famosos
Hum muro, outro defensor:
Porèm a gloria maior
De seu valor, & seus muros,
Ià do tempo, & fama escuros
Adornàrão com laurel
Hum Menezes, hum Manoel
Com que ficão mais seguros.

Dous

Dous Cezares na fortuna,
Dous Cipioens no valor
Armados de zelo & amor
Logràrão sorte oportuna:
Hum baze, & outro coluna
Deste Imperio [illegible]puzerão
Restaurar o que perde[illegible]
Os Eborenses rendidos, [illegible]m,
E à vista de seus gemidos
Forão, virão, & vencèrão.
Assim bem o prometia
Euora offendida assaz
No seu campo de S. Braz
Esperando o maior dia:
Nelle expoz a bizarria
Portugueza seus ardores,
E Castella os seus temores
A vista ostentou tambem
Sendo a causa deste bem,
O valor dos vencedores.
Eterna publique a fama
Destes Héroes sem segundos
Em mais dilatados mundos
O valor com que os acclama:
Portugal por gloria os ama,
Diuida que em sy se vè,
Eternos lauros lhes dè

Se

Se o valor de ambos igual
Foi gloria de Portugal,
Corona del campo fue. A. C.

DO QVARTO CERTAMEN DA Aula dos Singulares.

SONETO.

Dedicatorio à Virgem Maria com a Invocação do Rosario.

A Ti de Hyericò Rosa fragrante
Vnica Flor da eterna fermosura,
Dos Singulares a Academia jura
Por singular Patrona, & forte Athlante:
Em cada espinho teu, qual de diamãte
Ponta luzida, firme se allegura,
E em cada folha descreuer procura
Contra o tẽpo suas obras mais constante.
Se em huma Rosa só tanto intereça,
O como será sempre venturosa
Quando nella hum Rosario te floreça!
Bello Iardim com tanta fermosura!
E se as estimas, pondoas na cabeça,
Laureada serás com tanta Rosa.

MO-

MOTE DO CERTAMEN.

Amor que quando naſciò
Viò ſu perdicion, y fue
Por delante con [illegible]
Sè que fino fue, però
Que fueſſe cuerdo no ſé.

GLOSA.

PEro Gil, y Blas Benito
Dos Zagales de la aldea
Enamorauan Finèa.
Que lo ſiente por delito:
En ſus ojos bien chiquito
Naſciò amor, ſi bien creſciò
Con ſu deſden, y ſe viò
Que con el deſden picado,
Eſtaua màs alentado
Amor, que quando naſciò.

Ambos al amor rendidos
Se vieron, mas el temor
Hizo a Blas que del amor
Huya perdicion, y oluidos:
A rieſgos tan conocidos
Los llama el amor, y aunque

Apenas Blas mueue el pie,
Pero Gil con valentia,
Aunque viò que se perdia,
Vió su perdicion, y fue.
Al primer passo que diò
Perdiò la esperança Blas:
Pero Gil con brios màs
Con la fé se adelantò:
Finea luego admirò
Que al tiempo que Blas no dè
Vn passo en amor, porque
En el desden se perdiesse,
Pero Gil bizarro fuese
Por delante con la fé.
De amor el laurel merece,
Pero Gil, si amante afina
En el rigor que examina
Lo que el desden desmerece:
Blas si al amor obedece,
No sé como lo mostrò,
O lo hiziesse bien, ò no,
En juzgarlo no me meto,
Ni sé, si fue Gil discreto,
Sè, que fino fue, pero.
En los acasos de amor
De màs està la cordura
Que en amantes la locura

Es la cordura mayor:
Al desden, y al disfauor
Adora Gil, quando vè
Que Blas reportado estè
Al riezgo, y en caso tal
Gil, amante fue cauto,
Que fuesse cuerdo no sé.

NO CERTAMEN QVINTO DA Academia dos Generosos.

Ao Casamento felicissimo del Rey Dom Affonso VI. com a soberana Princeza D. Maria, Francisca, Izabel.

MOTE.

Amar Affonso, & a Maria,
Amaria, não he amar;
Logo como pòde estar
Num tempo amar, & amaria.

GLOSA.

FElices se despozàrão
Aquelles do Amor Athlantes
Affonso, & Maria amantes,
E *Amo, amas* conjugàrão:

A querer

A querer mais se apostárão,
E estudárão à porfia
Amarse mais cada dia,
Mas se leua Affonso o preço
Não parecerà excesso
Amar Affonso, & a Maria.
Amar he Amor,
Se de antes fora o emprego,
Mas amalla logo, nego
Porque he fineza maior:
Não he, responde o valor
De belleza tão sem par,
Porque seria dezar
Em tão perfeito sugeito
Hauer hum tempo imperfeito
A Maria, não ho amar.
Ha de estar logo o querer
Na vista em primeiro ensayo,
Que tem effeitos de raio
Tão diuino parecer:
Deste modo he que ha de ser
Tempo presente de amar,
E viremos a alcançar
De tanta lindeza, & gala,
O vella Affonso, & amala
Logo, como pòde estar.
Do

Do tempo imperfeito nada
Ao presente se lhe dè,
Que amaria nada he
Quando Maria he jà amada:
Donde a duuid- apurada
A consequencia se via,
Que sendo nada, o seria,
No nosso caso presente
Pòde estar mui facilmente
Num tempo amar, & amaria.

No Casamento da Senhora D'. Maria Frãcisca Izabel, Rainha de Portugal.

SONETO.

PAra fũdar a Lusa Monarchia (que,
Deu Frãça a Portugal o augusto Héri-
E porque suas glorias multiplique
Nos dà hoje a Illustrissima Maria:
O França, ! O Portugal! nossa alegria,
Vossa aliança singular explique,
E da Fama o clarim vago o publique
De donde nasce a donde morre o dia.
Decreto foi do Ceo sabio, & profundo
Que carecer não pode de mysterio
De Hérique, & de Maria a rara èpreza:

Pois

Pois permitio que visse todo o mundo
Que se hũ Frãcez fundou o Luso Impe-
Perpetualo deue huma Franceza. (rio

Em parabẽ à Senhora Rainha D. Maria Francisca Izabel nossa Senhora da boa vinda a seus Reynos, se mãdou fazer este

ROMANCE.

NA admiração mais discreta,
Rompero silencio he ley
De quem me pode mandar,
Ià a Musa disculpa tem.
E venerando obsequiosa
Tanta Magestade quer
Senhora daruos mil viuas,
Humilhada a vossos pés.
Boas vindas vos acclama
A mais Portugueza fé,
Louca de alegria, & toma
Para sy os parabens.
Da estimação que vos deue
Demonstração quer fazer,
E igual à estimação
Quizera o poder tambem.

Venhais embora a estes Reynos
Diuina senhora a ser
Da Portugueza Coroa
O rico esmalte Francez.
Sobre o seu Ceptro dourado,
Que hoje tão vitorioso he
Sejais a flor, & o remate
De seu luzido poder.
Com dilatada esperança
O mar tormenta nos fez,
Porèm da escuma do mar
Nos veo Venus a ver.
Entre os rayos desse Sol
A boa Estrella trazeis
De Venus, que he mu fermosa,
E influe hum milhão de bens.
Muitos seculos gozemos
Hum tão suspirado bem,
E com aquelle aluoroço
Que dizem: a tutiplè,
Em todo Reyno esta noua
Deu contento, vede se
Depois de vista, & lograda,
Serà de maior prazer?
Roubou lhe o Ceo duas flores,
Leuou huma o Ceptro Inglez,
E França nos restitue

Todo o roubo em Izabel.
A Rosa o Lirio despoja
Hoje da Coroa, & Docel,
Pois he Rainha de tudo
Maria Lirio Francez.
Estimala, & pretendia
Soube só quem he tão Rey,
Pois tal real eleição
Só sua podia ser.
Logre o Reyno os seus desejos
Assim como pede, & quer
Que outro parabem vos renda
Antes do decimo mez.
Que nos deis hũ par de Infantes,
Todos pedimos; Amen,
E será hum Par de França
Que valha por mais de tres.
Em mez de frutos, dais flores
Com vossa vista, & dareis
Os frutos quando o florido
Abril mil flores nos dè.
Nouo cuidado ao Agosto
Dão as flores, com se ver
Outra vez na Primauera
Feita Lisboa Aranjuez.
Diuina Flor, flor deliz,
Que o Ceo por grande mercè

Transf-

Transplantou em Portugal
Para gloria de seu ser.
Dizem que vindes de França,
Eu não no creo, porque
Sò podia vir do Ceo
Quem tal gentileza tem.
Outros dizem da Rochella,
Porèm da Rochella vem
Sò Crauos, mas hum Iasmim.
Noua marauilha he.
O Sol morrendo de enuejas,
Feito hum Cão estaua a arder
No dia que a nossa terra
Honrastes com vosso pé.
Vòs que chegais, elle morre,
Mas foi para amanhecer
Em tudo o mais bello dia
Que nessas luzes prendeis.
As lagrimas como punhos,
Chorou a Aurora esta vez,
Que essas perolas o dizem
Que na garganta trazeis.
Enfiadas sim por certo
Estão todas de vos ver,
Porè o temse por hum fio,
E não sei como se tem.
Não saõ ornato à belleza,

Que

Que antes ella ornato he
A sua riqueza, & graça,
Que he tudo o que póde ser.
Tão natural apoento
En esse alabastro tem
Que parece que na concha
Estão aguas ao nascer.
A tal vista serem grandes
Milagre não chamarei,
Que se hum Sol as cria bellas
Dous Soes que podem fazer?
Todos os Astros, & Signos
Tocárão a recolher
A vossa vista, más foi
Dar hum repique tambem.
Para bem seja Senhora,
Para bem seja, & logreis
O aplauso mais estrondoso
Que o Orbe vio de altivez.
Não vio a fertil Europa
Nem Roma, nem Grecia, nem
Todo o mundo igual triunfo
Qual se vos rende cortez!
He tão magnifico, & tal,
Que só vòs o mereceis,
E tão grande como vòs,
E como o amor que o fez.

Em

Em acclamaçoens, & vivas
Dos coraçoens mais fieis
A boca chea repete
O Lusitano prazer.
Maria por ser tão bella,
E Affonso por ser quem he
Sejão Leys de todo mundo
Como de Portugal Reys.

SONETOS ACADEMICOS.

Ao Principe D. Theodosio, Capitão General de seus Reynos, indo a primeira vez à fronteira de Eluas.

SONETO.

PRincepe soberano, bem se via
De vosso Sol nos eclypsados rayos,
Quantos, de seu valor, sentio desmayos,
Que por luz represada padecia:
Hoje que amanheceis hum claro dia,
E que logra a campanha nouos Mayos,
Vosso Bastam se admira nos ensayos,
Portugal se reueste de alegria.
Acção foi esta (ò Princepe) de dura
Aos seculos, & à purpura importante,
Eterna vossa fama está segura.

E pois tendes no peito de diamante,
De Cezar o valor, tende a ventura
Ide, vede, vencei, voltai triunfante.

A Portugal, no successo da Victoria do cerco de Elnas pello Marquez de Marichua. Em Dialogo.

SONETO.
Esdruxulo.

TV es o Portugal, o Paralitico? (tico,
Eu sou o que de alegre estou frene-
Quem te fez vẽcedor do valor Bethico?
A mão de Deos no braço de hũ Politico.
Parecias deixado Israelitico,
Tu me verás Imperio o mais profetico,
Quem te poz na miseria de ser ethico?
Nos ossos tinha a fome estaua estitico.
Não eras de disgraças hum Astrologo?
Ià agora de victorias sou hum cumulo.
E que eras antes disso? Hũ espectaculo,
Porẽ agora que es? De glorias prologo.
Que tens, pois te leuãtas de tal tumulo?
Tenho homẽ, valor, fortuna, & l..culo,

A hum

A huma dama que caindolhe da guadelha huma rosa, leuantandoa se ferio em hum espinho, não consentindo que seu amante a leuantasse. Em nome do ditto.

SONETO.

BAsta que vos feris minina? ay!
Por nouidade grãde em vos o hey,
Que sois de carne, & sãgue, agora o sey,
Posto que o duuidaua vosso pay:
Exemplos à crueldade tambem day,
Por quanto ordena Amor das almas Rey
Que quem por Rosa fere sem ter ley,
Por outra Rosa o sinta, sem ter goay.
Conuertida a açucena em Rosa vi;
Neste succesſo que tão vosso foy
Quanto vingado nelle eu mesmo fui:
Agora se vos doy, quer não, quer sy,
Que se vòs dizeis: ay, quando vos doy,
Quando me não quereis, eu digo, huy.

A intempestiua, & acelerada morte do Doutor Antonio Barboza Bacelar.

SONETO.

O Toda admiração, ó toda horrores
Parca cruel, que Sol nos eclipsaste!
Como assim atreuida nos roubaste
Do Tejo a gloria, do Parnazo as flores?
Bem se vè que temias seus fulgores,
Pois tanto de repente os assaltaste,
Mas quando mais tyrana os assombraste
Lhes dà seu ser maiores resplandores.
De hũ assopro apagaste infaustamente
A Bacelar das sciencias viúa chama,
Aquelle sobre tudo engenho ardente:
Porém a saudade que o exclama
Com outro de suspiros mais valente
O faz resuscitar por mãos da fama.

Diligite inimicos vestros.

SONETO.

E S otro yo (òFabio) el que es mi amigo
Porque el amor é mi le à trãsforma-
Luego amãdo al amigo se à baldado (do;
El dulce affecto, cõ que amante obligo:
Si

Si me amo a mi, nada de amor consigo,
Que el amor ha de ser determinado
A objeto diferente, y en esse estado
Amo solo, quando amo al inimigo.
Esto Dios te aconseja por decreto
A esto la razon te obliga humano,
Por dòs modos a amarle està sujeto:
Amale ò temeroso, ò cortezano
Si admittes la razon, eres discreto,
Si abraças el consejo, eres Christiano.

A huma Dama por nome Esperança.

SONETO.

VEnciò el amor en la Esperança mia
El prolixo desden de la esperança,
Pues en esta Deidad su Imperio alcança,
Por gloria, lo que en ella es tyrania.
A todos sus plazeres ser solia
Con el engaño perfida vengança,
Però lo que danaua su tardança,
Agora vè gustosa idolatria.
O dicha propria en la ventura agena
Si harta oida eres bien en la memoria
Quando tu nombre a mil pezares suena;

Que es tal de mi eſperança la vitoria,
Que ſiendo la eſperança a todos pena
A my, es mi Eſperança toda gloria.

Huma Dama tendo na mão huma roſa, & cheirandoa dellà ſáhio huma Abelha que a picou.

SONETO.

SAhira Nize em certo dia à Feira
Quãdo hũa roſa que Beatriz lhe daua
Tão propriamente ao roſto acõmodaua,
Que de tres roſas pareceo roſeira:
Huma Abelha, abelhuda regateira,
Que as flores para ſy mercadejaua,
Eſcondidinha na tal roſa eſtaua,
Qual Vibora, entre flores liſongeira.
O meſmo foi a Abelha ver a Nize,
Que logo para flor piſcarlhe o olho,
Pedio venia ao amor, à dôr cautella:
E picando de Nize o roſto diſſe:
Se deſta Primaucra as flores colho
Rirmeey do Verão, chorarà ella.

Ao oitauo filho de Dom Antonio da Cunha, nascendo hum dia de Academia: glosandolhe o primeiro verso de hum Soneto que em semelhante caso fez o insigne Bacelar, que começaua:

Se nos braços nasceis da Academia.

SONETO.

VEnhais embora ao mũdo nouo Infante,
Oitaua flor da gloria do Parnazo,
Nunca sintais de vosso Oriente Ocazo
Sempre sejais de vosso Sol amante:
Esta Academia toda circunstante
Confessando do amor o forte laço
Em nascẽdo vos dá hum grande abraço;
E nos braços do amor vos vè gigante:
Nascei para animar este Conclàue
Crescei para os lugares oportunos
Viuei para de todos alegria:
Que he força (não forçosa, mas suaue)
Que nas almas viuais de seus Alumnos
Se nos braços nasceis da Academia.

Rompia Nize dous eſcritos de ſeu amante, & em hum dos pedaços, lhe ſahio a figura de hum coração. Gloſaſe eſte verſo.

Que o coração preſágo nunca mente.

SONETO.

ENtre os mais riguroſos ameaços
Nize de Fabio dous papeis rompia,
Mas, ſe de coração elle eſcreuia,
Ella acha o coraçaõ entre os pedaços:
Tirado jà deſtes cuſtoſos paſſos
Adiuinhando o mal que ſe temia,
Por teſtemunho o coração lhe enuia
Entre os eſcritos, & entre os embaraços.
O Nize mais cruel, menos iroſa,
Conſidera o ſucceſſo atentamente,
Se a fortuna te aclama por ditoſa:
Bem pòdes jà de Fabio ingenuamente
Crer de ſeu coração fé primoroſa,
Que o coração preſágo nunca mente.

Ferioſe em huma mão huma Dama, que-brando hum retrato de ſeu amante, glo-ſandoſe eſte verſo. L e Dom Fran-ciſco Manoel.

Y al fin ſe queda herida, y no vengada.

SONETO.

O Como fatigado el penſamento (do
Viuo el dolor, quãdo el color perdi
Quexoſa de ſu eſtrella, y ſu ſentido
Se quexa el ſol de Clori ſin aliento!
Tiene a la viſta ſu maior tormento
En vn eſpejo de ſu amor perdido,
Vn retrato de amante fementido
Le haze de ſus deſdichas eſcarmiento.
Aprietòla el dolor, y mal ſufrida
Viendoſe de ſu dueño deſpreciada
Ella aprieta al retrato infurecida:
Quizo hazerle pedaços enojada,
Penſò vengarſe en el, y quedò herida,
Y al fin ſe queda herida, y no vengada.

Infe-

Infelix Dido, nunquam bene nupta marito
Hoc pereunte fugis, hoc fugiente peris.

O Dido, que infelice eres
Con dòs maridos, te arguyes,
Que si el vno muere, huyes,
Y si el otro huye, mueres.

SONETO.

SIguete la desdicha, O Dido hermosa,
Que siépre es desdichada la hermosu-
Si la aciertas a huyr; que grã vétura! (ra,
Mas si te alcança O fuerte rigorosa!
Prueuas a huyr la vna, temerosa,
Y dàs en otra con igual locura;
O siempre inceitable desuentura!
Vna, y otra encontraste lastimosa.
Cobarde es la desdicha, pues azida
A otra para el mal, alientos cobra,
O Dido dy, que venga diuidida:
Si vna te mata, y otra te sobra
Para que son dòs muertes a vna vida?
Para matarte vna desdicha sobra.

Can-

Cantaua occulta vna Dama, y se enamorò della Fabio.

SONETO

ROmpe el ayre la voz de oculta Da-
(ma
En passos de armonia, y de dulçura,
Y el ayre roto por mil bocas jura, (ma:
Que es digno el canto de vna eterna fa-
Tan dulce es el veneno que derrama
En todo lo que alcança su blandura,
Que lo insensible a oirla se aprezura,
Y lo sensible por la oìr se inflama.
Oyòla Fabio, y en concet. altiuo
Adorarla presume amante luego,
Siendo el no verla espuelas al motiuo:
Quierela con maior desasossiego,
Y por ser del amor retrato viuo,
Sin verla adora, porque amor es ciego.

Clori dizendolhe quem a amaua que lhe tinha dado o coração, respondeo, que o coração se offerecia, & se não dana, porque ficaua no peito: replicou elle, que o coração estaua mais aonde ama, que donde anima.

SO-

SONETO.

O Clori, que rigor tan mucho es eſſe
En lo que dizes, ò tu amor reſpõde?
Mal el deſden al mio correſponde,
Eſſo màs duda, que fauor parece:
Si el ſer amada no te deſuanece,
Dime, ſi el amor viue? en que? ò adõde?
Diràs que el coraçon fiel le eſconde
Como centro en que ſolo permanece.
Si pues confieſſas a mi pecho amante,
Y a quererte de ſuerte me acõmodo,
Que eres del coraçon vida conſtante;
Porque dudas que eſtè del miſmo modo
Mi coraçon en ty màs vigilante?
O todo niega, ò lo confieſſa todo.

A huma Dama que perdeo humas lagrimas de criſtal que trazia no peito.

SONETO.

PErdeo Nize os criſtaes que ao peito atados
Em figura de lagrimas trazia;
Não quiz amor que o centro da alegria
Se viſſe com ſinaes tão encontrados:

Anda-

Andauão por catiuos violentados,
A seu pezar sofrendo a bizarria
Da razão, com que Nize os conuencia,
E na razão cahirão por pezados.
O animado cristal da fermosura
De Nize, como em luzes mais vistoso
Vencia do cristal toda a brancura;
Elle em lagrimas feito de raiuoso
Por não morrer às mãos da enueja pura,
Antes quiz ser perdido que enuejoso.

A morte do filho de hum amigo D. V. chamado Mathias, que sendo o mais bello de seis que tinha, foi o que primeiro pagou este tributo.

SONETO.

POsto que a natureza, & sentimẽto da
De hũ pay que tãto amaua a cara prẽ
O discurso, a razão, & a alma prenda
Neste tão riguroso apartamento;
Permita a saudade, ou o tormento
Que a dór hũ pouco as lagrimas suspẽda;
Dè lugar à razão, para que entenda
Este do Ceo particular intento.

De

De seis fermosas rosas que a cautella
Guarda nesse Iardim com ancia forte
A nenhũa arrancou, se não àquella:
Para o Altar de Deos a corta a morte,
Como era mais do Ceo esta flor bella
Sobre Mathias só cahio a sorte.

A hum quadro de S. Thome, que está na Capella Real, obra do excellente Bento Coelho, Pintor de S. Magestade.

SONETO.

ESte que durarà sempre às idades
Original de hum caso portentoso,
Sendo quadro de artifice famoso
Hum jardim pòde ser de nouidades:
Esta veneração de eternidades,
Este bello retrato luminoso,
Acuzando a Thomè de duuidoso,
Bem pudera matarlhe as saudades.
Competiràose a arte, & natureza,
Credito do pincel mais soberano
Com engenho, com alma, & cõ destreza
Toque o lado Thomé por desengano,
Que eu vendo das figuras a viueza
Para desenganarme toco o pano.

A elei-

A eleição da sepultura que fez a Rainha N. S. Dona Luiza que Deos tem.

SONETO.

O Lugar proprio dõde mão traídora
Quiz offender a vida mais prezada
Sàbia escolheo por vltima morada
Do melhor Sol, a mais luzida Aurora:
Nelle Ioão, a quem a Patria adora,
Os rigores venceo da Parca irada,
E nelle descançar, quando eclypsada
Luiza quiz, por quem o Tejo chora.
Politica, çagaz, traça entendida
De ardor constante, de afeição inteira
Escolher sitio tal hoje aduertida;
Porque donde a Bondade sempiterna
A Ioão segurou a mortal vida,
Seguralle a Luiza a vida eterna.

Ao Conde de Castello-Melhor, dedicandolhe o Liuro que se intitula, Dictames de Marte.

SO-

SONETO.

EM voſſa protecção, Conde famoſo,
Amparo buſca Marte, hoje aduerti-
Para que o defédais como entédido (do,
Para que o ampareis como animoſo:
Igualmente diſcreto, & valeroſo
Notando voſſo alento conhecido
Voa diſcreto a voſſo Sol luzido,
Intenta ouſado voſſo ardor fogoſo.
Dictames que a cãpanha nũca eſcõde,
E o mũdo vio por voſſa induſtria experta
Pede a razão que atento vos dedique;
Que he juſto, generoſo, illuſtre Conde,
Se em voſſa protecção Marte os acerta
Que em voſſa protecção Marte os publi-
(que.

Romances de aſſumptos Academicos.

Quiere vn amante ſaber
A quien mal tratão cuidados:
Si zelos aueriguados
Obligan a aborrecer.

RE-

REPOSTA.

Assumpto do Presidente o Conde de Figueirò.

ESta Copla para casa
Domingo a noite leuei
De memoria, & à vontade
Della offerta quiz fazer.
Disseme o entendimento
Que fora melhor trazer
Hum bocado de cidrada,
Ou hum pero camoez.
Porém este pundonor
Com que viue a gente, à ley
De Academico do bairro,
Dos mais humildes porém.
Querendo ao credito mais
Sobre o que tudo mais he,
Me faz que por sustentalo
As vnhas chegue a roer.
Era a tal em Castelhano,
Bem que o Idioma estranhei
Trabalhando quanto pude
Auerti em Portuguez.

Falo

Fallo como meus Avòs,
E melhor cuido que he
Não me meter em Castella
Em tempo de aqui del Reys.
Assim pouco mais, ou menos
A versaõ vem a dizer,
Em palauras, & sustancia,
Ora julguem se acertei?
Oprimido de cuidados
Pergunta hum amante bem
Se seumes conhecidos
Obrigão a aborrecer?
Para responder ao caso
Primeiramente conuem,
Que cousa seja seumes,
E o seu natural saber.
Perguntei a huma vezinha
No caso o seu parecer,
Respondeo sem mal nenhum,
Porque era mulher de bem:
Seumes saõ os diabos
Mais maos que os de S. Miguel,
Que aquelles estão, & estes
Se erguem debaixo dos pés.
Deme a tenção por agora,
Porque eu direi a vossé,
Eu era então, olhai se era

Bem

Bem à mão, boa mulher.
Quando Ioanna Franciſca
Lhe diſſe ao meu Manoel
Não ſei que remoques, ſobre
Certo ir, ou certo ver.
De que naſceo, cuida elle,
Não me fallar mais de hum mez,
E darme muita pancada,
Porque nào dà ſó quem tem.
Todas leuei neſtas coſtas,
Por não achar couſa em que;
Que então trazia toalha
Nada em capello leuei.
Era honrada, & era amante,
Em fim querialhe bem,
Sofri, que as honradas ſofrem,
E o era por minha fé.
Ouuerãoſe de matar
Mais de vinte aquella vez
Se o juſto Iuiz não fora,
Boa oração que rezei.
Deos nos liure deſte mal,
Que por meu mal alcancei,
Que he mal de todos os males
Sendo amor o bem dos bens.
Ella diſſe o que entendia,
Eu lhe agradeci cortez

Esta tão viua reposta
Que de morta còr pintei.
Com mà cor, & com mà pena
A Pena, Macor irei
A pedir a certo amigo
O modo desta Rellè.
Porèm isto saõ seumes
Pellos effeitos, & he
Razão que os diffinamos
Pellos affectos tambem.
São os seumes, ou zelos
Como chamarlhe quereis
Filhos bastardos do amor
E de ingrato proceder.
Pois a quem os gera matão
Como vibora cruel,
Que rompe da mãy o peito
Ao passo que lhe dà ser
São huma pena, huma dòr
De que outro possa querer,
Ou gozar aquillo mesmo
Que para mim desejei.
São huns temores incertos
No amante mais fiel
Se se lhe guarda, ou se quebra,
A ja merecida fé.
São humas desconfianças

Como

Como lhe chame não sei
Se com razão, ou sem ella,
Se sem que, ou para que.
São infirmidades d'alma
Em cujo pulso se vê
Quando o bem se desespera
Intercadencias do bem.
São, como disse algum dia
Certo amante Cordouez,
Em companhia amorosa
Não poder outrem sofrer.
São bem cruel tyrania
Daquelle que chega a ter
Enueja do bem alheo,
Bem que imaginado lhe.
E por fim saõ huns desejos
De não chegar a saber
Se saõ verdades aquellas
Que por suspeitas se tem.
Que em chegando a ser verdades
Seumes deixão de ser,
E a grauos saõ conhecidos
Que amor tyrania fez.
Sendo duuida os seumes,
Como poderei dizer
Quando estou desenganado
Que estou zeloso tambem?

Estar

Eſtar certo, & duuidar,
Contradição vem a ſer,
E ſe era duuida de antes,
Depois duuida não tem.
Eſta opinião ſeguindo
Declaro o meu parecer
Formando hum antecedente
Conſequencia tirarei.
Viue da correſpondencia
O amor, & o querer bem;
Morre das ingratidoens
Se a fortuna aſſim o quer.
Logo os ſeumes ſabidos
Aggrauos a toda a ley,
Por razão (ſe a tem amor)
Obrigão a aborrecer.

DAMA QVE CANTAVA dentro em hum boſque.

Aſſumpto do Preſidente Dom Franciſco de Azenedo.

ROMANCE.

METida dentro de hum boſque
Dizem que Nize cantaua;

Foi o assumpto, & colheome
Este assumpto de emboscada.
Sobresaltoume o repente,
Considerei donde estaua,
E ouui, que na Academia
Tocão as Musas al arma,
Acodi ao meu quartel,
E nas costas de huma carta
Armado de tinta em branco
Me puz em som de batalha,
Segui o meu Presidente,
Que bizarro na vanguarda
Em huma mão rege a pena,
E em outra aperta a espada.
Tão esforçado, & tão douto,
Que se o vejo desta banda
Me parece Marte, & logo
Da outra a Apolo retrata.
De seu alento animado
Cheguei ao bosque, & com tanta
Suspensaõ, como dormindo
Parece que resonaua.
Iunto da Ninfa corria
Com pès de lãa, & de prata
Hum regatinho piqueno
Iardineiro de esmeraldas.
Em ouuindoa parou

E Nize que logo o alcança
Namorandolhe o sonoro
O tomou para guitarra.
Quiz temperallo a seu modo,
E a prima fora lhe falta,
Que como Nize he só prima
Todas as demais saõ falsas.
Poracudirlhe a tal pressa
Com mil amores lhe daua
As cordas do coração,
Mas ella tocoume nalma.
Ouui huma voz sonora
De huma ternura que encanta,
E applicandolhe os sentidos
Admiraçoens duplicaua.
Hia suspendendo os àres,
E quando os àres passaua
Vinha traspassando as vidas
O ar de tão linda graça.
Dos àres ao Ceo passou,
E nas esferas mais altas
Ouue Estrellas que disserão,
Que tinha huma voz de prata.
Eu vi algumas errantes
(Se acerta quem dellas fala)
Que por ouuilla ficàrão
Fixas sem dar mais passada.

Vinha correndo a carreira
A Proserpina, ou Diana,
E pella ouuir parou firme,
Sendo que he toda mudanças.
Só alli não vi ao Sol,
Que me disserão que estaua
Occupado co loureiro
Do senhor João de Saldanha.
Valhate Deos por loureiro
O que de papel que gastas,
Mais do que tens folhas verdes
Te adornão já folhas brancas!
Se ouueras de coroar
Tanta Musa que te canta
Ficàras tronco despido
Exposto às lingoas da fama.
Porém valte ter bom amo
Que te desempenha as barbas,
Por grande honrador das Musas,
Por honra da nossa Patria.
Mas voltemos ao intento
De sorte cantaua a Dama,
Que puderão ser Reais
Os seus paços de garganta.
Por ser suspenção de tudo,
Assim ao vento espalhaua
Armonias a la moda,

E ò coſtume conſonancias.
Que lhe diſſe hum Roixinol:
Aqui jà não valho nada,
Virei a eſtar de ſobrado
Sendo Muſico de Camera.
Todas as Ninfas do boſque
Para ouuir a tanta gala
Saltando ſobre huns oiteiros
Ficárão ſobreſaltadas.
Em tão venturoſa noite
Não ſe vio flor, nem vio planta
Que não viſſe o Ceo aberto
Na boca da dita dama.
Dizem que era tiple a voz
Pello muito que chegaua,
Eu digo que era falſete
Nas obras, & nas palauras.
Quando acabando huma Copla
Em quanto o rojão tocaua,
A criada perguntei,
Quem era aquella fidalga?
Reſpondeome muy cortez:
He huma ſenhora honrada,
Que morrendo de ſeumes,
Qual Ciſne morrendo canta.
Falloume verdade a moça,
Porque eſcutandolhe a cauſa

Ouui que cantando, a letra
Desta maneira explicaua:
Mininas de Montemor
Não me tomeis a minha agoa,
Que ella he minha, não he vossa,
Corre da minha leuada.
De curioso, ou de traueſſo
Bem quizera commentala,
Dou a por adiuinhado,
Por não ouuir a minha ama,
Que me diz; que o jantar feito
Não estâ para mais tardanças,
E que a Poezia, *vsque ad mensam*
Como a amizade, *vsque ad aras.*

Assumpto do Presidente Dom Francisco Manoel.

De huma Abelha celebrese a fortuna,
Que fallando importuna
De Clori à descuidada, & bella orelha,
Morte de neue deu co a mão a Abelha.

ROMANCE.

ENtãdada de cuidados,
Que nunca dão gosto as penas,

Por mais que os amantes digão
Encarecidas finezas.
Amante Narcisa estaua
Certa tarde, ou manhãa certa,
O que se achar na verdade,
Porque eu não quero pendencias.
Mais triste que a mesma noite,
E do Ouuidio com licença
Noctis tristissima imago
Della dizerse pudera.
De que achaque, ou que acciděte
Procedesse esta tristeza
Não sabe elle testemunha,
Mas que era Amor ha sospeitas.
Quando pella diuertir
Da quinta a sua Caseira
A conuidou se queria
Ir crestar humas colmeas.
Foi ella por não morrer
Que em fim Narciza não he pedra
E se pedra fora, fora
Sò diamante na firmeza.
Iuntaraõse mais dez moças
Com huma criada, & mea
Que ella tinha, com que fazem
De treze huma duzia certa.
Sahirão com violinha,

Com

Com balayo de merenda
Seu fiambre, ſuas caſtanhas,
E ſeu par de caſtanhetas.
Sahio Narciza bizarra
Muy a lo de camponeza,
Sombreiro, plumas, capote
Bem guarnecido de renda.
Dizem que não era ſeu,
Que lho empreſtàra Filena
Mulher do Iuiz de Fòra,
Que inda era noua na terra.
Chegàrão ao colmear
Colmada de brios ella,
Narciza digo, & de graças
Mais chea que huma colmea.
Quiz a dama creſtar mel
Para doces para a Feſta
(Se ella era a meſma doçura
Eſcuſada diligencia.)
Sentio o enxame nouo
A nouidade, & eſtranheza
Do pandeiro que retine,
E da viola que eſperta.
E não tendo a bem final
Tanta feſta antes da feſta
Ouue rebate là dentro,
E todas ſe poem à lerta.

Sahio huma Abelha fora
A vigiar a floreſta
Como quem não he da briga
Vai reconhecer a treta.
Começou co ſeu zum,zum
A chegarſe mais de cerea,
E preſintindoa Narciza
Se armou de raiua,& cautella.
Porque demais que não he amiga
De ruidos,nem de queixas,
Bem temiá que a picaſſe
Sem ter preparada a vea.
Chegouſe a Abelha ao ouuido,
Ou traidora,ou chocalheira,
E de Narciſa òs narizes
Tambem a moſtarda chega.
E vindo jà de enueſtida,
Eila ſe chega,eila,eila,
Com hum montante de neue
Lhe deu huma morte bella.
Temos chegado ao aſſumpto,
Ou tanto monta à carreira,
Mas antes que diſcurramos
Aqui perguntar quizera.
Se era Zangam? não por certo,
Porque Apolo não venera
A quem ſobre morder tudo

Com

Com o ſuſſurro inquieta
Mas minha curioſidade
Affirma com mais certeza,
Que ſe o aſſumpto he de Meſtre,
Deue ſer a Abelha meſtra.
Abelha ſe à flor andauas,
Quem te mete em conſelheira?
Faze mel, enche cortiços,
Porèm orelhas não enchas.
Arriſcado officio tens
Se por mormurar te chegas,
Nunca foi officio honrado
Em que de proueito ſeja.
Saluo que vendo tu a dama
A julgaſte Primauera,
E como mendigas flores,
Os ouuidos liſongeas.
Que de molde vinha aqui
O ſer a dama tão bella,
Que pareceo recheada
De flores ate as orelhas.
Mas ſe he força que ſe diga
Ià eſtà dito, & bem depreſſa,
Que ha conceitos tão forçoſos,
Como càbes de palheta.
Mas reſpondeme, aſſim viuas,
Na memoria dos Poetas,

Abelha mais celebrada,
Que os sete Sabios de Grecia.
Que segredos lhe dizias
Quando te chegaste a ella?
Aposto que dizem todos
Que era o segredo da abelha.
Se assim foi, eu te prometo
Que andastes bem grande nescia
Pois negas a Salamão
O que a Narciza revelas.
De mulher fias segredo?
Em bom negocio te empenhas,
Pella menhãa o has de achar
Nesses adros à soalheira.
Mas baste de digressão,
Quando a obrigação nos leua
A discursar sobre a morte
Desta pobre Zagaleja.
A trocada foi a sorte
Que em fim ha sortes avessas
Narciza sem ferrão mata,
Ella com ferrão pernea.
Morreo de mal de atreuida
A modo de Borboleta
Se bem aquella arde em fogo
Quando esta em neue se queima.
Inda que fosse em Ianeiro

Teue huma morte bem freſca,
Que a ſer em Agoſto, o goſto
A liuràra da mais pena.
Se forão Caniculares
Morte regalada era,
Gozando com neue viua
Cantiplora de açucena.
Morte de neue lhe deo,
E era forçado, ſe a Serra
Da Eſtrella com ſinco rayos
De neue cahio ſobre ella.
Rayos de neue? bem dito!
Oh, iſto he jà ſer Poeta,
Que bem pòde andar no Tombo
Dos ſenhores da Academia.
Graças ao ſeu Preſidente,
Que de pès, & de cabeca
Me meteo nelle Domingo,
Jà com officio, & com reza.
Fazerme tanto fauor,
Quem ſe não elle pudera,
Pois à reſtea de ſeu ſol,
Me meteo tambem em reſtea.
Aos Academicos todos,
Hum por hum, peça por peça,
Dotados de engenho, & arte,
Virtude, valor, nobreza.

Foi laureando entendido;
E a estar perto da Academia
O loureiro celebrado
Pagàra diuidas velhas.
Assim a razão o pede
Quando mostra a experiencia
Que quem anda nos Sonetos,
Tambem anda nas cabeças.
De quem tanto o eterniza
Foi prouidencia discreta,
Que pois o honràrão tantos
Lhes pague a mesma moeda.
Em fim a Abelha inda hé morta,
Façamoslhe humas exequias,
Não só funerais à morte,
Mas para o succesſo eternas.
Quero ordenarlhe hum enterro,
Ià que foi minha freguesa,
E condenar a Narcisa
Nos custos, & nas offertas.
Demoslhe hum sepulchro honrado
Que tenha na cabeceira
Aos presentes, & òs futuros,
Por Epitafio esta letra.

EPI-

EPITAPHIO.

Esta que fazia mel
Quando das flores viuia,
Na morte faz melodia
Por Dom Francisco Manoel:
Bella Parca, mão cruel
De indignada fermosura
Lhe fabricou sepultura
Com golpe fatal, & forte,
Mas se foi pè para a morte
Ganhou por mão a ventura.

Dama que estando ao Sol, olhou para a sua sombra, & se contentou mais della.

ROMANCE.

MAnda o senhor Presidente
Dom Lucas de Portugal,
Que lhe faça hum Romancinho
A luz deste castiçal
Sou seu subdito, & captiuo,
E procedera mui mal
Se a seus preceitos não fora
Obseruante pontual.

Demais

Demais que he ley da Academia
Sobre cortez, muy geral,
Que façamos os profeſſos
Verſos ao Prouincial.
Dous aſſumptos deu o dito,
Porque he muito liberal,
E a nobreza que o illuſtra
Dà como ſangue Real.
E acommodandome agora
Com o mais ſuſtancial,
Direi ſe poſſo hum conceito
De huma idea venial.
He caſo nouo,& capricho
De certa dama fatal,
Que por cruel,& por branca,
Parece de pedra,& cal.
Dizem que eſtaua Narciza
Em veſpera de Natal
Poſta ao Sol, por fazer frio,
Ha caſo mais deſigual?
Sendo a Dama hum Mongibelo,
Ou fogo de Sam Marçal,
Olhai quanto pòde o tempo,
E como he prejudicial?
Pois às meſmas diuindades
Se atreue cruel fiſcal,
E faz pòr o ſol ao Sol

Confundindo a luz neutral!
Outros arguem dizendo,
E julgão mais material,
Que só por tomar estaua
Tomando o Sol no portal.
Porèm isto he mao costume,
Màs lingoas não dizem al
E só para mal dizerem
Empenhão o cabedal.
Em fim ella à Sol estava,
Mas o Sol estaua tal
A sua vista, de enueja,
Que parecia hum cristal.
Olhou para a sua sombra,
A dama que he natural-
Se não ha quem as namore,
Fingir hum amor mental.
Disse entre sy presumida:
(Dando ao corpo geito igual)
Guardeme Deos como sou
Fermosa como hum rosal.
Se acaso agora me vira
Dom Gregorio Sandoual,
Ficàra por mim perdido
De amor o pobre Zagal.
Estamos dentro no assumpto,
Và hum parecer moral

Sobre

Sobre a postura da dama,
Mas que pareça, tal qual.
Que eu não me obrigo a que seja
Tão fino como coral,
Se não valer dous vintens,
Dem por elle hum só real.
Namorarse esta senhora
Da sombra muito leal,
Foi colherse a boa sombra
Estandoo Sol criminal.
Se não he que o fez discreta
Como afirma Marcial
Por estar bem assombrada
Que he cousa que muito val.
E tanto val que Maricas
A filha do Sarrabal
Para fazer huma muda
Vendeo de prata o dedal.
E a nossa Margarida
A sobrinha do Pardal
Quando foi a ser comadre
Da cunhada do Quental.
Por parecer mais fermosa,
E fazer o seu tres val,
Se pintou de branco em ponto,
Gastando hum pòte de cal.
Pois, *verbi gratia*, se a dama

Não tendo o original
Tão bello, se val da sombra
Emmendando o natural.
Que muito que a sobredita
Sendo de melhor metal
A sua sombra, que as outras
Namore a sua cabal?
Teue razão que sobeja
Là por sima do frexal.
E por dar ao Sol mil mates
Deu de si este sinal.
Bem sei eu que o Sol estaua
Com huma raiua infernal
De ver que ella à sua vista,
Na sombra achaua mais sal.
E dera o Sol neste caso
A pedra Filosophal
Coche, & cauallos, & fora
Sombra de belleza tal.
Pois Narcisa desprezando
De seus rayos o torçal,
O deixa à sombra, qual outra
Cruel Daphne desleal.
Daqui o Senado aprenda
Desta dama cordeal,
Se a sombra era tão bonita,
Que seria o pessoal?

E baſte jà de Romance,
Ninguem me reproue o Al,
Que ſe me culparem, tenho
Por mim todo Portugal.

Nize conualecente de huma doença, apparece o mais fermoſa.

ROMANCE.

NIze, foge da Iuſtiça
Que anda pera vos prender,
E jà que prendeis a tantos,
Não vades preſa tambem.
De vòs ſe queixa a ſaude
Com razão a toda ley,
Que contra ſeus priuilegios
Sois dilinquente cruel.
Diz que as damas que vos virão
Tão linda conualecer,
Tendo jà por goſto os males,
A ſaude em nada tem.
Tão bella, depois de enferma
A ſeus olhos pareceis,
Que parece enfermidade
A doença apetecer.
Se enferma ſahis mais bella,

Com

Com cauſa poſſo dizer,
Que o ſuſto, pella ventagem
Com goſto paſſar podeis
  Dous contrarios num ſogeito
Enferma, & parecer bem?
Contra todos os meus Textos
Agora o venho a entender.
  Eu ſenhora não no cria,
Pois era a primeira vez
(Porèm no ſugeito voſſo)
Que o mal ſe conuerte em bem.
  Ficàrão os males todos
Com eſte ſucceſſo bem,
E de enuejoſa a ſaude
Eſtà para adoecer.
  Ouço que eſtais tão fermoſa,
Deos vos me guarde, que o que
Em vòs a matar eſtà,
Nas outras eſtá a morrer.
  Não ha mal que por bem não venha
Diz o adagio Portuguez,
Mas triunfar dos bens cos males,
Em vòs ſómente ſe vé.
  Linda deconualecente
Que nouidade ſereis?
De tanto mal quem diſſera
Que iſto hauia ſucceder?

Com

Com voſſa doença os males
Eſtao tão bonitos, que
Depois que aſſim ſe admiràrão,
Ià todos ſe chamão bens.
Mas o que ſois conhecendo
Deſde hoje publicarei,
Que ſendo toda hum milagre
Iſto que milagre he?
Nize, dos bens, & dos males,
Não tendes mais que querer,
Para bem vos ſeja o mal,
Se o mal vos eſtà taõ bem.
Demais que diz Academia,
E eu em ſeu nome direi:
Que o Sol paſſado o eclypſe,
He muito mais para ver.

Perdeo huma Dama hum Cupido que trazia no peito, ficandolhe as azas nelle.

ROMANCE.

BAſta que perdeis minina
(Como quem naõ quer a couſa)
A cauſa por quem o mundo
Se perde todas as horas?

Baſta

Baſta que me dizem todos,
(E ſempre he certa a mà noua)
Que perdeſtes a Cupido
Voſſo brinco, & voſſa gloria?
Ha tal caſo! ha tal ſucceſſo!
Que dirão as enuejoſas?
Que por perdida o perdeſtes
Quando o venceis por ſenhora.
Andar, pois o Amor perdido,
He voſſa culpa, & a fora
Maior, a não ter em vòs
De ſua belleza a copia.
Tendes deſta perdição
A ſorte mais venturoſa,
Pois anda por vòs perdido
Quem perde as mininas todas.
Quizſe deſazir de vòs
Deixando as azas por força,
Azada eſtais a rir delle,
Se elle deſazado chora.
Deixou as azas, fugio,
Porèm Nize và de apoſta,
Que eſtá em vòs, ou mui perto
Quem não tem azas, não voa.
Leuou as ſettas, & o arco,
Mas bella Nize que monta,
Se as ſettas vão deſpontadas,

Se o arco afroxou a corda?
Se elle vai de aza caìda
Pareceme a mim cachopa,
Que vòs lhe fizeſtes tiro,
Por iſſo voltou as coſtas.
Não ſei ſe eſſas azas ſaõ
Deſpojos que a guerra conta,
Mas creo que deſſas penas
Formareis vòs voſſas glorias.
No peito vos deixa as azas
Para que não diga a nota
(Se o perdello foi deſazo)
Que ſois deſazada moça.
Iàcom as azas deCupido,
E com as ſettas fermoſas
Das luzes de voſſos olhos
Vòs ſereis Cupido agora.

A huma Dama que cheirando huma roſa a picou huma Abelha.

ROMANCE.

HVid de Nize Zagales,
Que viue picada yà,
Que Amor la picò zeloſa
De vna Abeja en el disfraz.

La

La Abeja la hurtó lo dulce,
Que hazer miel es su caudal
Si antes era rigurosa,
Agora que agria será!
Otros dizen que la Aueja
Sobre labios de coral
Puso toda la dulçura
Para la muerte ocultar.
Que como en ellos moria
Queria en ellos matar
Por vengança, y en ella ha puesto
Su agujon, y su mal.
Quien viere tanta dulçura
Tal cosa no pensará,
Pero alerta coraçones,
Que aspid en las flores ay.
Quien gustare de su vista
Aduierta que lleuará
En el coraçon la herida,
Si lo dulce en el mirar.

Fabio escreuia a Amarilis junto de hum rio, & leuoulhe o vento o papel. Ao intento lembrou este quarteto que seruira de

MO-

MOTE.

Os amores de Maria
São de papel, & molhouſe.
Querolhe bem na minha alma,
Querolhe bem, acabouſe.

GLOSA.

SEntado de hum rio apar,
E que era fonte outros dizem,
Mas os olhos contradizem
De Fabio, eſte variar:
Era rio & fora hum mar
Conforme Fabio ſentia,
E nas ſaudades morria,
Abrindolhe com bem magoa
Nos olhos, dous olhos de agoa,
Os amores de Maria.
No ſeu liuro de razão
Quiz pôr ſeus males em liſta,
E em letra bem paga à viſta
Quiz mandar ſeu coração:
Puxou do papel então,
E hum ſuſpiro leuantouſe,
Leuando o papel ſafouſe,

E fez

E fez do papel baixel,
Que os aliuios de hum papel
São de papel,& molhouſe.
Ao papel leuou o àr,
Porèm o papel à Dama
As lagrimas que derrama
Fabio,quer tambem leuar:
Foi a buſcàllas ao mar,
E Fabio ſuſpenſo em calma,
Por leuar de amante a palma,
Aſſim como o tem na Idèa,
Eſcreueo logo na area:
Querolhe bem na minha alma.
Contemplando já no eſcrito,
A liuios daua ao tormento,
Quando vindo hum pé de vento
Apagou de Fabio o dito:
Elle diſcreto,ſe afflicto
De eſcreuer mais enfadouſe,
E para o vento virouſe
Dizendo: não tens que andar,
Que a Amarilis hei de amar,
Querolhe bem,acabouſe.

Sentimentos na morte do Doutor Antonio Barboſa Bacellar.

DE-

DECIMA.

O Como ſente Lisboa
Altamente enternecida
Huma morte que foi vida
Por quem foi Lis, & foi boa!
Com taes ſuſpiros já voa
(O Fenix mais entendido)
Tua fama, & ſeu gemido,
E com tal pena nos deixa,
Que parece tua a queixa
Pello diſcreto, & ſentido.

A. C.

A Soror Violante do Ceo.

DECIMA.

VIola na Roſa eſtais
Por dar a Roſa fragrancia;
Viola na conſonancia
Sois, quando Muſa cantais:
Ao Ceo, & terra agradais,
Pois tudo em vòs floreceo,
E que ſereis pareceo
Iá por flor, já por Eſpoſa
Se Viola, antes da Roſa,
Depois Violante do Ceo.

Ao Doutor Andre Nunes da Sylua, sendo terceira vez Presidente na Academia dos Singulares, cuja empreza he hum Sol sobre huns liuros, coroados de Hera.

SONETO

TErceira vez illustre decorosa
Vossa eloquẽcia, a nossa Academia
Oh singular Andre, com que à porfia
Se ostenta cada vez mais deleitosa:
Na primeira a brincastes como a rosa
Na segunda a encheste de alegria,
E na terceira hoje, a Energia
A enriquesse de exẽplos portentosa.
Hoje augmentando os rayos rutilãtes
Bella, engraçada, & rica reuerbera
Cõ tres graças, tres flores, tres diamãtes.
Hoje he de Apolo mimo, & oje a Hera,
Coroando a feliz, como era de antes,
Reuerdesse melhor do que antes era.

A Diogo Gomes de Figueiredo, Sargento mòr de Batalha, sendo Presidente na Academia dos Generosos.

DECIMA.

NEsse das sciencias docel
Em pena a espada trocando,
Estais Diogo abonando
Da espada, & pena o laurel:
Traça foi sabia, & fiel,
Pois para ser celebrada
Tanta victoria alcançada,
Apolo que tudo ordena,
Faz da vossa espada pena,
Para louuar vossa espada.

Dama musica, & fermosa na maior Excellencia.

OITAVAS.

I

FEnix suaue ao passo que fermosa
Suspensaõ bella, & doce dos sétidos
Em cuja luz, & voz sempre gostosa
Os olhos gloria tem, pasmo os ouuidos:
Com razão admirada, & respeitosa
Vos aclama entre os logros repetidos
A alma que em notaruos se recrea,
Venus na graça, se na voz Seréa.

Do

2

Doroſte o Sol, da voz a melodia
Arrebatão com força tão conſtante,
Que indiciſo o cuidàdo na porfia
Não ſabe a qual dos dous acuda amãte:
Porque em golfos de luz, & de armonia
Correndo victorioſo & naufragante,
Se embaraça o ſentido mais ſupremo
Nos dous extremos de que ſois extremo.

3

Os deſejos alenta a fermoſura,
O ſuaue da voz as almas rende,
E quanto atrahe das vozes a doçura,
Tanto das luzes a belleza acende:
Com igual força, com igual ventura
Catiua a voz, a fermoſura prende,
E de ſorte a belleza, & voz deſperta,
Que em cada qual o amor tẽ porta aberta.

4

Ambicioſo de glorias o deſuelo
Dos dous extremos ſolicita as glorias,
E na ſuaue voz, & roſto bello
Das victorias de amor logra as vitorias:
Na luz & voz, do amor o ardente zelo
Tanto ao logro feliz ata as memorias,
Que por lograr o bello & doce vnidos,
Se entrega todo aos olhos, e aos ouuidos.

Perguntaſe: ſe foi deſacerto fingir hum retiro por experimentar huma fineza? Reſpondeſe em 6.

DECIMAS.

DEſacerto não, deſtreza
Foi de amor, ſe bem miro
Saber fingir hum retiro
Por lograr huma fineza:
Que como na amante empreza
Da guerra imagem notoria,
Cada qual pertende a gloria
Com modo, & traça ſutil,
Diſcreto ſerà o ardil
Por alcançar a vitoria.
Cautela foi liſongeira
Conſeguir deſtro o ſentido
Por hum retiro mentido
Huma gloria verdadeira:
Não foi mudança ligeira,
Antes foi empenho grato,
Que apurar de amor o trato
Com hum retiro inconſtante,
Mais he credito de amante,
Do que delito de ingrato.

Se huma discreta ficção
Alcança tanta ventura,
Negarlhe será locura
Os acertos da razão:
Cautella sym, erro não
Lhe chama a felicidade,
Porque não he nouidade
Nas traças que amor inspira
O fingir huma mentira,
Por saber huma verdade.
Se o retiro foi temor,
Fineza foi a meu ver,
Que só quem chega a temer
Sabe acreditar o amor:
Quem ama teme o rigor
Quem teme apura a firmeza,
Filha he do amor a destreza,
Logo claramente infiro;
Se foi temor o retiro
Que o retiro foi fineza.
Sombras saõ do sol do amor
O temer, & o duuidar,
Porque só quem sabe amar,
Sofre a duuida, & temor:
Finja pois destro (em rigor)
O cuidado que respeita
Do amor a gloria perfeita,

Pois que na ficção se vê
A segurança da fé,
O remedio da suspeita.
Finja o retiro o valor,
E logre a dita segura,
Que bem merece a ventura
Quem sabe encobrir o amor:
Cesse a duuida, & temor,
E vença tão grande tiro,
De cuja destreza infiro,
Que será (pois que lhe agrada)
De amor bella retirada,
Ou se não hum Bom retiro.

Saudades de Filis, por se recolher Freira huma amiga por nome Madalena a quem chamaua sua firmeza.

DECIMAS.

Desuos minha saudade
A ser de hum Ceo Serafim?
Não sei se he verdade? em fim
Para meu fim he verdade.
Ià que esta penalidade
Hão de ver meos olhos tristes
A quem de espelho seruistes,

Deixai

Deixai que em tão triſte magoa
Paguem em correntes de agoa
A alegria em que os viſtes.
Triſte que farei agora
Penando em ſaudade tal?
Se morte fora meu mal,
Muito menos o mal fora:
Em tão apertada hora
(Forçoſo empenho de eſtrella,)
Não ſei ſe me queixe della,
Pois Madanela ſe vai,
Se em hum ſupiro, & hum ay,
Eu fico huma Madanela.
Sem as riquezas maiores
Do voſſo cabello louro
Faltàrão minas ao ouro,
E ò meſmo Sol reſplandores:
Faltàrão no campo as flores
Que neſſa belleza vi,
A candidez ao jazmim,
O bello encarnado à roſa,
E por dòr mais riguroſa
Me faltareis vós a mim.
Se para maior contento
Vos mereci por firmeza
Agora neſta triſteza
Não ſois goſto, ſois tormento:

Bem me mostra vosso intento
Para suspensaõ mayor,
Que só para minha dôr
De firmeza vos mudastes,
Inda que firme ficaste
Para o mais fenix amor.

No objeto da confiança
Maior se fez a tristeza,
Pois vẽnho a ver a firmeza
Posta em tão rara mudança:

Não teue vida a esperança,
No que sempre vida tem,
Viue como o mal o bem
Por firme no variauel,
E assim no Ceo que he mudauel
Estrellas fixas se vem.

Leua a pozsy o desejo
Esta tão diuina empreza,
Pois deixando ser firmeza,
Muito mais firme vos vejo:

O que neste caso enuejo
A razão mo representa,
Mas amor não se contenta
Pello muito que vos quero
Se em mar de tormentos fero
Corre a firmeza tormenta.

O Ceo

O Ceo para flor vos colhe,
E a mim me deixa saudosa,
O seres de Deos esposa
A razão à queixa tolhe:
Para meus suspiros olhe
O amor por quem me deixais,
Que em tão afinados ays,
Só esta razão me acode,
Que em vós ganhar mais não pode
Nem eu posso perder mais.

A hum amigo na morte de hum filho de extranagante belleza, hauendolhe falecido outro em breues dias.

INSINVAÇAM.

ESte segundo golpe, pois he dado sobre ferida tão fresca, he força que lastime mais. Não sei que lhe diga a V. Merce que possa darlhe algum aliuio, desejandolhe tantos, porque se embaração os affectos com as difficuldades. Ora quero ver se acerto buscando entre tantos hum, paguemos de tantos.

DECIMA.

IOanico que neſte dia
Para ſy traslada o Ceo,
Sempre a mim me pareceo
Que a terra o não merecia:
Deos que aſſim daruos porfia
Hum, & outro golpe atroz,
Pòde cantar minha voz
(ſe ja não he pranto meu)
Que ſois mui mimoſo ſeu,
Pois tanto ſia de vòs.

Mandou Aonia a Fabio huma caixinha (feitio de coração) chea de doce; & Fabio em reposta.

ROMANCE.

SOu eu Roixinol minina
A mim coração, porque?
Mas, ou por voſſo, ou por doce
Grandes fauores contem.
A mim bem me parecia
(Que acertado niſſo andei;
E agora de veras digo
Que tenho bom parecer.)

Que

Que hauendo de dar discreta
Huma vez; destes mui bem.
Pois querendo ser querida
Destes com que vos querer.
Quem vos ama como deue
Coração não deue ter,
Que elle está mais com quem ama
Do que está com cujo he.
Se tenho bom coração,
Não ha que me agradecer,
E se he coração de açucar,
Será coração sem fel.
Doce coração me dais,
Doce coração terei,
Ià o ser todo doçuras
Engano não póde ser.
Dadiuas ha que a seu dono
Se parecem; se esta he
A vòs muito parecida,
Mui rica cousa sereis.
Pareceo caixa de joya
Quando a vi na mão trazer,
Depois que na mão a tiue
Por joya a tiue tambem.
Joya do peito será,
Ioya que no peito he
Por fauor de coração

A prenda

A prenda que me prender,
Digo que hauerà no mundo
Por boa fortuna quem
Tenha maior coração,
Melhor coração não sei.
Sendo vosso ser pequeno
Não sofro, mas eu sei bem,
Quem não tem para hum bocado
Se lho derem a comer.
Mas que digo? sou hum tonto,
Sendo vós grande mulher
Não pòde ser, se não grande
Coração de que viueis.
Foi prouidencia discreta,
Se em mim não podia hauer
Cousa que vos merecesse
Daresme vòs mesma que.
Là quereruos não será
Merecimento; porque
Sò parece desempenho
Com o que me dais, querer.
Mas que amor tão fino houuera
Que pudesse comprehender
Sem o vosso coração
O muito que mereceis?
Agora sym que o conheço,
E tenho balança em que

Posſa pezar voſſa graça
Sendo o coração fiel.
E ſe por onde vos quero
Alguem perguntar quizer?
Direi: pello coração,
Toda a verdade direi.
A medida do deſejo
Agora vos quererei,
Nem ha mais que deſejar
Quem tem com que vos querer.
De tão grande coração
Eſte meu amor ſe vè.
Que já aceita os deſafios
Que lhe fizeſtes cortez.
Naquelle fermoſo valle
Donde jaſmim querais ſer
Não mediremos eſpadas,
Os coraçoens ſym, & aſé.

A huma Dama ſangrada no pè.

ROMANCE.

SEm que ſejais Papagaio
Eſta licença me dai:
Dai cà o pè Mariquita,
Pois o goſto me quitais.

Dai

Dai cá o pé neſte caſo,
Por vida voſſa dai cà,
Que ſe por maõ vos ganhei,
Com darme o pè me pagais.
Se eſtà picado do ferro
Meu coração vos dirà
O que padeço, pois nelle
De pès, & cabeça eſtais.
De mais, ſe preſa vos tenho
Com os laços de hum ſendal,
Inda que quebrais, por pès
Não podereis eſcapar.
Dai cà o pé, que com elle
O deſejo correrà
Num pé, ſempre a daruos goſto
Tudo o que amor lhe mandar.
Dai cà o pè, que eſtou triſte
Contra a triſteza me armai;
Que dizem que os pès de roſa
Tem virtude de alegrar.
Dai cá, que com tal fauor
Não farei hum pè a tràs
Contra o rigor da fortuna,
Que deu em tratarme mal.
Dai cà o pé, que ſe tenho
Eſta firmeza não mais,
Porei pé em ramo verde,

E terei

E terei bens que esperar.
Dai cà esse pè ferido,
E se o sangue o esmaltar,
Dispoloei no coração,
Hum pè de crauos será.
Dai cà o pè meu cuidado,
Pois que tantos me custais,
Darmeheis dè pè a ventura,
Porque lhe possa chegar.
Dai cà o pè porque quero
Vosso amiguinho leal
Com este pè de cantiga
Diuertir este pezar.
Dai cá o pè, que alentado
Com tanto fauor não mais
Estarei firme à pè quedo
Em vos querer, & adorar.

A Bento Coelho insigne Pintor de Sua Magestade, por huma Lamina dos Innocentes que pintaua.

DECIMAS.

ESTas, do martyrio flores
Sendo mal abertas rosas,
Hoje renascem fermosas

Do

Hoje renascem fermosas
Do vosso pincel nas cores:
Da morte-cor os rigores
Com tal primor auiuais,
Que quando assim os pintais
A natureza pasmou
De ver, que o que lhes tirou
Herodes, vós lhes tornais.
Viose na vossa pintura
Com engenho, & com destreza
Assustada a natureza,
Afeada a fermosura:
Viose a afflicção mais dura
Em que o odio consentio,
Viose que o bronze sentio;
Mas o differente estado,
Que vai do viuo ao pintado
Só esta vez se não vio.

Ao mesmo sugeito pintando humas flores.

DECIMA.

NEste tão florido empenho
(Da arte os primeiros primores)
Se vejo dessa mão flores,
Colho frutos desse engenho:

São

São do pincel desempenho
Se as noto por elevadas,
Da natureza enuejadas,
E assim as flores pintais,
Que parece flor, & mais
Dizernos que saõ pintadas.

A huma Lamina do Nascimento do Baptista que pintaua o mesmo.

DECIMA.

ENtre os nascidos sois vòs
Meu Santo o mais venturoso,
Mas agora o mais fermoso
Dizei o vòs, que sois voz:
Iá meu discurso vesòs
Affirma, conforme entendo,
Que estais pello que estou vendo
Neste pincel mais luzido,
Em caza só vós nascido,
Mas aqui tudo nascendo.

A Simpatia.

ROMANCE.

QVe vos escreua hum Romance
Minha senhora Narcisa

Me

Me mandais, fazeis mui bem,
Porque ſois ſenhora minha.
Dais o aſſumpto, que ha de ſer
Dizeruos a Simpatia
Que couſa ſeja, & que effeitos
Cauſem ſuas marauilhas?
Obedecer ſerà goſto,
E oxalà que obedecida
Sejais com aquelle acerto
A que voſſo amor me inclina.
Querouos, deuo ſeruiruos
Com a maior cortezia,
Porque quero, & pois vos deuo
Tudo quanto ſe imagina.
Tendes para ſer amada
Duas mil galanterias,
E eu tenho para quereruos
Obrigaçoens infinitas.
E ſe de razoens tão grandes,
Ou deſtas priſoens tão finas
Naſce bem com mil affectos
A obediencia mais preciza.
Và de Romance tal qual
Minha inculta Muſa inſpira,
E ſe falla em bom Romance
Comigo tem ſimpatia.
He Simpatia huma graça,

Cujo

Cujo effeito ſe origina
Em dous coraçoens vnidos
De parenteſco ſem linha.
Dizem que naſce daquella
Correſpondencia luzida
Das eſtrellas em que naſcem
Aquellas almas mininas.
Ou daquella ſemelhança
De ambas qualidades, ſiga
Cada qual o que quizer,
Que eu leo agora de Prima.
He huma affeição forçoſa,
Mas não forçada, catiua
Por ceremonia ſómente.
E por Imperio Rainha.
Toda a diligencia junta
Nas emprezas mais ſubidas
Não pode tanto, quanto ella
Com hum ſo acèno obriga.
Suas razoens effeituão
Contra a mòr ſoberania
Grandes couſas não cuidadas,
Com razão não entendida.
aue geita tudo o que quer,
[illegible]do o que quer domina
Sem ſaberſe o como, ou quando,
Sò quem o ſente ſe admira.

He ſenhor por natureza
Aquelle que ella diſtina
Coração mais venturoſo
Com eſtrella por diuiza.
He de todas as vontades
Pedra de ceuar mais fina,
Que o mais diſtante cuidado
A cuidados neceſſita.
Baſtou a huma planta ter
Co meſmo Sol eſta dita,
Para ſer gigante flor,
E nos jardins mais bem viſta.
He hum dos prodigios grandes,
Que a natureza confirma,
Por herança dos affectos,
Por morgado das caricias.
De ver o que niſto pode,
E nas almas predomina
O neſcio lhe chama encantos,
E o vulgo feiticerias.
A mais grande fermoſura,
Sem ella chorou ruínas,
E a fealdade mais toſca
Com ella pareceo linda.
Mudamente perſuade,
Tudo acaba, a tudo aſpira
Memorias apreſentando

De natural armonia.
Ter simpatia co ferro
He gosto de pedra fria,
Tella co ouro, & diamantes
He do Sol empreza digna.
Valhase o discreto della
Quando della participa,
E leue auante co a arte
O que a natureza brinda.
Com ella tudo se auança.
Sem ella, a mais peregrina
Sobre indiscreta, serà
Bem mal lograda porfia.
Tenho dito o que parece.
E se quereis que vos diga
O maior de seus effeitos,
Olhai para a nossa vida.
Deos guarde a vossa mil annos,
E vos faça huma santinha,
Dandouos, sobre as que tendes,
A sua graça diuina.

Ao dia da Profissão de duas Religiosas, que succedeo em dia de Sam Lucas, Anno bisexto de 1660.

RO-

ROMANCE.

HE possiuel esperancas
Que acabastes co tormento
De aguardar por este dia?
Por essa Cruz que o não creo.
He certo que o fim chegou
Deste grande Anno bisexto,
Que ainte para ser grande
Teue mais hum dia inteiro?
Em fim dia que chegaste,
Que ha dous mil annos que espero,
As euidencias me matão,
Pois não no creo, & o vejo.
Que hei de fazer neste caso
Entre o bem, & o mal perplexo?
Para crido he grande bem!
E para não crido he certo!
Valhate Deos por fortuna,
Que atè nos bens hes tormento!
Porque me fazes raiuar?
Hes minha, bem te conheço.
Quatro figas para ti,
E mais não he comprimento,
Se obrigas pella palaura,
Pedillasei, que as não tenho.

Estauas

Estauas muito contente
Nas duuidas que padeço?
Pois enforcate mofina,
Que vou quasi, quasi crendo.
Hoje he dia de S. Lucas?
Que sim, me diz elle mesmo.
Pois se o diz Euangelista
O creo como Euangelho.
A posto que hão de sair,
(Ou por gosto, ou por decreto)
Euangelistas as Freiras
Que neste dia professaõ.
Valhate Deos por aliuio,
O que tardaste de tempo:
Ora não tarda quem vem,
Ainda assim to agradeço.
Venhas muito embora, & venhas
Para ser deste Emispherio,
O melhor dia do Anno,
O mais alegre, o mais bello.
Es dia da profissaõ
Da gloria do meu desejo,
E pello mais glorioso,
Eu de acclamarte professo.
Neste pois tão bom dia
Bom por todos os respeitos
Eu quero metello em casa,

Praza

Praza a Deos que caiba inteiro.
Porque he para mim tão grande,
Quanto no maior empenho
O laurou minha esperança
De diamantes,& de alentos.
E como o tiuer em casa,
Tudo o que esperaua tenho,
Direi que todo meu bem
Tenho de portas a dentro.
Ditoso dia,pois foste
Tão suspirado,te pesso,
Pello muito que custaste
Que tragas mais companheiros.
E vòs Freirinhas,pois nelle
Descançastes como em centro,
Lograi,lograi com ventura
Mil vezes tão lindo emprego.

Parabem da noua da melhoria de Filis.

DECIMA.

MVito para bem me seja
A noua da melhoria;
Que he a maior alegria
Que meu cuidado deseja:
Em vós meu bem nunca veja

Do mal sombra, nem memoria
Gozando huma tal victoria;
Que não pode ser pequena
Se o custo de tanta pena
Fez tão crecida esta gloria.

Em acção de graças ao Conde da Feira D. I. apadrinhando a hum soldado que se despachou. Em seu nome.

DECIMAS.

TEmplo a Fama vos dedique
Felice gloria do mundo,
Vosso favor sem segundo
Luzes ao Sol communique:
Bem he que o affecto publique
Effeitos de tal favor,
Pois podeis Conde, & senhor
Em minha sorte importuna
Vencer a minha fortuna,
Sendo a ella superior.

Em vinte annos não puderão
Serviços, nem diligencia
O que por vossa assistencia
Numa só hora vencerão:
Tão outro me considerão

Depois que essa mão me honrou,
Que eu mesmo admirado estou
Nesta dita que me assombra,
Que ontem sendo tudo sombra,
Hoje marauilha sou.
Do nada do esquecimento
Vòs só me resuscitais,
Mui como quem sois obrais
Da fidalguia portento:
Sem ser desuanecimento
De acção tão acreditada
Cante a Musa celebrada;
Que no bem que me fazeis
Muito a Deos vos pareceis,
Pois fazeis homens de nada.

A huma Dama que prometeo hum fauor pedindo dinheiro.

DECIMA,

DE vòs, senhora, Cupido
Hoje se queixa agrauado,
De que, sendo Deos vendado,
Vòs o façais Deos vendido:
Queixoso como offendido
Se nota nesta contenda,

E he mui justo que se offenda
De vòs, inimiga minha,
Pois sobre a venda que tinha,
Lhe puzestes outra venda.

A L. L. D. M. sendo Escrivão da Misericordia, pedindo hum quartel que se me ficára deuendo do anno passado.

ROMANCE.

SEnhor: isto he memorial,
Posto que Romance he,
E he pedir em bom Romance,
Se sendo meu pôde ser.
Desse quartel derradeiro
Da Mesa passada, que
Me tem a mim de presente
No derradeiro quartel,
Vos peço pello que sois,
Que de darmo vos lembreis,
Assim tenhais muitos dados
De quem, sem quem, & com quem.
[illegible]n passo não dou auante,
Se neste me não valeis,
Que o quartel que a tràs ficou
Mil cobardias me fez.

Nesta Parochia a quem sirvo,
Não ha quem queira morrer,
Se não he de fome os Padres
Que os mais tal tenção não tem.
Se não morrem, não viuemos,
E em tanto verdade he,
Que em não ouuindo sinaes,
He sinal de não comer.
Desse nosso Thesoureiro
Tenho mil queixas afé,
Para vòs senhor apello,
A apellação recebei.
He recebedor de esmollas,
E dando esmola tal uez
A muitos, só para mim
Se acommoda a receber.
Faz hum thesouro dos meus
Dez mil & quinhentos reis,
E fazme mil thesourinhas,
Quem isto me não quer crer.
Casa de Misericordia
He, mas nella não achei
Satisfação de justiça
Pellas mãos deste Esmoler.
Tenho consultado os Astros,
E acho que não hei de ter,
Se não for na vossa esphera,

Algu-

Alguma estrella de bem.
Nesta sciencia sois versado,
E assim o venho a entender,
Que então terei boa estrella
Quando estrearme quereis.
Benigno aspecto em vòs vejo
Nas que me fazeis merces,
E nesta conjunção magna
O meu Planeta sereis.
Do atributo mais supremo
De Deos, sois vòs o fiel,
Pois para os ler o Cordeiro
Liuros de vida escreueis.
Escreueime num cantinho
Desse corrente, & vereis,
Pois para o bem pè me dais,
Como corro a receber.
A minha ama, o meu caseiro
Por esses poucos vintens
Desse quartel esperado
Rendido a esses pès me tem.
Sois valente, & sois bizarro,
E não haueis de querer
Deixar de me dar a vida,
Pois vos pesso bom quartel.

Ao R. P. Fr. A. prégando as excellencias do Bautiſta.

DECIMA.

DOuto, entendido, ſugeito
Do Precurſor diſcurſaſtes,
Tanto aſſim, que atràs deixaſtes
O mais ſubido conceito:
Ao que haugendo reſpeito
Sofrei que neſta conquiſta,
De quem por voſſo ſe aliſta;
Fale o Amor; que mal reſiſto:
Que ſe elle foi voz de Chriſto,
Vòs foſtes voz do Bautiſta.

Mandouſe a huma ſenhora hum preſente conſideravel, com hum recado que dizia: que era em ſerviço de Deos. A dita.

REDONDILHAS.

DE rizo ter me não poſſo,
Aſſim Deos me dé os Ceos;
Que chamem ſeruir a Deos
O que he ſó ſeruiço voſſo!

Iuos

Truos hum presente à mão,
E ser só de Deos a empreza,
Em vòs argue pobreza,
Em mim causa admiração.
Serue a Deos quem dà esmola,
E vòs inda a não pedis,
Se a confiança admitis,
Torne o recado á escola.
Tal caso não succedeo
Depois que ha casos no mundo,
Quem de sy não tem segundo,
Tudo de sy prometeo.
Quando a nada mendigais,
Vos dão de Deos por amor
Sois a ventura maior
Das flores dos Senseirais.
Não entendo em tal seruiço
De quem mandou a intenção,
Porque se era boa, ou não,
Quem lhe perguntou por isso?
Saluo que foi deuaçam
De algum Santo de respeito,
Se se dà em tal sugeito
Deuação, ou tentação.
Mas porèm o que mal trata
Neste arruìdo feitiço,
He que vos não faz seruiço,

Quem

Quem como pobre vos trata.
Porque jà que eſte innocente
Queria oſtentar agrado,
Ou mudàra de recado
Ou mudàra de preſente.
Perdeo os meritos ſeus,
Porque de ninguem os cobre,
Não de Deus, que não ſois pobre,
Não de vòs, que não ſois Deos.
Sois tão bem afortunada,
que em tão deſigual partido,
Elle fica deſtruido,
Vòs não ficais obrigada.
Finalmente vos auiſo,
Que ſereis neſta occaſião,
Se pobre em reputação,
Elle pobre de juizo.

Diſſe huma Dama a ſeu galan: a mim não me mudão agrauos, como a v.m. zelos.

E em repoſta.

REDONDILHAS.

SE vos não mudão agrauos
Senhora, ſerà porque
Não cometeo minha fé
Offenſa de deſagrauos.

Se

Se vos offendera Amor,
E me sintira culpado,
Eu mesmo por condenado
Buscàra vosso rigor.
Como vos ha de mudar
Culpa em que não delinqui?
Se vòs viueis sempre em mim,
Como me posso agrauar?
A mar a hum tempo,& offendar
Não he amor,he desdem,
Aggrauar,& querer bem
Impossiuel vem a ser.
Para poder offenderuos
Houuera deixar de amaruos;
Mal posso logo agrauaruos,
Se não deixo de quereruos.
Agrauado,& mais queixoso
Me terà vossa razão,
Agrauado sou,& não
Como dizeis criminoso.
Nesse bello tribunal
Saya este agrauo prouido,
Que não merece offendido
Quem foi acuzado mal.
Para a mais clara razão
De tal sem razão apelo.
E intimauos meu desuelo

Agra-

A grauo com ſuſpeiçaõ.
Iulgai como vos merece
Quem tão de voſſo ſe preza,
Que não he de amor empreza
Rigor que ſe deſmerece.
A mim não me mudão zelos,
Fazemme mudar de côr,
Porque zelos com amor
Entra atè os cotouelos.
Sentir o que outrem vos quer,
(Ou temor ſeja, ou tormento)
He mudar de ſentimento,
Porèm não de parecer.
A môr fineza do Amor
Neſte caſo em que ſe cuida,
He mâ, porque ſe não muda,
E ſe ſe muda he peor.
Penſaõ cruel de quem ama
O ſugeitarſe ao ſeu me,
Que a quem não queima eſte lume,
Ou ſe não ſente, ou deſama.
Deponde pois tal engano,
Que contra minha firmeza
Fazer delicto a fineza,
Sera inſofriuel dano.
E ſe inda voſſo rigor
Quer apertar a paciencia,

Em tão rigurosa ausencia
Baste desta ausencia a dôr.

Toucouse Nize à Franceza com o cabello cortado.

ROMANCE.

DA prisaõ de hum listão verde
Com bizarria, & asseyo,
Soltou Nize em negros rayos
Breues lisonjas ao vento.
Admirando a nouidade,
Sendo formosos por negros
A vista do que os estimo
Negrejauão os conceitos.
A pelo vinhão os mais delles,
Outros chegauão dizendo:
Se para os cabellos vinhão,
Não vinhão pellos cabellos.
Soltouos nas suas fontes
Por guarnição dos estremos
De dous arcos em que Amor
Viue triunfante em seu Reyno.
Outros dizem que por figas
Dos olhos saõ paralelos,
Por meter figas nos olhos

A qua-

A quatro duzias de neſcios.
Eu cuidaua que os dourados
Erão ſempre os mais perfeitos,
Mas agora aos negros digo,
Que fazem melhores pertos.
Os cabellos afamados
Daquelle moço indiſcreto
Comprandoſe a pezo de ouro,
Não tiuerão tanto preço,
Tanta gala, & valentia
Tem, que pòdem ſem receo
Derribar à fermoſura
As colunas de ſeu templo.
A ſorte foi lindo encontro,
Se foi acaſo o ſucceſſo,
Por acertos de hum bom goſto
Me ſahio a ſorte em negro.
De hum cabello pendurado
Vio Dionifio o ſeu tormento,
E nos cabellos de Nize
Vi eu o meu goſto preſo.
Que bem ſe ſentio o Amor,
Bem lhe doeu o cabello,
Que ſe eſte cabello via
Valeria hum pouco menos.
Eu de mim affirmar poſſo,
Que qnando admiralos chego,

Pellos cabellos tomàra
Occaſião de tão bom pello.

Mandou Fabio a Nize por brinco de ſangria, hum coração pequinino.

DE CIMA.

TAmanino coração
Senhora vos offereço,
Se bem que he grande no preço
Que lhe dà minha afeição:
Não cuideis que he ſem razão,
Sendo meu ſer piquinino,
Porque ficando ſem tino
De vos ver ſegunda vez
Doentinha, ſe me fez
O coração tamanino.

MOTE ALHEO.

Olhos verdes, mas ſem vos.

DECIMA.

TEndes bem mà condição,
Porèm neſſes olhos verdes

Ten-

Tendes graça para ſerdes
Senhora de beija mão:
Vaſſallo o meu coraçam
Acclama eſſes olhos ſós;
Teme a condição atroz,
E adora por tão fermoſos
(Minha ſenhora) eſſes voſſos
Olhos verdes, mas ſem vos.

A huma Dama comendo a hũa jenela.

ROMANCE.

PAra fazer hum Romance
Minina quero eſta vez
Com vontade, & ſem faſtio
As vnhas das mãos morder.
Porque ſe ao comeres vòs
Eſte Romance ha de ſer
Por me parecer com voſco,
Eu quero comer tambem.
Se não diſſer quanto ſinto,
Na verdade o ſentirei,
E oxalà que de conceitos
Grande comichão me dé.
Minina eu vi que comieis,
Mas o que naõ diuiſei,

Naõ

Naõ sei se comeis doce,
Mas docemente comeis.
Cuidando estou que seria.
Estaua para dizer
Que era manà, pois ao Ceo
Esta iguaria conuem.
Se serião confeitinhos?
Auerigualo não sei,
Porèm, seriaõ de rosa,
Porque he vosso este porèm,
Que erão alcorças vermelhas
Pudera affirmar, porque
Se naõ eraõ os beicinhos,
Isso deuia de ser,
Se seriaõ frutas nouas?
Mas agora inda naõ vem,
Se bem, que cousa bem noua:
Comerem os Anjos, he
Seriaõ peras de almiscar,
Naõ por certo, naõ asé,
Que as peras de S. Ioaõ
Vem là por Santa Izabel,
Demais que seria encanto,
E cousa para naõ crer,
Que as flores comessem frutos
Que a Primauera naõ tem.
Se seria pam, & queijo,

Ou

Ou nata doce tambem?
Mas podeis facilmente
Por erro, huma maõ morder.
Tiue minhas soſpeitinhas
Se seria barro? &
Cuidando no que cuidaua
Logo me quiz deſdizer.
Quem era taõ de alſinim
Barro hauia de roer?
Boa farinha, faria
Ceo, & terra! para que?
Sendo vòs hum paraiſo
Do Ceo, vos quereis fazer
Paraiſo terreal?
Em vòs muito desfareis.
Se quereis morder o barro,
Mais perto o barro achareis,
Barro ſou, pois murmurais
Quanto quizeres mordei.
Oh quem me dera o que era
De corioſo entender,
Inda que niſſo empenhàra
Comer as maõs, & os pès.
Ora daime hum bocadinho,
E por certo julgarei
A diferencia que vai
De comer, a ver comer.

Naõ

Naõ sejais rico Auarento,
Das que caem a esses pés
Migalhas me dai, & logo
Rico com ellas serei.
Ese naõ quizeres dar
Seja embora, ora comei,
E façauos bom proueito
Inda que nada me deis.
Mas porèm que faça hũ brindes
Tolherme, naõ podereis:
Brindes à vossa saude
Vòs comeis, eu beberei.

1665.

Ao abrir a Academia; & dando por assumpto, o Presidente Francisco Correa de Lacerda, Mestre de S. Alt. Huma Dama que aparando huma pena, se ferio em hum dedo.

ROMANCE.

DOus annos ha que naõ canto,
Porque ha outros tantos, que
O enterdito da Acadèmia
Mui ocioso me fez.
Seculo ingrato de ti

Com

Com razaõ me queixarei,
Que atãõ luzidos engenhos
Os queres deixar perder.
Eu naõ o digo por mim,
Que me conheço mui bem,
Mas por tantos generoſos
De quem quizera aprender.
Mas jà parece que agora
Do noſſõ Orfeo Portuguez
(Se por tudo foi a Roma)
Eſta abſoluiçaõ nos vem.
Tem a Muſa àeſta hora
Ferrugem, qual chiminè,
De dous dedos, pois dous annos
Naõ teue fogo, nem ſer.
E ſendo agora forçado,
Ou por vontade, ou por lei,
(Porque tambem a vontade
Faz força quando ella quer.)
Fazer verſos neſte acaſo
Que mui de eſpacio obſeruei,
O que naõ tenho me cuſta
Eſte Romance fazer.
Eu, & eſta Dama ferida,
Cada qual a pena tem,
Ellá porque a aparaua,
Eu porque naõ quer correr.

Se-

Senhora Dona Thalia
A minha apare esta vez,
Porque de pena aparada
Digamos o parecer.
Naò pòde parecer mal
Por nouidade tambem,
Que assumpto correndo sangue
Serà fresco como que.
O estar ferida na maõ
Alentos me da, porque
Se na mão està o assumpto,
Farei delle o que quizer.
Và de Romance à minina,
Se o susto lugar me der,
Pois de a ver estar com sangue
Quasi sem sangue fiquei.
Terniſſimo sentimento
Causaua a vista, pois que
Por fazer à pena hum bico,
Mais de quatro bicos fez.
Là de entendido o affecto
Diz nouidade naõ ser,
Pois que na maõ tem a pena,
Que essa maõ pena nos dè.
Quem tem males darà males,
E quem tem bens darà bens,
Quem tem penas darà penas,

Ca-

Cadaqual dà o que tem.
Bem que neſte caſo a Dama
Muito liberal ſe vè,
Se por huma dà mil penas,
Prodiga parece ſer.
Porèm mais o caniuete
Nos deu ſutil, ſe cruel,
Na folha de huma a;ucena,
Rubìs atè vinte & tres.
Naõ cuidem que digo pouco,
Porque ſei que a tuteplè
Hum rubì deſtes ſó pòde
Ser de Ceilaõ o vergel.
Demais que lhe acodio logo
A ſua moça Izabel,
Apertandolhe huma fita
Com que o ſangue vedar fez.
Paſſou a pena, & o ſuſto,
Parou a pena, & aſé,
Que dos aparos da pena
Nos ficou em que entender.
Que ſupoſto a aparaua
Que foi para ella direi:
Pena ſó para ſentir,
Pena a mim para eſcreuer.

A hum

A hum Roixinol, que cantando mais suauemente, cahio morto.

ROMANCE.

CHoro o mal logrado canto,
Canto as funebres exequias
De hum Roixinol, que por lindo
Todo o sentimento empenha.
Item: repito em voz alta
Lagrimas, soluços, queixas,
Que sua dona repete
No mòr silencio da pena.
He pois o caso que Lizis,
Dama de gentil presença,
Com as prendas mais luzidas,
Que pintar póde hum Poeta.
Taõ de bom gosto, & galante
Sobre fermosa, & discreta,
Que por dar gosto òs visinhos,
Punha o seu gosto à jenela.
Prendia em huma gayola
A todo custo, & lindeza
De euano, & prata laurada,
Prisaõ, porèm lisongeira.
Brincada com mil fitinhas

Brin-

De curioſa differença
A quem prendiaõ os meyos,
Figuinhas brancas, & negras.
E aquem com guarniçaõ de ouro
Dera capa de bacta,
Para reſguardo do frio,
Ou foſſe verde, ou vermelha.
Hum Roixinol, cuja graça,
E armonia feiticeira
Era encanto dos ſentidos,
E embaraço das potencias.
He força que volo pinte
(Mas oh quem aqui me dera
Os pinceis de meu compadre,
Que ſaõ primor da excellencia!)
Mas ſuppoſto que a pintura
Hão de ſer verſos, quizera,
O cabedal, & os conceitos
Das mais ſubidas Ideas.
Era o Roixinol naſcido
No freſco vale de Chelas,
Entre roſas, & entre cravos,
Entre jaſmins, & violetas.
Foi'o ſeu paterno ninho
Da China huma laranjeira,
Que no boſque mais ſombrio
Lograua a orta mais freſca.

Naõ

Não foi desazada a mãy,
Pois lhe deu a natureza
Instinto com que escolhesse
Huma habitaçaõ taõ bella.
O pay foi moço galante,
Cantor de classe primeira,
Que cantou sempre com pico,
E esteue em grandes capellas.
Porque nas Capellas mòres
Em dia da Ascençaõ, era
Huma boa ora ouuilo,
Quando a Ora se celebrá.
Em huma menham de Abril
O tomou numa esparrella
Armandolhe com agudias
Ferreira moço das Freiras.
Leuouo por grande aluitre
A senhora Prioreza,
Que a Lisis sua sobrinha
De presente lho apresenta.
Era o dito passarinho
Huma doudice discreta,
Pintada voz com asseyo,
Musica flor com lindeza.
Das almas forçoso encanto,
Pois tinha tanta destreza,
Que sem temperar cantaua

Parte que a muitos naõ chega.
Enfeitiçaua o ſeu canto
O inſenſiuel da floreſta,
E o ſenſitiuo mais puro,
Sem alma ſentir ſe deixa.
Bem de noite era o ſeu canto,
Por dar luzimento às treuas,
E certo que era bem digno
De ſer buſcado à candea.
Quantas vezes certo amante
Que a tal dama galantea,
Ouuindoo cantar de noite,
Lhe diſſe deſta maneira.
Flor animada que diſperta o dia
Nos auiſos mais candidos da Aurora,
Primor viuente dos jardins de Flora,
Alma gentil do goſto, & da alegria.
Neſſa de Lyſi amante companhia,
Que por taõ grande tua dita ignora,
Suſpende o canto por ouuirme agora,
E torna ao canto com maior porfia.
Se hes das flores, & pedras doce encãto
Cõ tua voz que a Orfeo tẽ mal ſeguro,
Laſtimate das vozes de meu pranto:
He flor Lyſi, he diamãte bello, & puro;
Faça pois a armonia de teu canto
Abrandar a ſeu peito, que he taõ duro.
Quan-

Quantas vezes Mariquita
Estando em casa da Mestra
Por ouuir ao Roixinol
Fez mil bainhas Framengas.
Quantas vezes o meu moço
Em vez de ir para a Ribeira,
Pello ouuir cantar se hia
Meter na sua trauessa.
Era huma perseguição
De gente depois da cea,
Que cercando a rua toda
Fazia pé de genela.
Era em fim o passarinho
Viua disculpa das velhas,
Que erão com esse pretexto
Argos toda a noite inteira.
Era como vos dizia
O tal, porem baste de eras,
Que he pena lembrar da gloria,
Se ha de ser para perdella.
Estaua cantando hum dia
De huma menham mais serena
Das do riguroso Iulho
Na madrugada mais fresca.
Tão no seu canto eleuado
Lá nas celestes Esferas,
Que parece que a sy mesmo

Se excedia por grandeza.
Quando accidente improuiſo
Lhe rouba (terribel pena,
Para quem o amaua tanto!)
A voz, a vida, & belleza.
Derãolhe olhado maos olhos,
E he laſtima que ſe veja
Morto às mãos de huma mà viſta,
Quem tão para viſto era.
Não lhe valerão as figas
Contra o quebranto, que a eſtrella
Que domina aos Roixinoes
Pode mais que ás diligencias.
A tempo que deſpregando
Vinha a Precurſora bella,
O manto à noite, porque
Fuja quando ſe conheça.
Que em vez de miudo aljofar
Da graça com que ſe enfeita,
Perolas vinha chorando
Como punhos de triſteza.
Sentindo que à ſua viſta,
E feſtejandoa a ella,
Hum Roixinol tão do Ceo
Cahiſſe morto na terra.
Eis aqui o aſſumpto, agora
Digamos ſobre a materia

Com licença dos Ouuintes
Huma só bem triste Decima.
Nas penas de quem te ama
Voaràs meu Orpheo rico,
E seja a voz de teu bico
A mesma lingoa da fama:
Diga;que por ti derrama
Lagrimas de rico pranto
A Aurora em tormento tanto:
Mas que sejão, he precizo,
As suas lagrimas rizo,
E as minhas endechas Canto.

A huma Dama que ria, & chorava juntamente, & quando ria era fea, & quando chorava, era fermosa.

ROMANCE.

HE o assumpto deste dia
Senhores, hum caso nouo,
Cousa de rizo parece,
Sendo de rizo, & de choro.
No discurso estou perplexo,
sem saber o que discorro,
Cuido que me deu quebranto.

Porque era hum assumpto torto.
Bem avesso, & bem trauesso
Que se cada qual dos olhos
Caminha a diuersa parte,
He tortissimo famoso,
Ià sendo no mesmo tempo,
Não sei que o mais fino tonto
Se atreua a fallar no caso,
Saluo ella fazia cocos.
Disse-não que era viuua,
E leua em capello o nojo,
E se por hum olho chora,
Que seria pello outro.
Se hum choraua, & outro ria.
Com galantaria noto,
Que erão na senhora dama
Dous filosofos seus olhos.
Saluo que sendo formosa
Depondo o rigor notorio,
Hum ry pellos que auassalla,
Outro chora pellos mortos.
Ora inda assim me parece
Este succesſo não proprio,
Que rir, & chorar a hum tempo,
He caso dificultoso.
Digamos desta senhora
Feita à vontade de todos

Que

Que a conta que lhe fazia
Era o que estaua a seu conto.
Em dous instantes formaua;
Estes dous metamorphosios;
Que as mudanças nas mulheres
Pòdem ser, mas não sei como.
Dizem que era fea rindo,
Qual o mais horrendo monstro,
E era formosa chorando,
Que parecia hum assombro.
Ora tomaiuos com ella,
E comigo, se he forçoso,
Que hei de chorar o seu riso,
E hei de cantar o seu choro.
Sem duuida quando ria
Pedia dinheiro logo,
E he força que fosse fea
Boca com tais accessorios.
Gabando a boca da dama,
Disse hum galan primoroso:
He tão linda que não pede,
E tenho nella hum thesouro.
Quando chorana me dizem,
Que tinha hum formoso rosto;
Se estaua huma Madalena,
Que muito era ser formoso?
Se verte aljofar a Aurora,

Posto que pranto he precioso,
E as riquezas num sogeito
Não saõ pena, saõ adorno.
Ria ella quanto quizer,
Ou chore muito a seu gosto,
Que eu por dizer o que sinto
Hei dito mais do que posso.

Ao Cysne que cantando morre.

ROMANCE.

TOdo o passaro que canta
Guardese desta Academia,
Que quando não se precate
Lhe hão de chorar as exequias.
Hoje farà quinze dias,
Ou na quinta, ou sesta feira,
Que ouue semelhante assumpto,
Ou semelhante tragedia.
Hum Roixinol, flor do campo,
Que às mil marauilhas era
Quando na voz marauilha,
Flor sempre viua na pena.
Agora entra hum branco Cysne,
Fazendo a figura mesma,
E ha de deixarnos em branco,
Se cantando nos eleua.

Eleua-

Eleuado o meu juizo,
Esteue formando Ideas
Sobre a razão que teria
A Academia nesta teima.
A que me ocorreo mais forte,
Me fez tremer de maneira,
Que não cantar prometi
Fosse passaro, ou Poeta.
Porque se o mesmo he cantar,
Que morrer estando nella,
Eu que hei viuido cantando,
Morrer chorando quizera.
Com pretexto, de não mais
Festejar mortes alheas,
Supposto que o meu officio
Quando he melhor, viue dellas.
Porèm este Romancinho
Và inda na conta velha,
Porque quero lograrme hoje
De tão grande Presidencia.
Do Cysne pois que fenece
Là do Tejo nas ribeiras,
Cantando na sua morte,
Qual se fora a sua festa.
Não sei que diga o discurso
Em acção que he tão auessa,
Saluo que lhe enfada a vida,

Por isso a morte celebra.
He o primeiro animal
Que os sentimentos despreza,
Chamolhe animal, porque
Não parece Aue de pena.
Passaro da outra vida
Parece mais do que desta,
Pois com gosto busca a morte
Quando a foge a natureza.
Mas se a voz he tão suaue,
Que resuscitar pudera
Os mortos, como o tal Cysne
Cantando morrer se deixa?
Resuscitarse a sy mesmo
Com a musica pudera,
Que não tem menos poderes
Quem pòde mouer as pedras.
Se de sy mesmo renasce
O Fenix porque se queima,
Como não reuiue o Cysne
Cantando por excellencia?
Perguntei a Plinio o caso,
E disseme com voz seca:
O generoso, isso saõ
Segredos da natureza.
Enfadeime da reposta,
Porque sem soluçam era,

E ao dito Cysne morrendo
Digo com vossa licença:

Ao Cysne que morre cantando.

SONETO.

ANimada açucena entre las flores
Del Tajo ameno en cãdida alegria,
Como sirues de horror al medio dia,
Quando fuiste lisonja a sus albores?
Cantan los Ruyseñores sus amores,
Y es señal de su vida su armonia,
Tu quando cantas (dulce melodia)
Te enseñas de la muerte los rigores?
Eres ternura al mũdo en dolor fuerte,
Al tiempo que del mundo eres encãto?
No ay entender la gloria de tu suerte!
Mas porque en todo seas nueuo espãto
Si festejas con musica tu muerte,
Yo lamento tu muerte con mi canto.

Na Presidencia de Luis da Costa Correa na Aula dos Generosos, que fabricou na Oração hũ jardim cõ quatro quadros de flores, & foi eleito pello Presidente Manoel Carualho.

ROMANCE.

BEm fóra deſte ſucceſſo
Agora à minha genela,
Que tem por frente eſte ſitio
Da generoſa Academia.
Ouui como que cahia
Alguma caſa bem velha,
Ruina, que teue ha pouco
Huma muiuizinha deſta.
Por obrigaçam do officio
Acudi mui de carreira
A ver ſe era neceſſario
Confiſſaõ, ou agoa benta.
Mas chegando junto ao patio
Deſtes Paços de Minerua
In quibus altus Apolo
Præſidet, conforme à letra.
A mòr confuſaõ do mundo
Aduirti que dentro era;
Hum gritaua: amaina, amaina,
Outro clama: ferra, ferra.
Eſte diz: alija, alija,
Aquelle: braua tormenta!
Dizem outros: Santo Antonio
Noſſo Patrão nos defenda.

Implo-

Imploremos o auxilio
Da Senhora das Candeas,
Que he o Orago desta Casa,
Que nos valha nesta presa.
A fasta que nos perdemos,
Serra o leme, outro vozea,
Acende o farol das Musas,
A tocha da nossa empreza.
Ao mar, ao mar, que ha perigos,
Guarda os baixos das areas,
Valhate Deos! Sem remedio
Deu à costa a Presidencia!
Que he isto? entro enfiado,
E vejo nesta Cadeira
Presidindo a meu amigo
Luis da Costa Correa.
Animo (amigo) lhe disse
A teu lado estou, não temas,
Que las olas son laureles
A quien surcarlas acierta.
Sabe, que disse hum discreto,
Que nas altiuas empreзas
Basta, para honrar, o intento,
Supposto que não succeda.
Eu digo que inda a ruina
He credito nas finezas,
Que o successo he da fortuna,

E o valor não pende della.
Ha riscos que a bizarria
Generosamente intenta,
Donde a perdição he honra,
Donde he gloria a maior pena.
Barbaramente atreuido
Queimou o tempo da Deosa,
Aquelle que em suas cinzas
Quiz guardar a fama eterna.
Maior alento de todos,
Fosse fabula, ou tragedia,
Por tocar do Sol aos rayos
Nos diz de Faetonte a queda.
Porèm graças ao successo,
Na ventura que grangea,
Teu grande merecimento
Nas mais subidas Ideas.
Que eleuado nos conceitos
Desde as celestes Esferas
Te lançou em hum jardim
A força desta tormenta.
Donde do passado susto
Fez a tua diligencia
Entre o fresco das boninas
Do descanço a cabeceira.
Pois em tão linda inuectiua
De tua Oraçam discreta,

Por caires entre as flores
Tiueſte bella Cadencia.
Dellas já te tece a Fama
Huma florida Capella,
Que ſobre o laurel de Apolo,
Adorne tua cabeça.
Em preſidencia fecunda
Iá tem a noſſa Aula Egregia
Frutos que exhalão fragrancia,
Flóres que nos dão riqueza.
Florente, florìda, flòrida
Nos deixas eſſa Cadeira,
Diſcreto primor da Aurora,
E mimo da Primauera.
Neceſſitauão as Muſas
Eſtauão pedindo as Sciencias
Eſte adorno, ou eſta gala,
Que ſó tu darlhe puderas.
Em tudo foſte hum portento,
Digao tua eleiçam meſma,
Pois dar flores hum Carualho,
Milagre he da natureza.
Viue para gloria da Arte,
Porque eſſas flores tam bellas
Se para nòs vem de roſas,
Para ti ſejão perpetuas.

Em repoſta, & louuor da minha Preſidẽcia vltima. Do meſmo Luis da Coſta Correa.

ROMANCE.

HOje faz quatro ſemanas,
Que vòs meu ſenhor Ioſeph
Viſtes dar o Coſta à coſta
Neſte Apolinio baxel.
A vela nelle ſuccais
Quando eu forçado remei,
Galeão he para vòs,
E para mim foi galè.
Naufragios então ſentio;
Mas hoje bonanças vè,
Que no àr das voſſas obras
Hum vento galerno tem.
A ſaluamento a viagem
Vento em popa ha de fazer,
Que ſois do Porto ſeguro,
Piloto ſim, não Marquez.
Poſto, que o mar da ſciencia
Vá no quarto Ceo bater,
Encapeladas as ondas,
Não ſaõ lagos, ſaõ laureis.

Soltais as vellas discreto
Nas aruores, que a meu ver
Para descreuer Minerua
Folhas saõ, mas de papel.
Os galhardetes tremolão
Com que sabio discorreis
Que os pensamentos altiuos
Por esses àres se vem.
Farol de luzes perpetuas
Vosso juizo lhe fez,
Que a luz desse entendimento
Eterna luz ha de ser.
Iulgo os conceitos canhoés
Com que dais salua esta vez,
Que huns saõ estrondo, por certo,
Outros saõ de estouro, a fé.
Densa nuuem o àr occupa
Desta salua que fazeis,
Que as vossas luzidas letras
Muito grandes fumos tem.
A carga, que o casco leua
He ouro de toda a ley,
Que o comercio de tais cascos
Precioso sempre ha de ser.
As salgadas ondas corta
Do mar da sciencia, que
Por ser mar alto, & ter graça

Sal-

Salgado o dito mar he.
Ao porto jà chega, adonde
todos vão ouuir, & ver
(Pois chegais ao Porto saluo)
A Oração que fazeis.
De ferro a remora lança,
De ouro queria dizer;
Mas seja ferro; pois ferro
Eu todo o pano tambem.

ESCVELA DE AMOR

AL VSO.

BAILE CANTADO.

Vn Maestro. Quatro Galanes, Quatro Damas. Musicos.

CANTAN LOS MVSICOS.

A la Escuela Rapazas,
Muchachos a la Escuela
De Amor al vso,
Tendreis con las lecciones
Flores, y frutos.

Can-

Cantando, sale el Maestro, y dize.

MVchachas en esta Escuela
Aprendereis a leer
Puntos, y letras, y al punto
Al Amor disputareis.
Si sois entendidas todas
Mil lecciones os darè,
Y con voluntad, si es dar
De memoria tomareis.
De todos mis documentos,
Que os an de dar, sacareis
Los hombres, porque en el mundo
Esta fue la primer ley.
De Adan lo diga la culpa.
Que sin duda alguna fue
Porque sin ser obligada
Eua le dió de comer.
Los hombres os an de dar
Y al pobre perdonareis,
Porque el peccado que tiene
Solamente es no tener.
Llegadvos tambien muchachos,
Y en mis consejos sabreis,
De las mugeres de Ogaño
Las bizarrias vencer.

Pocas

Pocas letras, mucha letra
De cambio de vn Ginouez
Os hará Letrados tales,
Que al maior embidia deis.
Los serenos, las pendencias
En que os pone Amor tal vez
Con solo vna lecion mia
Entendidos ahorrareis.
Repiten: A la escuela, &c.

Sale la primer Dama con carta, y puntero.

Yo empieço aora a estudiar,
Y ando por el A, B, C,
Digame señor Maestro
Lo que me tengo de hazer?
M. Muchacha passa adelante
Vna sola letra, y es,
Que si el A, B, C, estudias,
Digas el A, B, C, D.
D. Pues no he de passar de ahi?
M. No niña, que harto sabreis.
D. Esso es flor: *M*. Y será el fruto,
Que en todos has de coger.
D. Buena senhor Maesso
Lecion es essa,

Pues

Pues el D, a las Damas
Solo aprouecha.
M. Pues estudia muchacha,
Que en essa letra
Si con gracia la dizes
Tendràs mil prendas.
Repiten: Pues estudia, &c.

Sale por otra puerta el primer Galan.

G. Yo estudio Filosofia,
Y soy Thomista en mi fé,
Y es escuela que se sigue,
Diga señor sy voy bien?
M. La màs segura opinion
De la escuela errado hàueis,
Thomistas son las mugeres,
Y Escotista haueis de ser.
G. Pues no hede passàr de ahi?
M. No rapaz, que harto sabreis.
G. Essa es lecion? *M.* Y tan buena,
Que mejor no puede ser.
G. Si me hago Escotista
En dudas tantas,
Sutilezas de ingenio
Haré a las Damas.

M. Pa-

M. Para ser entendido
Haze vna cosa,
Dà en tema discreto,
Que es dar a todas
Repiten: Para ser, &c.

Y sale la segunda Dama.

D. Yo tengo carta de nombres:
Y leo: Iuan, Pedro, Andres,
Que son los que galantean
Mi hermosura, y mi desden.
M. Oro, plata, reales de ocho
Solo seran nombres tres,
Como son nombres reales
Son mejores de aprender.
D. Pues no hede, &c.
D. Si quieres que en la boca
Tenga oro, y plata,
Sin duda que de Midas
Tengo la cara.
M. Tenla como quizieres,
Que en todo encuentro
El oro, y la plata
Todo haze bello.
Repiten: Tenla, &c.

Sale

Sale el segundo Galan.

G. Yo soy Iurista, y quiziera
Con mis leyes conuencer
A las Damas en los pleitos,
Que me pone su interes.
M. Iurista, jurad de dar,
Y hareis mui buen parecer.
Que si en Baldos os fiais,
Muy de balde os cançareis.
G. Pues no he de, &c.
G. Pues de que ha de seruirme
Tanta trapaça,
Si con ellas al mundo
Traygo en bolandas?
M. Sino dexais las leyes,
Aunque Letrado,
A los gustos, y Damas
Siempre ireis Baldo.
Repiten: Sino dexais, &c.

Sale la tercera Dama.

D. Yo por carta mandadera
Leo, puede auer vn mes,
Y sin que vustè lo diga

A màs no me passaré.
M. Bonissima carta es essa,
Mas ha de ser al revez
En los hombres mandadera,
Y en ti mandado ha de ser.
D. Pues no he de,&c.
D. Mandeme seor Maesso
Alguna alaja,
Pues soy porque me mande
Muy su criada.
M. Dile pues al màs firme
De tus galanes,
Que si por ti se muere,
Que algo te mande.
Repiten: Dile pues,&c.

Y sale el tercer Galan.

G. Con mi Galeno visit
A toda Dama, si bien
De pocas aurè sanado,
Siempre Doctor me llamè.
M. A la Dama de buen gusto
Enferma de he menester
Con recipe dòs doblones
Toda cura acertareis.
G. Pues no he de,&c.

G. Si

G. Si con dar los doblones
La cura acierto,
Esso es curar, matando
A mi dinero.
M. Pues Dotor importuno
Si hazeis reparo
En toda vuestra vida
Quedareis sano.
Repiten: Pues Dotor, &c.

Sale la Dama quarta.

D. Yo leo los Mandamientos
Que en este blanco papel
Me diò mi señora tia,
Pienso que son màs de diez.
M. Para que niña? esso es mucho,
Por màs pocos te lo harè,
Tomar dineros, dar gustos
Son los dos que as de saber.
D. Pues no he de passar, &c.
D. Si tomando dineros
He de dar gustos,
Me parece Maesso
Seran ningunos.
M. Niña a lo de Palacio
Muy cortez siempre,

Has

Has de creer lo que hazen,
No lo que sienten.
Repiten: Niña, &c.

Sale el quarto Galan.

G. Astrologo soy famoso,
Estrellas, y Signos sé,
Diga si Estrellas, y Signos
Haran las Damas querer?
M. Quando no huuiere otra cosa,
Todas querran conocer
A la Luna por los quartos,
Y las crescientes tambien.
G. Pues no he de passar, &c.
G. Pues de que ha de seruirme
Tanto Astrolabio,
Si con dòs mil Estrellas
Soy desdichado.
M. Plata quieren las Damas,
Màs que no Estrellas,
Porque Estrellas, y Soles
Son ellas mesmas.
Repiten: Plata, &c.

Salen todos, y dize el Maestro.

A la

A la Escuela rapazas
Muchachos a la Escuela
De Amor al vso;
Si ay duda en las lecciones
Dizid, que escucho.
D. 1. Diga seor Maesso
Que le pergunto,
Como con sus lecciones
Huyremos sustos?
M. Niña como lo hagas
De tal manera,
Que teniendo dòs puertas
Solo a dòs tengas.

Baile.

D. Chibirili aunque soy muchachita,
Chibiriló, aprendis del Amor,
Chibirili con Maesso tan bueno,
Chibirilò, ya me tengo leccion.
G. 1. Diga señor Maesso
Que haré visoño,
Para que con las Damas
Sea dichoso?
M. En el juego de Damas
Si jugar quieres,
Como no juegues nunca,

Ganaràs siempre.
G. Chib. En el juego de Damas
La ventura mayor,
El que menos perdiere,
Esse solo ganò.
D. 2. Digame por su vida,
Que hará vna Dama,
Que por mayor respeto
Se haze casada?
M. Niña, a esso se dize,
Pues lo desean,
Si casada te quieren,
Te hagas soltera.
D. 2. Chib. Como soy entendida.
Si con vna leccion
Soy soltera, y casada,
Que me hiziera con dòs?
G. 2. Yo pertendo vna Dama
Que es toda bella,
Que he de hazer seor Maesso
Porque me quiera?
M. Si al juego de Cupido
Tienes buen soplo,
Al tocar la baraja
Alça por oros.
G. 2. Chib. Mi Maesso famoso
De la Escuela de Amor,

Aunque sea a my costa,
Ya me tengo lecion,
D. 3. Si vno tiene la bolsa
Muy serradita,
Como podrè Maesso
Hazelle quita?
M. Esso niña es muy facil,
Si tu cuydado
Le echa palabras dulces
Con garabato.
D. Chib. Maesso de mis ojos,
Y de mi coraçon,
Si por gracia me dieren,
Más hermosa me soy.
G. 3. Puesto que es fuerça que ame
Saber quiziera,
Como a qualquiera Dama
Tendrè contenta?
M. Si quieres essos dias
Viuir contento,
Ni dineros le niegues,
Ni pidas zelos.
G. 3. Chib. Sin que pida los zelos,
Bien sé que entre los dòs
La guerra de mi bolsa,
Es la paz de su Amor.
D. 4. Vn viejo me enamora

Para casarse,
Que me dize Maesso
En este lance?
M. Dile en quanto quisiere
Ser tu marido,
Que pues viua te entierra,
Que te haga officios.
D. Ghib, no tendré mal partido
Con tanta condicion,
Si en el darme dineros
Fuere viejo el amor.
G. 4. Yo quisiera vna Dama
Que no pidiera,
Digame pues Maesso
Qual será ella?
M. Busca vna de Flandes
En los Paizes,
Que pintada te viene
A lo que pides.
G. Chib. muchachas, y muchachos
Ya basta de lecion,
Que se acaba la fiesta,
Mis señores, a Dios.

Loa para a Santa Cruz, em o Mosteiro de Chellas, na Solemnidade que lhe fazia a senhora Iusta da Cruz.

HE este mundo senhoras
Monsieur Dom Patarata,
Nada do que he parece,
Tudo o que parece, he nada.
Parece de honras vestido,
Mas porèm suas alfayas,
Quando mais ricas prezumem,
São humas pobres mortalhas,
As bizarrias a montes
Se diuisaõ disfarçadas,
E só no Monte Thabor
Vio as verdadeiras galas.
Monte Caluario he de Cruzes
Em quem sem nenhũa falta
Qualquer estado do mundo
Se vé na Cruz com que passa.
Temna todos os que nelle
Viuem, ou Rey seja, ou Papa,
Por mais que se dissimulem,
Ou mais, ou menos pezadas.
Em tres Classes se diuidem
Os estados que auassala,

Ou justos, ou penitentes,
Ou peccadores abraça.
Se sois Iusto, heis de ter Cruz,
Que a mesma Innocencia santa
De Christo era mais que justa,
E teue a Cruz mais pezada.
Se sois penitente he certo,
Que a penitencia mais rara
He a Cruz mais bem aceita
Que o bom Ladrão pregoaua.
Se sois peccador, haueis
Tambem de ter Cruz amarga,
Porque o mão ladrão o era,
E teue huma Cruz tamanha.
A discreta tem a Cruz
Na lingoajem com que falla,
A nescia tem cruz na lingoa,
Porque a nescedad a marca.
Quem se preza de valente
Tem a sua Cruz na espada,
E o fraco cada hora póde
Ter a sua Cruz na cara.
A que he amante tem Cruz
Nos estremos com que ama,
E tem Cruz a que não quer,
No sem sabor com que passa.
A fermosa tem a Cruz

Na prezunçaõ com que mata,
A fea tem cruz no eſpelho,
Se fiel a deſengana.
Tem a ſua cruz nos oſſos
A dama de carnes fracas,
E a que preſume dellas,
Temna em andar degolada.
A Muſica tem a cruz
Nos ſeus paſſos de garganta,
E a que toca inſtrumento,
Tem a cruz nas cordas falſas.
A que he grande tem a cruz
No muito pano que gaſta,
E tem a ſua, a piquena
Em não ter a confiança.
A que faz verſos tem cruz
Nos conceitos, & palauras,
Tem cruz a que os não faz
Em não entendellos nada.
A que eſcreue faz primeiro
Cruz no principio da carta,
A que não ſabe eſcreuer
Com huma Cruz ſe aſſinàla.
Se caminhais achais logo
No caminho encruzilhadas,
Se vos embarcais, cruzais
Os màres, & as borraſcas.

Se tendes cruzados tendes
As cruzes na sua guarda,
Se os não tendes, fazeis
Cruzes na boca a manàdas.
Se sois Freira, tendes Cruz,
Ou na Mestra, ou na Prelada,
E os vossos aliuios todos
São humas grades cruzadas.
Para fogir do demonio
Fazeis huma Cruz mui larga,
E quando na Igreja entrais.
Fazeis huma Cruz à entrada.
Tudo saõ Cruzes no mundo,
E em todo estado trabalha
Cada qual com sua Cruz,
Seja forçosa, ou forçada.
E posto que o tela he força,
E ninguem da Cruz se escapa,
Abracemos à de Christo,
Que hoje na Festa se acha.
Que he jugo suaue, & brando,
He leue & sofriuel carga,
Que descança no que espera,
Se no que merece cança.
Venturosa, cem mil vezes
Quem por eleição, & graça,
Honrandose desta Cruz

Escraua

Eſerana da Cruz ſe chamia.
Com razão juſta celebra
Da Cruz marauilhas tantas,
Quem por titulo, & por honra
O nome da Cruz lhe quadra.
As vitorias, & os triunfos
De noſſa Redempção ſacra
Deuemos todas aplauſos,
Com viuas de eterna fama.
Porque a não feſtejarà
Com maior affecto dalma,
Quem ſem ſair de ſy meſmo.
Tem a meſma Cruz de caſa?
Senhoras, victor à Cruz,
Pois a terra alcatifada
Pella meſma Cruz de Chriſto,
Com flores as glorias canta.

Ao Naſcimento em dia de Reys.
Para cantarſe.

ROMANCE.

VEnhais embora meu bem,
Meu engraçado Minino,
Que para bem meu confeſſo,
Que vindes como naſcido.

Para bem venhais à terra
Do Ceo, meu Morgado rico,
Que como sois Bem mandado,
He força sejais bem vindo.
Iá vejo o que póde Amor,
Mas vós Amor infinito
Sois o Amor, pois que vos vejo
Nú, & mal correspondido.
Diuino Amor,
Como sois bello Infante lindo!
Amor diuino!
Em todo o Ceo não cabieis
Quando morauais no Impireo,
E agora vindes nascendo
Para estar num portalsinho.
Esse portal hoje he porta
De outro melhor Paraiso,
E ha vos de entrar hum ladrão
Nelle, por estar sozinho.
Vós tambem roubais as almas,
E sois hum tal Siganinho,
Que para aprender melhor,
Heis de fogir para Egipto.
Diuino amor, &c.
Tres Sabios, por huma Estrella
(Quando vêm tantos prodigios)
Vos tirão o nascimento,

E vos adorão rendidos.
Esta maior fé declara
Os mysterios mais diuinos,
Como em hum adorão tres,
Por isso vem tres vnidos.
Duas Trindades venerão,
Mysterio nunca mais visto,
Iesus, Maria, Ioseph!
Hum Homẽ Deus, Vno, & Trino.
Amor diuino, &c.

Ao Minino Iesus em dia de Reys. Cantou a S. M. d. S. B. em C. este

ROMANÇE.

MEu Minino dos meus olhos,
Diuina luz escondida,
A quem para luz desejão
Dos meus olhos as mininas.
Marauilha do Vniuerso
Do campo bella bonina,
Que sendo jasmim na terra,
Sois desse Ceo marauilha.
Dos meus olhos sois o lume,
E em forma tão pequinina,
Nessas palhinhas, não sois

Algum lume de palhinhas.
Quanto me quereis Minino,
Meu coração não duuìda,
Que as lagrimas desses olhos
São testemunhas de vista.
Està tão bella essa Aurora,
Que em seu peito vos reclina,
Que se deue a tanta graça
O mesmo Sol de Iustiça.
Sol, & Aurora juntamente?
He cousa bem peregrina!
O que admiraçam tão grande
A vista, Iesus, Maria!
Que estais Deos enamorado
Tão grande estremo o affirma,
Pois igualais cos Pastores
Essas tres purpuras ricas
Dizem que vem do Oriente,
Mas inda agora eu dizia,
Que està o a donde o Sol nasce,
Pois estão nessa lapinha.
De impulso tão soberano,
Lhes foi huma Estrella guia,
E tiuerão tal estrella,
Que logràrão grandes ditas.
Quem dirà, bellas Zagalas,
Este tão sagrado enigma,

Verse o Sol à meia noite,
E Estrellas ao meo dia!
Parai real Estrella,
Fazei que imprima
Na minha alma os effeitos,
Essa luz rica.

Aos Santos Martyres de Chellas.
Que cantou a mesma.

ROMANCE.

AL festejo de las Flores
Del bello Iardin de Dios,
Aurora del mayor dia,
Saliò del valle la Flor.
De aquellas que el Cielo gozà
Glorias, y dichas cantò
A imitacion de los Cielos,
Que al fin es Cielo su voz.
La feliz suerte de Feliz,
Dulcemente celebrò,
De Adriano, y de Natalia
El nascimiento mejor.
Las cortadas açucenas
De que compuso el amor
Ramillete, y grinalda,

Que al mismo Dios coronò.
Flores que tienen su origen
Del suelo en la estimacion,
Saber ser rosas del Cielo,
Ha sido bizarra flor.
Aquellas preciosas perlas,
Cuya luz embidia el Sol,
Hermosura que hizo grande
Sacro Rubì, que vertiò.
Thesoro ignorado al mundo
Mas para dicha mayor,
Si escondido en este valle,
Le manifestaron oy.
A las flores, y Rubìes
Que voluntad le escusó?
Pues hermosuras, y prendas
Son laços del coraçon.
Tantas gracias, y riquezas
Del deseo suspencion,
Cosa de gracia parece,
Y fue lo que pareciò.
A la flor de la gracia
La gracia cantò,
Pues diò frutos de gloria
Por cortada en flor.

Ao Minino Iesus em dia de Reys: Que o mesmo sugeito canton.

ROMANCE.

VAlhame Deos que minino
Flor encarnada, & fermosa!
Meu coraçam que o conhece
Tanto lhe quer, que o adora.
Ià por ser gala das flores
Em tão pequenina fórma
O aclamàrão por vida
Quando o virão as rosas.
Como se quexa do frio
Se em flor deshumano o corta,
Que inda que piqueno Infante,
Sente como huma pessoa.
Ay que minino, Iesus,
E que riquissima Ioya!
Huma Donzella o abraça
Mãy de Deos, como he fermosa!
Bizarro Ionen lhe assiste
Na companhia ditosa,
O! que diuino Ioseph,
Mil felicidades logra.

Sabios tres Reys o visitão,
E com causa mysteriosa
Pello ver assim, ficarão
Com a palaura na boca.
Ricas dadiuas lhe offrecem,
E nada o pranto lhe estorua,
Aqui mostra que he Minino,
Que por huma maçãa chora.
Como estão, sendo discretas
As purpuras venturosas,
Se entre minerais de prata
Achão thesouros de aljofar.
Ay meu Senhor tão riquinho,
Sois minha admiração toda,
Chorais, & sois a alegria?
Forte natureza, a vossa!
Como nasceis entre penas
Gloria do Ceo Magestosa,
Se apenas nascido sois
Quando no Ceo cantão glorias?
Amante sois presumido,
Valente do amor lisonja,
Pois campais com vossa estrella
Em noite tão tenebrosa.
Sois pessoa mui luzida,
Altamente prodigiosa,
Mui venturoso, pois tendes,

Estrella

Estrella na terra propria.
Mas ay querido amor,
Que assim importa,
Nascer em luzes,
E morrer em sombras.

Al glorioso Tùmulo de la Virgen Maria Nuestra Señora, que se cantò.

ROMANCE.

QVe se esconde en aquel Marmol,
Pues con tal luto, y tal pompa
Tantos suspiros le cercan,
Quantas luzes le coronan?
Vn Thesoro en el se esconde,
A que la muerte embidiosa
Sepultó para que fuessen
Palacio de luz sus sombras.
Quien puede tanto que sea
A vn tiempo pena, y lisonja,
Y en Altar de Soledades
Vna muerte tan hermosa?
Es Maria mar de gracia,
Y de lagrimas agora
A las almas que la quieren,
A los ojos que la lloran.

Pues

Pues entre sombras se ponen
Los rayos con que aprisiona,
Honra es de amor que sigamos
Estas funerales honras.
Giraſoles de sus luzes
Que an de boluer màs hermosas,
Sigan nuestros coraçones,
El buelo a que se remontan.
Pues el alma nos lleuas
Dulce Señora,
Con el alma, y los ojos
Te siguen todas.

RETRATO DO MININO IESVS.

Para cantar en

SEGVIDILHAS.

ATenção ao Retrato
Mui para viſto.
Porque, ſe ſe parece
Serà Diuino.
He de hum bello Minino
Todo engraçado,
E ha de darſe de graça
Eſte Retrato.

Agora

Agora mais que nunca
Pòde lograrſe,
Pois morte-cor ſe veſte
A Diuindade.
Sem duuida que ſeja
Couſa mui linda,
Se ſaõ da graça meſma
Cores, & tintas.
As ſombras que o releuã
Com toques finos,
São ſombras mui luzidas
Sombras do Altiſſimo.
A traça do dibuxo
Vnica teue,
De huma diuina Idea
Diuino Apeles.
Filho de huma Donzella
Pura, & intacta,
Certo que me parece
Couſa de graça.
Iá ſei que á nouidade
Diz o eſpanto,
Nunca tal vio o mundo,
Ay! Verbum Caro!
São ſeus Cabellos deouro
De grande preço,
Poſto que dem por elles

Trinta

Trinta dinheiros.
Aos Anjos enamora
A côr Celeſte,
De ſeus olhos diuinos,
Que taes ſaõ elles.
He Rubì a boquinha
Com tanto extremo,
Que inda eſtando calada,
Falla myſterios.
As Mãos, que de Iacintos
São huma mina,
Hão de vir a ſer rotas
Por ſer tão ricas.
Os Pès que ſobre o mundo
Tem ſua eſfera,
Hão de ſer Pès de crauos
Sendo açucenas.
Galan em todo eſtremo
Por mais ayroſo,
Como veſte encarnado
Se poem em corpo.
Sò as graças não vejo
De enuergonhadas,
Que tres graças ſaõ poucas
A tanta graça.
Quando o vejo tão bello
Neſta alma ſinto,

Que

Que me morro de amores
Por Iesu Christo.
No coração o leuo
Por minha vida,
E que leuo me dizem
Vida mui linda.
Enfaixado, & chorando
Ninguem ignore,
Que sendo tão Minino,
He hum Deos Homem.
Parece que tiritta,
Verbo diuino!
Quem vio nunca o Sol mesmo
Morrer de frio?
Para agora lhe disse
O Amor santo,
Que aos rigores da neue
He Flor do Campo.
Acabouse senhoras,
Bem que o Retrato
Poderà ser perfeito,
Nunca acabado.

AL NASCIMIENTO.

En dia de los Reyes.

ROMANCE.

EN vn pastoral Alvergue.
Que el Amor, a media noche
Para el tàlamo màs rico
No le perdonò por pobre.
Dò la paz publica el Cielo
A la tierra, y los Pastores
Baxando del monte al llano,
Suben de la gloria al monte.
En suspiros, y en ternuras
De la escarcha a los rigores,
Se aluerga temblando Niño
El grande Dios de los Dioses.
Y al passo que hazen las sombras
Silencios, y admiraciones
De la nouedad testigos
Se suspendieron los Orbes.
A la eterna bateria
Del Dios Niño, y sus amores
Aclamaron festiuales
Victoria los Cielos onze.
Entre embaraços de luzes,
Y equiuocos resplandores
Al luzero de los Astros
Vna Estrella reconosce.

Tres Reyes conduze bella
Farol hermoso del Norte,
Y las purpuras se hallaron
Con su Estrella mui conformes.
Al Portal llegan amantes,
Y màs dichosos, a donde
Ven vn Niño con mil luzes,
Y vna Aurora con dòs Soles.
Blando heno en vez de pluma
Pobre agasajo compone
Al que es del Cielo, y la tierra;
El Señor de los Señores.
O poderosa influencia!
O Amor de effectos màs nobles!
Si hazes lo Diuino humano,
Y si hazes Dioses los hombres.

Estribillo.

O Amor, ò Estrella,
La fuerça, y los rigores
Paren, suspendan
Tus flechas, y tus rayos,
Porque dizen a vozes,
Que ya su fuerça
Ha dado con los Cielos en la tierra,
Y si al Niño en las pajas

Tyrano escondes
Quien viene con Estrella
Bien le conosce.

Coplas.

HVyen del Sol las Estrellas,
Y vna errante al Cielo corre,
Siguiendo al Sol rayo a rayo,
Imita a los Giràsoles.
Las Estrellas a las dichas
Son las mayores razones,
Y esta mayor dicha ha sido
De Estrella en luzes mayores.
Perdidos de Amor venieron
Por ver al diuino Adonis
Los Reyes, y màs perdidos
Se vieron con sus fauores.
En exthasis los sentidos
Por hermosas confusiones
A tender todo no aciertan,
Porque tanta dicha logren.
O Amor, ò Estrella, &c.

ACADEMICA

NA AVLA DOS GENEROSOS de Lisboa.

Em 26. de Março 1665.

EM quinta feira proximè passada, que forão 19. de Março; tẽpo em que abre o anno a porta à Primauera, mez em que começão as flores a ter vida no prado, dia em que celebra a Igreja vniuersalmente as memorias do mais felice Santo, se comprião tres annos cabalmente que estiue neste lugar por eleição do senhor Dom Francisco de Mello, agora subo a elle por merce do senhor Diogo Vaz Carrilho, ou por vontade sua, ou por impulso maior; se por vontade sua, seria por querer fazer mais reluantes as luzes de sua erudição, junto as sombras de minha insuficiencia, ainda assi deuo a tanto beneficio o ser inseparauel cõpanhia de seus rayos, porque a sombra sempre segue à luz; & em ser sombra de tantas luzes fico mui bem assombrado. Se foi im-

impulso maior obrou como tão grande instrumẽto a maior elegancia que podia ser, pois acabará este quadro a Academia com todas as perfeiçoens da Arte para pendurar no templo de sua Fama, sombras, & luzes, claros, & escuros, fazem a pintura excellente.

Queixandome todavia deste trabalho tão intempestivo ao senhor Dom Antonio, disseme: Finis coronat opus. E o que elle deu por repoſta a minha queixa, tomo eu por assumpto a minha Oração, que essa fortuna tem quem se queixa aos grandes sugeitos, que ou nas palauras, ou nas obras, vos poem silencio à queixa, & à pena remedio. Quimagnificus idem continùo liliberalis, disse o Aristoteles. Recõduzido pois neste lugar passados tres annos, quiz quem me elegeo, dar boa fama de minha rezidencia, mas para acreditar a sua eleição, era força abonar os defeitos de minha humildade. Finis coronat opus.

He o fim a perfeição de todas as cousas que hão de ter fim, ou sejão creaturas, ou sejão effeitos seus, porque he o fim a coroa de todas as obras; & sem o fim ninguem pode arrogar assi o nome de perfeito. A ra-

zão

zão disto he, porque he o termo que constitue a cousa em o lugar da perfeição, & sem ter este lugar, nenhuma se pode chamar perfeita.

Exitus acta probat: Careat successibus opto
Quisquis ab eúetu facta notãda putat.

Disseo Ouuidio. O fim prova a felicidade das cousas, & enganase quem cuida que ha de julgar a vẽtura pelos successos, ou pellos principios dellas por mais felices que comecem. Atè não chegar o fim não se pode julgar da felicidade, ou da perfeiçam. Disse Plutarco, que ouuindo AgeZilao a hum que engrandecia, & admirava a felicidade de hum Rey dos Persas, ainda moço, lhe respondeo: Nondum vitæ finis adest vir optime: nam ne Priamus quidem quum ejus esset ætatis erat infelix, qui tamen miserè jam Senex in Trojano incendio extremum clausit diem. *Ainda não chegou o fim da vida a esse que tanto chamas nella venturoso. Priamo Rey de Troya dessa idade não era menos felice, & com tudo acabou miseravelmente naquelle seu fatal incendio, & sendo de muitos annos, teue no vltimo dia a mais lamentavel disgraça Perguntàrão a Epaminondas,*

qual era o mais valente Capitão, elle, ou Chabria, ou Iphicrate? isso respondeo elle, em quanto vivemos he dificultoso de julgar. Id judicatu perdificile est donec viuimus. *Porque em quanto o homem viue (como dizia Solon) se lhe ha de esperar ao fim, pode sendo bom degenerar das virtudes.*

Hora este he o fim em quanto ao effeito, vamos agora ao fim em quanto à causa, que he o que serue a noſso intento. Aristoteles, assim difine o fim. Finis est bonum aliquod, cujus causa, aliquid aut naturâ, aut arte fit. *O fim he algum bem que se espera, por cuja causa se faz alguã cousa, ou pella natureza, ou pella arte; porque as cousas que succedem acaso, não se fazem em graça de ninguem.* Nam quod fortuito euenit, nullius gratia fieri dicitur. *Obra da natureza saõ os frutos da terra, que o Laurador cultiua, para receber os frutos, que saõ o fim de seu trabalho, & a causa de seu desuelo. Obra da arte he hum quadro perfeitissimo, delineado, cõlorido, & acabado pella mão do Artifice, cujo fim he o premio de sua obra O premio*

he

he o fim da pintura, o trigo he o fim da lauoura, por cuja cauſa ſe trabalha, por cujo reſpeito ſe cança. Eſt bonum aliquod cujus cauſa aliquid fit. *O que ſuccede acaſo, não tem fim, nem ſe pòde chamar bem, a reſpeito de ſy meſmo, ainda que ſeja bem a reſpeito de quem ſuocede, como ſe não fez em graça de alguem.*

Oh generoſos Academicos! Oh ſingulares engenhos! eis aqui o fim que he principio, & fim de minha Oração, aquelle bem por cuja cauſa trabalhais, por cujo reſpeito vos cançais, por cujo amor vos applicais ao eſtudo das letras, das politicas, dos diſcurſos, & dos verſos, trabalhais por hum fim, por quem não ha de ter fim voſſo trabalho. Dous fins diz Ariſtoteles que ha; fim perfeito, & imperfeito. Perfectus quidem eſt quo admoto, nullo amplius nobis opus eſt. *Fim perfeito he aquelle, que alcançandoo não neceſſitamos de mais; por iſſo o noſſo fim perfeito he a gloria.* Satiabor cum apparuerit gloria tua. *Fim imperfeito he aquelle que alcançandoo, ainda nos falta alguma couſa de que neceſſitamos.* Imperfectus contra quo aſſidente, non nihil quo indigeamus nobis o-

pus est. *Por isso sendo a figura do coração do homem triangular, se não póde encher com todo o mundo, que he figura espherica, sem que lhe fiquem os cantos vasios. Por isso o mundo he fim imperfeito, por isso o Ceo he perfeito fim.*

Porèm tirando o discurso ao moral, tornando ao meu fim, & ao meu principio, o fim de que trato agora, he o fim Academico, finis, & he fim perfeito, premio das virtudes morais, porque trabalhamos por hũ fim que não tenha fim, ficando nossos nomes grauados em folhas de diamantes nos liuros eternos da fama. Fim perfeito, porque alcançado elle, não necessitamos de mais; que mais ha mister o homem, que com o fim das sciencias alcançar nos foros de humano, apparencias de diuino, & nos termos de mortal priuilegios de eterno. Tudo disse o douto Alano fallando da Sciencia. Hæc in cæleste terrenum in immortale caducum, hominem in Deum, Deificæ mutationis authoritate conuertit. Lib. de cõmuni plácitu naturæ.

Para este fim são necessarias duas coisas, fogir ao ocio, & abraçar o trabalho. Fugir ao ocio, porque este nas maiores es-

peran-

perançaſ perde o fim dos maiores trabalhos. Digaõ a Parabola do Laurador, que hauẽdo ſemeado o bõ trigo, por ſe lãçarẽ a dormir os criados veo o inimigo, & ſobreſemeou a eſuilhaca. Cũ autem dormirẽt homines, &c. *Digaõ o caſo de Eſaù, que perdeo a benção do morgado, por querer mais comer, que trabalhar.* Quia maluit cibum accipere quam quærere. *Diſſeo S. Agoſtinho. O ocio para nada he bom, diz S. Hieronymo. Porque o ocio gera faſtio, o exercicio cauſa fome, & a fome com marauilhoſo modo torna doce, & goſtoſo o que o faſtio fez aborreciuel.* Otium parit faſtidium, exercitium famem; fames miro modo dulcia reddit quæ faſtidium facit inſipida. *Corrompe os corpos o ocio, fazemſe ſediças por encharcadas as agoas que não correm. Diſſeo Ouuidio.* 1.

Cernis vt ignauum corrumpant otia corpus?

Vt capiant vitiũ ni moueantur aquæ?

O ferro ſem vſo, comeſe de ferrugem, o ferro com o vſo reſplandece como o Sol. Diſſeo Baptiſta Mantuano.

——— Ferrum ſi tranſit in vſus
Aſſiduo ſplendore micat.

Ora aproueitemos o tempo neſtes virtuoſos exercicios, porque ſò o tempo he noſſo, tudo o mais he alheo. Diſſe o Seneca. Omnia aliena ſunt, tempus tantum noſtrum eſt. *E ſerà poſſiuel que hajamos de ſer tão perdidos do que he noſſo, & tão arrecadados do que he alheo? não parecerà locura que guarde eu com grande ancia huma peça de prata que he alhea, & que lance pella genella fóra huma joya ſendo minha? Abracemos o trabalho, que para o trabalho naſce o homem; aſſim o diſſe Iob.* Homo naſcitur ad laborem, *porque he tão arriſcado o homem ſem trabalho, que atè no eſtado da graça original, achou Deos que era neceſſario o trabalho para conſeruar a graça. Criou Deos ao homem, & fello ſenhor do mundo, & leuouo ao Paraiſo dos deleites, para que trabalhaſſe, & o guardaſſe.* Tulit ergo Dominus hominem, & poſuit eum in Paradiſo voluptatis, vt operaretur, & cuſtodiret illud. Gen. 2. num. 15.

Duas couſas ſão dignas de reparo neſte lugar: a primeira, pôr Deos no Paraiſo a Adam para que trabalhaſſe. A ſegunda, pôr Deos no Paraiſo a Adam para que o guardaſſe. Para que hauia de trabalhar

Adam

Adam naquelle felice estado, se elle não necessitaua de nada? De quem hauia de guardar o Paraiso Adam, se não hauia de quem guardar o Paraiso? Hauia de guardar o Paraiso de sy mesmo ocioso; & para guardarse a sy de sy mesmo ocioso, era necessario trabalhar. Vt operaretur, & custodiret illud. *Achando a diuina Sabedoria, que ainda não sendo necessario ainda no estado da innocencia, era necessario trabalhar para conseruar a graça.*

Mais bons fez o trabalho, que a natureza. Disse o Democrito. Plures fiũt exercitatione boni, quam naturâ. Apud Stobeũ. *Quantos forão màos por natureza, que pello trabalho forão bons? Quantos vistes soberbos, arrogantes, insolentes, ou pello estado, ou pellas riquezas, ou pello natural, que perseguidos dos trabalhos, surcando mares, vagando terras, habitando climas, tratando naçoens, á custa do trabalho cõprarão a humildade, a cortezia, a benevolencia; aprendèrão a ser homens os que erão feras, costumàrãose a ser racionaes os que erão brutos. Ià succedeo, que perguntado hum destes como estaua tão emmendado? respondeo: Os trabalhos me ensinà-*

ſinárão Oh Sabedoria meſtra! Oh exercicio louuauel cõtra os erros da natureza! Plures fiunt exercitatione boni quam naturâ. *Não ſe izentão os Monarchas, nem os Principes do trabalho, porque nelles o trabalho, & o exercicio luz mais que em todos Diz Panormitano, que reprehendendo Matheus Siculo a Affonſo Sabio de Aragão, porque com ſuas mãos trabalhaua, lhe reſpondeo rindo o Monarcha.* Nunquid Deus, & natura nequicquam Regibus manus dederunt? *Por ventura Deos, & a natureza derão de balde, & para nada as mãos aos* Reys.

Dizia Salamão, o mayor Rey *do mundo, que aprendeſſemos da Abelha a vida, & o trabalho.* Vade ad apem, & diſce ab ea, quam laborioſa ſit operatrix. *A Abelha com o trabalho colhe as flores, & das flores fabrica o mel: ſendo hyeroglifico do artificio, & do cuidado, como diſſe Pierio Valeriano.* Vnicuique manifeſtum eſt artificij, & ſedulitatis illam eſſe hyeroglyphicum. *O Eſtudioſo Academico (ſe bem baſta dizer Academico para dizer Eſtudioſo) com o eſtudo colhe as flores da doutrina, da ſciencia, da erudição, &*

deſtas

destas flores fabrica o mel, & a doçura da fama, da honra, & da gloria, que he o mais precioso. O trabalho he o mais certo thesouro das riquezas. Hum Laurador que tinha huma só vinha de seu, desejaua, & não podia deixar a seus filhos muitas riquezas, & estudando como poderia ser vsou desta industria; estando visinho à morte, quizlhes excitar os animos à inclinação, & trabalho da agricultura, para que nelle fossem mais continuos, & diligentes, & assim possuidores de maiores bens. Chamouos a sy, & falloulhes desta maneira: Meus filhos, vós bem sabeis, & bem vedes em que lugar estejão as minhas cousas, tudo o que pude nesta vida ajũtei para vós, & tudo podeis buscar na vossa vinha. Ditas estas palauras, morreo o Laurador; os filhos que crião, & tinhão para sy que em alguma parte da vinha tinha o pay escondido algum thesouro, tomando as enxadas, cauarão toda a vinha com grande trabalho, & não puderão achar nenhum thesouro (mal podião achar o que não hauia) com tudo a terra cauada, & cultiuada brotou grocissimas, & fortes varas, & deu huma fertilissima nouidade, com que ficarão ri-

cos;

cos; & donde vierão a alcançar, que a verdadeira riqueza era o trabalho, & que as riquezas estauão mais certas no trabalho que nos thesouros, que estes estão na mão, & disposição da fortuna, & aquella na minha mão.

Ora se o trabalhar nos parece cançado, suauize a pena a esperãça do premio. Premio he aquillo que se propoem diante, & se promete de antemão ao vencedor. E disse S. Hieronymo, que toda a obra por dificultosa, & trabalhosa que fosse se fazia leue com a esperança do premio. Omne opus leue fieri solet cum ejus præmium cogitatur. & spes præmij solatium fit laboris. *E que a esperança do premio era consolação do trabalho. He a honra, he o louuor, he o premio sustento dalma, assim como o corpo se sustenta do alimento. Disse o Trinero.* Corpus alimento, animus vero nutritur laude, honoribus, & præmio. *Ea animemonos Generosos, grandes forças dà a gloria ao animo, heroicos peitos cria o desejo da honra. Disse o Ouid.*

Denique non paruas animo dat gloria vires.
Et facunda facit pectora laudis amor.

Disse

Disse o Principe da Eloquencia Romana, Cicero, que a vida que era breue, porim que a memoria de hum Sciente, de hum Academico que era eterna. Porque se assim não fora, fora locura buscar com tantos trabalhos, & perigos os grandes louuores, & as grandes glorias. Breuis vita data est; at memoria bene redditæ vitæ sempiterna; quæ si non esset longior quã hæc vita, quis esset tam amens, qui maximis laboribus, & periculis ad summã laudem gloriamque contenderet.

Sabeis de todos os premios, das virtudes, das sciencias qual he o maior, & qual haueis mais de desejar? he aquella gloria que faz, que estando auzentes nos respeitem, & achem presentes nas nossas obras, & despois de mortos viuamos nos aplausos da nossa fama. Assim o affirma Catão o maior Ex omnibus præmijs virtutis amplissimum præmium est gloria quæ efficit, vt absentes adsimus, & mortui viuamus. *Não tem o gosto o Laurador quando laura a terra, temno sim quando vè na aruore que cultiuou, o fruto que esperaua. Disse o Nazianzeno.* Quando laborat cum gaudio operator in agro? quando attendit in arbo-

arborem, & fructum videt. Non sine causa dorsum incuruauit, frigus, & æstus tolerauit. *Não sem causa trabalhou, não sem gloria sofreo o rigor do frio, & o pezo da calma.*

Disse S. Bernardo, que no inuerno não se podião conhecer as aruores, todas estauão da mesma maneira, despidas, & sem ornato.

Que estar desnudos los troncos
Esla gala del Inuierno.

As que não dão fruto, & as que dão fruto todas tem a mesma figura. A aruore seca, & inutil em todo o anno, & a aruore frutifera no Outono, em nada se distinguem no Inuerno. S. Bernardo. Vt hieme arbores omnes similes sunt aridis, nec fructiferæ ab aridis internosci possunt. *Façamos pois, distinção do fructifero ao infructifero, & mostremos que samos aruores que dão fruto, que não nauegamos o mar deste mundo, & das sciencias à aruore seca, senão vento em popa, vella chea, mar bonança, marè de rosas.*

Mas que digo? errei a Oração, que hauendo de ser Panegirico aos Academicos, foi huma Exhortação a todos os ouintes.

Como

Como posso eu aduirtir a quem tanto tem que louuar? Isso he ensinar a voar as Aguias. Aquilam volare doces? *diz o Proverbio. Ensinar a sustentarse nos ares aquella que he Rainha dos ventos, dar liçoens a penetrar os ventos aquella que he Garçota das nuues. Digo que errei a Oração, que em vez de louuaruos (O Generosos) vim a aduertiruos, & aonde não ha que aduertir, somente ha que louuar, mas de meu erro hei de tirar huma reposta que conclua a minha satisfação. Sendo tanto o que aduerti, & tanto em vòs o que obrais, maior credito alcançais, do erro que commeti. Não perdi logo o trabalho, nem as redes, como diz ia Plauto dos que se cançauão de balde.* Et operam, & retia perdere. *Pois minhas aduertencias sendo tão vteis, a quem dellas necessita, mostrão em vossas obras tão fecundas, & heroicas, o premio que merceis, pois tanto as auentajais.*

Tempo he já de recolher as vellas ao discurso, & tempo he já, pois se acaba a Academia, por ora, de dar os premios a vossos trabalhos.

Depois que aquelle Laurador supremo vio acabado o dia do trabalho, disse ao mordomo

domo de ſua caſa, que chamaſte os trabalhadores para lhes fazer merce. Voca operarios & redde illis mercedem. *A ſua imitação, pois he Principe ſoberano, vos hão de premiar hoje voſſas virtudes nos aplauſos que mereceis, que não ha virtude ſem premio. No fim do tempo da Academia eſtamos, he neceſſario dar premio aos Meſtres, & aos Academicos dos trabalhos, & dos cuidados de ſeus eſtudos. Ao que acode S. Hieronymo.* Nullus labor durus, nullum videri tempus longum debet, quo gloria æternitatis acquiritur. *Não ha que ſentir o tempo que aqui gaſtais, não ha que eſtranhar o trabalho que aqui tineſtes, nem queirais outro premio, mais que a gloria da Eternidade.*

Ao ſenhor Ioſeph de Faria (a quem imito no nome ſingularmente, & vnicamente admiro na ſciencia) que tanto nos enſina cõ os documentos do ſeu Tacito, tão douta, diſcreta, & fecundamente explicados, ſatisfaremos com o que diz o meſmo Tacito. Oratores veteres famam in poſteros, præmia eloquentiæ cogitauerunt pulcherrima. *Os grandes Oradores puzerão, & eſtimarão a fermoſura, & valor de ſeus pre-*

premios na posteridade da fama. Assim elle.

Ao senhor Fr. Andre de Christo, que cõ tanta elegancia nos faz doutos na Poetica de Aristoteles, nos faz insignes na Poesia, daremos o premio de immortal por parecer de Horacio. Dignum laude virum Musa vetat mori. Cœlo Musa beat.

E finalmente seja o fim de minha Oração lembrarvos (ò Generosos) aquelle fim glorioso de vossos estudos, que ha de ser a causa por que a elles vos deis com todo o cuidado, obrigados daquella gloria que os ha de seguir. Disse o Martial.

Vos tamẽ o nostri non festinate libelli
Si post facta venit gloria, nõ propero.

Descançai agora, mas seja para cançar mais, adormecei como a Fenix, para renacer melhores. Deste fim começareis a novo principio, & dando fim a vossas obras sempre vos coroareis immortaes. Quia

FINIS

Coronat opus.

ORAÇAM.

DA SRª. ANTONIA de S. Caetano.

ROMANCE.

GEneroſo Preſidente,
De quem a Fama pregòa,
Que ſe vos deue o laurel,
Porque coroais a obra.
A certo foi do juizo,
Eleição tão venturoſa,
E tendo tão bom principio,
Tem no fim a dita toda.
De bem em melhor ſae hoje
A Academia victorioſa
Deuendo a voſſos eſcritos
O bom fim deſta victoria.
Por Apolo vos confeſſa
Obrigada a voſſas obras,
E vendoſe jà acabada,
Então ſe vè mais luſtroſa.

O que

O que em todas he defeito,
Veo a ser nesta senhora
Perfeição tão conhecida,
Que quer a conheção todas.
Brilhante acaba, & bizarra
Para renascer ayrosa
Tanto dos vossos discursos,
Como nas nossas memorias.
Creditos logra entendida
De fazer tão boa escolha,
Pois perfeita, & acabada
A vejo brilhar agora.
No remate o elegeruos
Esteue a ventura nossa,
Pois sendo gloria este fim,
Alfin se cantò la gloria.

LAVS DEO.

Sapientissimo Doctori,

IOSEPH DE FARIA

EMMANVEL.

TERPSICHORE MVSARVM PVLcherrima, & jucundissima, pro gratulatione Poematum, & inscriptionis hujus libri festiuo Sororum comitatu, & tripudiis choreas, inter cantilenas varias subsequens Argumentum, & Anagrammata nouem elogiaca, dulcissime modulabatur.

ARGVMENTVM.

Doctor Ioseph de Faria Emmanuel.

ANAGRAMMATA.

1 O Flamma Dei, à Terpsichore denuo.
2 Mons, siue de re optima, ad Heroica.
3 Heroum, Dei Fons alacer, da optimè.
4 Ad Heroum optima, Dei Fons, celera.
5 O denuo Flamma, Terpsichore idea!
6 Dum idea, optima, Heroa, Fons celer.
7 O Dei Vnda, O è Flamma Terpsichore!
8 Fide, amplè dita. Heroum es Corona.
9 Fide. Tu Palma Heroina mores doce.

Apollinis gratia, & Musarum jussu, scribebat.

Alphonsus de Alcalà & Herrera.

Nouem sunt Musæ, nouem extant Anagrammata, & literis ter nouē subsequentibus cōprobātur.

3. 1. 2. 4. 1. 1. 2. 1. 2. 1. 3. 1. 2. 1. 1. 1. } *Lit.* 27.
A. C. D. E. F. H. I. L. M. N. O. P. R. S. T. V. }

IN-

INDEX.

Sonetos.

O Ya la diuina Aurora.	25
Quando del Sol diuino.	26
Huns olhos, ò Cupido.	34
Diuinos olhos donde.	35
A ty de Hyericò Rosa.	62
Para fundar a Lusa.	67
Princepe soberano.	73
Tu es o Portuga.o Par.	74
Basta que vos feris.	75
O toda admiração, ò toda.	76
Es otro yo o Fabio el que.	76
Vencìo el Amor en la esperança.	77
Sahira Nize em certo.	78
Venhais embora ao mundo.	79
Entre os mais rigorosos.	80
O como fatigado el pens.	81
Siguete la desdicha, ò Dido.	82
Rompe el ayre la voz.	83
O Clori, que rigor tan.	84
Perdeo Nize os cristais.	84
Posto que a natureza.	85
Este que durará sempre.	86
O lugar propio.	87
Em vossa protecção Conde.	88

Oitauas.

Aquella de Iacob brilhante. 48
Fenix ſuaue ao paſſo que. 122

Decimas.

Quien es Fenix en amar. 43
Ao campo ſae huma flor. 59
O como ſente Lisboa. 120
Viola na Roſa. 120
Neſſe das Sciencias docel. 122
Deſacerto naõ, deſtreza. 124
Ideſuos minha ſaudade. 126
Iuanico que neſte dia. 130
Eſtas do martyrio flores. 135
Neſte taõ florido emp. 136
Entre os naſcidos ſois vòs. 137
Muito para bem me ſeja. 144
Templo a Fama vos ded. 145
De vòs ſenhora Cupido. 146
Douto, & entendido ſug. 150
Tamanino coraçaõ. 157

Cançoens.

Ati Affonſo el Sexto. 26
Muſa minha mais bella. 36
Occupe mis ſentidos. 51

Motes gloſados.

Tanto pode o canto que. 29
En vueſtros ojos Leonor. 46

Sino

Sino es Sol, serà deidad. 54
Amor que quando naſciò. 63
Os Amores de Maria 118
Amar Affonſo, & amaria. 65
Olhos verdes, mas ſem vòs. 157

Redondilhas.

Hum dia ditoſo canto. 56
De rizo ter me naõ poſſo. 150
Se vos naõ mudaõ agrauos. 152

Romances.

Academicos illuſtres. 20
Aqui de las nueue herm. 31
Entre dòs ſciencias màs gran. 40
Eſta Copla para caſa. 89
Metida dentro de hum boſque. 94
Enfadada de cuidados. 99
Manda o ſenhor Preſidente. 107
Nize fogi da juſtiça. 112
Baſta que perdeis minina. 114
Huyd de Nize Zagales, 116
Sou eu Roixinol minina. 130
Sem que ſejais Papagayo. 133
He poſſiuel eſperanças. 142
A Simpatia. 137
Na admiraçaõ mais diſcreta. 68
Senhor iſto he memorial. 147
Da prizaõ de hum liſtaõ. 155

Para

Para fazer hum Romance. 153
Dous annos ha que não canto. 161
Choro o mal logrado canto. 165
He o assumpto deste dia. 171
Todo o passaro que canta. 174
Bem fora deste successo. 178
Hoje faz quatro somanas. 182
Escuela de amor al vso. 184

Romances diuinos.

He este mundo senhoras. 197
Venhais embora meu bem. 201
Meu minino dos meus olhos. 203
Al festejo de las flores. 205
Valhame Deos que Minino. 207
Que se esconde en aquel marmol. 209
Atenção ao Retrato. 210
En vn Pastoral aluergue. 214